

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Faculdade de História, Direito e Serviço Social

MARIA CECÍLIA DE OLIVEIRA ADÃO

A mudança da tradição: esposas, comportamento e Forças Armadas (1964-1998)

Franca
2008

MARIA CECÍLIA DE OLIVEIRA ADÃO

**A MUDANÇA DA TRADIÇÃO: ESPOSAS, COMPORTAMENTO E FORÇAS
ARMADAS (1964-1998)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, da Unesp-Franca para obtenção do título de Doutor em História e Cultura. Área de concentração: Cultura Política

Orientadora: Prof. Dra. Suzeley Kalil Mathias

Franca
2008

Adão, Maria Cecília de Oliveira

A mudança da tradição: esposas, comportamento e Forças Armadas (1964-1998) / Maria Cecília de Oliveira Adão. –Franca: UNESP, 2008

Tese – Doutorado – História – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP.

1. Família – Comportamento – Forças Armadas. 2. Mulher – Família militar.

CDD – 355.00981

MARIA CECÍLIA DE OLIVEIRA ADÃO

**A MUDANÇA DA TRADIÇÃO: ESPOSAS, COMPORTAMENTO E FORÇAS
ARMADAS (1964-1998)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da
Faculdade de História, Direito e Serviço Social, da
Unesp-Franca para obtenção do título de Doutor em
História e Cultura. Área de concentração: Cultura
Política

BANCA EXAMINADORA

Presidente _____

Orientador: Profa. Dra. Suzeley Kalil Mathias

1º Examinador:

2º Examinador:

3º Examinador:

4º Examinador:

Franca, _____ de _____, de 2008.

Agradecimentos

A minha orientadora, Suzeley Kalil Mathias. Aos depoentes desta pesquisa. Aos colegas do Gedes e aos professores da banca. A Unesp-Franca, ao programa de Pós-Graduação em História e à CAPES, pelo suporte a esse trabalho. À minha família e aos meus amigos.

RESUMO

Pretendemos analisar e compreender a participação feminina na organização das Forças Armadas, em particular do Exército. Nosso interesse volta-se para as esposas dos militares, personagens completamente esquecidas nas diferentes análises das Forças Armadas e que, quando lembradas, são sempre vistas da forma mais estereotipada prevalecente na sociedade. Procuramos analisar a visão que estas têm e a forma como se relacionam com as necessidades criadas pelo cotidiano das Forças Armadas. Buscamos avaliar, em até que ponto, questões tais como o aumento das separações de casais, resultantes da maior participação da mulher no mercado de trabalho e de sua emancipação financeira, afetam a vida e dos valores praticados na caserna. Acreditamos que como consequência das profundas mudanças em seu papel social, econômico e político, empreendidas no último século, atualmente a mulher já não se contentaria em subordinar suas escolhas aos destinos do marido. O impacto disso sobre a própria organização militar – uma sociedade fechada que tem no casamento um dos mais importantes pilares – e sobre seus valores corporativos é interesse deste trabalho. Esta análise torna-se pertinente porque mesmo tendo um papel determinante na História, a mulher deixa um rastro tênue de sua participação, devido a sua não representação na escrita da História. Portanto, torna-se imperativo transformar a influência e a participação feminina na caserna como objeto de profunda reflexão historiográfica.

Palavras-chave: Mulheres, família, Forças Armadas, valores militares.

ABSTRACT

We intended to analyze and to understand the feminine participation in the Armed Forces organization, specially in Army. Our interest is focused in the wife of the military that is a completely forgotten character, in different analyses of Armed forces themes. When those women are reminded by the literature, they are always conceived by the prevalent stereotype in the society. We tried to evaluate the way that those women see the Armed Forces and which are their strategies to live together with the institution's daily routine. We question if subjects as the increase of the separations of couples, resultants of the woman's largest participation in the job market and other points related with their financial emancipation, do affect the life and the values practiced in the Army force. We believed that as a consequence of the deep changes in their role social, undertaken in the last century, nowadays women do not accept be subordinated by her husband destinies or choices. Therefore, we imagine that some impacts have relapsed on the military organization – cause this a closed society that has the marriage institution like one of it most important pillars - and this is other point of this research. In spite of their decisive role in the History, women leave a tenuous trace of their participation, because their actuation is not properly registered by the historiography.

Key-Words: Women, family, Armed forces, military values.

Sumário

Introdução	08
1. Domínio da Tradição	13
1.1 O Processo de Socialização Feminina e os Valores Adquiridos	13
1.2 A Importância dos Valores Tradicionais na Formação Militar	25
1.3 O Casamento como Espaço de Manutenção dos Papéis e Valores Tradicionais	35
2. Os Aspectos da Mudança	46
2.1 As Mudanças Comportamentais Femininas	46
2.2 As Forças Armadas Frente aos Novos Anseios Sociais	60
2.3 Observações Sobre a “Família Militar”	70
3. Os Reflexos da Mudança	78
3.1 A Consolidação do Atual Papel Feminino	78
3.2 A Incorporação Feminina e seus Resultados	84
3.3 Novos Arranjos nas Famílias Militares	95
Conclusões	105
Bibliografia	109
Anexo I – Postos da Hierarquia Militar	120
Anexo II – Entrevistas	121

Introdução

A pesquisa que aqui se apresenta vincula-se ao que tem se convencionado chamar “Nova História Militar”, no sentido de que, ao debruçar-se sobre a instituição militar, não o faz com o intuito de verificar quais seriam suas motivações para as intervenções na vida política do país. Antes, nosso objetivo ao estudar a formação militar é relacioná-la com as profundas mudanças que a sociedade brasileira sofreu ao longo das últimas quatro décadas.

Como ponto específico, procuramos verificar como a instituição militar, em especial o Exército e seus membros, tem se relacionado com as mudanças comportamentais empreendidas pelas mulheres neste período. Trabalhamos com a hipótese de que este fato tem causado alterações na forma de estabelecer, organizar e vivenciar os relacionamentos dentro das famílias nos meios militares. Estas têm que equacionar a relação entre as exigências bastante específicas da profissão militar, a crescente demanda pela entrada da mulher no mercado de trabalho e a satisfação das necessidades individuais de cada um dos cônjuges, cada vez mais valorizadas. É nosso objetivo compreender como esta questão vem sendo resolvida e quais são as implicações das soluções encontradas.

Considerando as mudanças comportamentais empreendidas pelas mulheres a partir da década de 60, bem como sua contribuição para a mudança ou manutenção dos estereótipos e identidades de gênero, resolvemos trabalhar com os conceitos expostos por Maria Alice D’Amorim. A autora considera que existe uma

permanência do estereótipo de gênero¹ ao longo das décadas, mas que, no entanto, há uma flexibilização constante quanto à atitude de gênero, sendo esta definida como o que se considera desejável como característica para cada sexo². Acreditamos que a flexibilização da atitude de gênero ao longo do período estudado tem permitido que as mulheres atuem de formas diversas das anteriormente aceitas e contribui para a compreensão dessa atuação nos diferentes espaços, inclusive nos tidos como marcadamente masculinos.

Para a realização do trabalho, utilizamos a História Oral como método de recolhimento e análise da documentação. Esta metodologia é adequada à proposta desta pesquisa porque permite dar relevo a ação de agentes históricos desconsiderados ou até desprezados pela historiografia, como é o caso da participação não registrada das mulheres nos diversos aspectos do fazer histórico. Neste sentido, o uso da História Oral nos permite dar voz àqueles que não estão incluídos na História e em sua escrita, o que nos permite dar concretude à história desses grupos. Entrando em contato com seu cotidiano, seus valores, fazeres, suas aspirações, alegrias e frustrações, percebemos que nos deparamos com a dimensão viva da História, que pode ser sentida pessoalmente.³

Podemos afirmar que, como método, a História Oral rompe com os limites costumeiros da pesquisa acadêmica e nos coloca em contato direto com os grupos que são receptáculos da memória. Tanto a memória pessoal, quanto a memória coletiva são formadas pelas experiências que a pessoa vive e compartilha com o grupo

¹ Entendido como “a percepção da tipicidade do traço segundo o sexo.” D’AMORIM, Maria Alice. “Cognição Social, estereótipos e sexismo”. *Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, v.2, nº2, p.160.

² D’AMORIM, Maria Alice. *Op. cit.*, p.160.

³ THOMPSON. Paul. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.30.

ao qual pertence. Sendo assim, a memória está intimamente ligada à construção da identidade, ou seja, as lembranças que o indivíduo ou o grupo guardam será fator constituinte da percepção que terá de si, para si e para os outros.⁴

A coleta, o estudo e o registro destas memória, ou seja, a passagem destes registros pelas mãos do historiador faz com que elas se transformem em História. O atual aumento do compasso da História, ditado pela aceleração do ritmo de vida das pessoas, possibilita o advento da hegemonia do efêmero, no qual o passado perde rapidamente espaço para um presente contínuo, o que favorece a perda da memória e a dispersão dos grupos nos quais ela é preservada. Neste sentido, no que se refere à grupos com experiências específicas, é urgente o estudo de suas memórias para a construção do saber histórico. Caso contrário, parte da História corre o risco de se perder.

Para a realização desta pesquisa, contamos com a participação de cinco casais militares. Dois deles eram compostos por oficiais superiores (Coronéis) e suas esposas civis, outro por um oficial subalterno (Capitão) e sua esposa, também civil, o quarto era composto por uma oficial subalterna (Capitão) e seu marido, ex-membro do Serviço Temporário do Exército e o último composto por uma oficial subalterna (Tenente) e seu marido (Subtenente). A coleta dos depoimentos foi realizada durante os dias 20, 21 e 22 de janeiro de 2008 na cidade de Brasília⁵, sob a organização do Centro de Comunicação Social do Exército (CECOMSEX). Para proteger as

⁴ POLLAK, Michel. "Memória e identidade social." *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, nº10, vol.5, 1992.

⁵ Além destas entrevistas foram realizadas entrevistas e conversas informais com membros e ex-membros das Forças Armadas que não figuram aqui como documentação para esta pesquisa. Uma das dificuldades encontradas em se pesquisar uma instituição fechada é justamente a realização das entrevistas. Por vezes, elas precisam ser autorizadas pelo comando, a escolha dos entrevistados acontece mais por designação do que por oferecimento voluntário e as declarações tendem a ser feitas no sentido de minimizar as possíveis implicações negativas das falas para a corporação.

identidades dos entrevistados, os nomes foram trocados. As entrevistas seguem em anexo.

No primeiro capítulo deste trabalho, tivemos como foco a análise a socialização de gênero feminina praticada até o início da década de 60 e a socialização profissional de um militar. Percebemos que os valores aprendidos nestes dois processos são fundamentais para compreender os tipos de relação conjugal encontrados durante a pesquisa e, também, a forma como o grupo ampliado, a chamada Família Militar, interage entre si e com a sociedade.

No segundo capítulo, procuramos expor as mudanças comportamentais empreendidas pelas mulheres a partir da segunda metade da década de 60 e verificar como estas relacionavam-se com a ocupação de novos espaços sociais nas décadas seguintes. Acreditamos que este elemento, somado à conjuntura econômica e política do país, concorre para explicar a incorporação feminina às Forças Armadas durante a década de 1980. Conjuntamente, procuramos examinar como essas famílias militares começam a lidar com estas alterações.

No terceiro capítulo, trabalhamos com o aprofundamento mudanças de comportamento femininas e com as conseqüências dessas alterações para a organização dos núcleos familiares atuais. Procuramos também oferecer um panorama sobre a participação das mulheres nas Forças Armadas e demonstrar quais são as impressões dos entrevistados sobre a presença das militares no cotidiano do Exército. No último item tratamos das novas formas encontradas nos meios militares para continuarem atendendo às necessidades específicas da profissão.

Durante a elaboração da pesquisa, procuramos compreender e relacionar os diferentes aspectos do cotidiano militar. Acreditamos que os valores adquiridos em seu processo de formação são o guia para suas escolhas futuras, além de orientarem sua conduta na convivência com o restante da sociedade e, em particular com suas esposas. Para dar conta de um processo, que em nossa interpretação, relaciona uma socialização totalizante com a convivência em uma sociedade cada vez mais pautada em valores individuais, recorremos a autores como Goffman⁶, que analisa o funcionamento de grupos sociais fechados e Gilberto Velho⁷, que tenta compreender como os indivíduos orientam-se e formam suas identidades em meio a experiências individualizantes. Para os nossos objetivos, as duas análises são complementares e se, não nos permitiram esgotar a matéria estudada, fizeram com que fosse aberto um caminho para a pesquisa da instituição militar, reconhecidamente difícil no Brasil. Além disso, este estudo quase exploratório nos possibilita fazer apontamentos interessantes que podem trazer luz sobre o assunto e contribuir para a ampliação de pesquisas sobre o tema.

⁶ GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

⁷ VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

1. Domínio da Tradição

1.1 O Processo de Sociabilização Feminina e os Valores Adquiridos

Todos os indivíduos, desde seu nascimento, passam por um processo de sociabilização, que lhes incute, dentre outros elementos, sua identidade de gênero⁸. As mulheres, desde a infância, são incentivadas a adquirir características e valores que são identificados pela sociedade como os mais adequados à figura feminina. Dentre esses, podemos destacar: a passividade, a sensibilidade, a emotividade, a submissão, a necessidade de demonstrar afeto e cuidado para com o outro, a compreensão e a dedicação. Estas características são consideradas mais adequadas para elas porque viabilizariam ou estariam ligadas ao papel que a “natureza” lhes destinou: o de gerar e cuidar dos filhos e conseqüentemente, do lar. Sendo assim, é interessante perceber que, ao longo do processo de socialização, as mulheres são *incentivadas a adquirir* estas características, ou seja, *aprendem*, ao longo do tempo, a interiorizar valores e apresentar atitudes⁹ consideradas socialmente adequadas para o período, mas que são

⁸ Estamos utilizando o conceito de gênero como “a soma das características psicossociais consideradas apropriadas para cada grupo sexual” e identidade de gênero como “o conjunto das expectativas internalizadas pelo indivíduo em resposta aos estímulos biológicos e sociais”. D’AMORIM, Maria Alice. *Op. cit.*, p.158. Em complemento, concordamos com Felícia Reicher Madeira, quando esta define que “no conceito de gênero inclui-se a dimensão psicológica e social de sexo (isto é, as características atribuídas à feminilidade e à masculinidade e os papéis que desempenham homens e mulheres em uma determinada sociedade).” MADEIRA, Felícia Reicher. “A trajetória das meninas dos setores populares: escola, trabalho ou... reclusão.” *Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p.75.

⁹ Para a execução deste trabalho, adotamos a conceituação de atitude de gênero como “a desejabilidade da característica para cada sexo”. Este conceito diferencia-se do de estereótipo de gênero, que pode ser definido como “a percepção da tipicidade do traço segundo o sexo.” Relacionando as duas definições, percebemos que o que se deseja como característica para homens e mulheres pode variar ao longo das décadas, enquanto que os traços percebidos como típicos permanecem constantes. Por exemplo: a figura do conquistador é tida como um papel tipicamente masculino, mas atualmente, para desempenhá-lo é necessário que o homem demonstre atitudes consideradas, anteriormente, como eminentemente femininas, como o cuidado com o vestuário e a forma física. D’AMORIM, Maria Alice. *Op. cit.*, p.160.

apresentados como naturais e resultam numa situação de subordinação, seja na família ou no mercado de trabalho. Estes valores passarão a integrar a imagem que elas têm de si e serão determinantes na maneira como elas se relacionarão com o mundo.

Desde a mais tenra idade, percebe-se que a divisão de tarefas entre meninos e meninas começa a marcar esta diferenciação “natural”. Embora ambos possam realizar trabalhos domésticos, estes passam a ser uma constante na vida delas, enquanto eles, aos poucos, se desvinculam deste tipo de atividade. Esta constância das tarefas domésticas no cotidiano da menina contribui para a definição do que é ser mulher, criando uma identificação entre feminino e doméstico. Laura Susana Duque-Arrazola considera que

“o cotidiano doméstico da casa marca para eles e elas uma nova temporalidade sexuada, não só cronológica, mas de práticas-tempo-responsabilidades-liberdades que significam, para meninos e meninas, diferenciações cada vez mais reveladoras da “natural desigualdade” entre homens e mulheres e seu poderes diferenciados.”¹⁰

Neste processo, o tempo da menina passa a ser ocupado, de maneira constante e progressiva, pelas obrigações domésticas. Estas denotam não um cuidado apenas para consigo mesma, mas uma obrigação para com o outro, com o grupo familiar e condicionam-na a renunciar a si mesma e dar-se aos outros.¹¹ Para o menino, ao contrário, a crescente desvinculação destas atividades leva à criação de um tempo só seu, que pode ser desfrutado conforme sua vontade. Sendo percebida como menos importante, a execução das tarefas passa a confirmar o papel secundário destinado às

¹⁰ DUQUE-ARRAZOLA, Laura Susana. “O cotidiano sexuado de meninos e meninas em situação de pobreza.” MADEIRA, Felícia Reicher. *Quem mandou nascer mulher?* Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p.368.

¹¹ Idem, p.372.

mulheres, enquanto que, para os meninos, “é a reafirmação de seus ‘direitos naturais masculinos’ e a confirmação do direito ao usufruto” do tempo feminino. “O menino torna-se independente, se individualiza, afirma seu direito à rua, a ser solto. A menina, pelo contrário, é retida em casa e definida como um ser desta.”¹²

Durante a década de 60 – período em que estava em curso uma série de mudanças comportamentais femininas – discutia-se qual deveria ser o papel desempenhado pelas mulheres. Sendo educadas para serem esposas, mães e donas-de-casa, seria apropriado que estudassem? Deveriam ter um trabalho fora de casa? Neste momento, a possibilidade de profissionalização aparecia como uma “inovação do “verdadeiro” papel da mulher”¹³ e sua maior ou menor participação no mercado de trabalho ficava intimamente ligada “às possibilidades que o sistema econômico oferecia de conciliar atividades produtivas e atividades não produtivas no lar”¹⁴. Conforme pesquisa sobre a estrutura do emprego e trabalho feminino, desenvolvida por Felícia R. Madeira e Paul I. Singer, o número de mulheres empregadas em um país pode variar em função da dinamização de um ou outro setor da economia considerado mais apropriado ao desempenho feminino.

Sendo assim, quais seriam os setores da economia considerados mais apropriados ao trabalho feminino durante a década de 60? Estamos de acordo com a idéia comum a diferentes autores de que, para definir o tipo de trabalho que seria considerado adequado ao desempenho das mulheres, temos que relacionar a idéia de “dependência”, referindo-se à dependência feminina da figura masculina desenvolvida

¹² DUQUE-ARRAZOLA, Laura Susana. *Op.cit.*, p.369 e 340.

¹³ BLAY, Eva Alternan. “Trabalho industrial x trabalho doméstico: a ideologia do trabalho feminino”. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº 15, dez/1975, p.09.

¹⁴ MADEIRA, Felícia & SINGER, Paul I. “Estrutura do emprego e o trabalho feminino no Brasil – 1920-1970”. *Cadernos CEBRAP*. São Paulo, vol.13, 1973, p.02.

durante o processo de socialização, e a constatação de que o mercado de trabalho desempenha papel fundamental na definição dos trabalhos ditos femininos. Madeira e Singer consideram que “aproveitando ainda da tradicional condição de dependência da mulher em alguns momentos do processo de desenvolvimento, determinadas ocupações são redefinidas como sendo preferível ou exclusivamente femininas”¹⁵ Exemplos deste tipo de emprego da mão-de-obra feminina seriam as indústrias têxteis, de vestuário e de produtos alimentícios que, durante as décadas de 1940, 50 e 60, empregaram um considerável contingente de mulheres. Ricardo da Costa Rabello define ocupações femininas como as que requerem “apenas qualidades medianas de quem as realiza – ocupações, postos ou serviços chamados por isso de “de mulher”. *De mulher* seriam, deste modo, as profissões que dão aos profissionais uma situação de dependência.”¹⁶ Heleieth Saffioti afirma que “as conjunturas extremamente variáveis da economia capitalista comandam, pela mediação das ideologias, a participação das mulheres nas atividades econômicas”¹⁷, definindo não só a quantidade de força de trabalho feminina, mas também a qualidade e a composição desta mão-de-obra. Em consonância, Eva Alterman Blay considera que “as carreiras desempenhadas por

¹⁵ MADEIRA, Felícia & SINGER, Paul I. *Op. cit.*, p.04.

¹⁶ RABELLO. Ricardo da Costa. “Aspectos sócio-econômicos da profissionalização da mulher.” *Cadernos: CERU*, nº06, junho/1973, p.122. De acordo com os dados levantados por Ricardo da Costa Rabello para verificar a natureza dos cargos ocupados pelas mulheres no setor industrial têxtil, no funcionalismo público e nas instituições financeiras no final da década de 60, constatamos que, entre as industriárias, havia um quadro de 88,6% de cargos de dependência, 7,2% de chefia e 1,2% de autônomas, enquanto que entre as bancárias a relação era de 87,7% de ocupações de dependência, 4,8% de chefia e 3,6% de cargos autônomos. Entre as funcionárias públicas, foram encontradas 74,4% de postos de dependência, 16,8% de chefia e 5,2% de autônomos. O fato de encontrarmos um maior número de mulheres ocupando cargos de chefia no último grupo é explicado pelos critérios de promoção adotados para o preenchimento das vagas.

¹⁷ SAFFIOTI, Heleieth. “Aspectos gerais do problema da mulher.” *Cadernos: CERU*, nº06, junho/1973, p.45.

mulheres na indústria são femininas por uma dupla ação: são socialmente consideradas adequadas à mulher e não há obstáculo por parte do mercado em empregá-las.”¹⁸

É interessante perceber que, durante a década de 1960, por causa do incremento tecnológico que incorporou a automação e a mecanização em diferentes ramos industriais, principalmente na produção de materiais elétricos e eletrônicos, tornou-se possível a utilização de mão-de-obra feminina ao lado da masculina. Em consonância com as exigências cada vez maiores por habilidades ditas femininas, as mulheres foram incorporadas à produção industrial, chegando a serem preferidas para a realização de tarefas que exigiam delicadeza e minuciosidade, como na fabricação de transistores e na indústria química.¹⁹ São elucidativas as palavras de Maria Amélia de Almeida Teles: “Dócil, submissa, sem reclamar dos salários menores que os de seus colegas homens, a mulher foi exercendo as tarefas mais monótonas e repetitivas. Obediente às novas orientações que exigiam mais destreza e produtividade, ela foi amplamente incorporada aos serviços das empresas.”²⁰

Neste período, houve, também, a tendência de empregar na indústria um grande número de mulheres em funções administrativas ou burocráticas. As mudanças tecnológicas implementadas levaram as indústrias a aumentar a contratação de pessoal ligado à administração. Estas contratações chegaram a ser maiores do que as de pessoas diretamente envolvidas na produção. Segundo dados de Madeira e Singer, em 1968, a média de pessoas admitidas para serviços administrativos era de 19% em todo o setor industrial. No entanto, as áreas que sofreram maior incremento tecnológico

¹⁸ BLAY, Eva Alterman. *Op. cit.*, p.09.

¹⁹ MIRANDA, Glaura Vasques de. “A educação da mulher brasileira e sua participação nas atividades econômicas em 1970.” *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº15, dez/1975, p.22.

²⁰ TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve História do Feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p.56.

superaram esta média, sendo de 23% na indústria mecânica, 23% na de material elétrico e 27% na indústria química²¹, justamente nos setores onde verificamos um aumento das contratações femininas. Blay também chama a atenção para as ocupações burocráticas desempenhadas pelas mulheres, considerando estas como exemplos da limitação da participação feminina nas atividades econômicas e do seu caráter de dependência. De acordo com a autora, na indústria, a mulher “não ocupa cargos de direção ou gerência. Com muita frequência, mesmo quando habilitada especialmente para atividades de produção, desempenha atividades de caráter burocrático (como engenheiras ou médicas que realizam traduções técnicas, por exemplo).”²² Indo além, Saffioti considera que, além de estarem ausentes das ocupações que conferem mais prestígio a quem as desempenha, como os cargos gerência, as mulheres ainda recebiam remunerações menores que os homens.²³

Consideramos que a ocupação destes postos de trabalho não significava uma efetiva valorização do *status* social destas mulheres, visto que passavam a ocupar posições menos prestigiadas e menor remuneradas em relação às atividades exercidas pelos homens. Neste sentido, são valiosas as palavras de Saffioti referindo-se ao salário pago às mulheres no período: “O salário feminino não apenas pode ser inferior ao do homem na medida em que é considerado complementar, como deve ser inferior a fim de manter a superioridade masculina no lar.”²⁴ É interessante perceber que, neste período, tanto trabalhadoras rurais quanto urbanas separavam nitidamente o espaço do trabalho e o espaço doméstico, sendo o segundo mais importante que o primeiro.

²¹ MADEIRA, Felícia & SINGER, Paul I. *Op. cit.*, p.38.

²² BLAY, Eva Alterman. *Op. cit.*, p.09.

²³ SAFFIOTI, Heleieth. *Op. cit.*, p.59.

²⁴ SAFFIOTI, Heleieth. *Emprego Doméstico e Capitalismo*. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1979, p.28.

Assim, percebiam sua participação na economia doméstica como auxiliar, apenas como complemento ao salário masculino, mesmo que este fosse menor que o aferido por elas. Desta maneira, o marido permanecia no posto de “chefe da família”, mesmo sendo o salário feminino essencial para a manutenção familiar. Em sua pesquisa sobre a ideologia que permeou a entrada da mulher no setor industrial, Blay constatou que estas não reavaliavam o papel de donas de casa que exerciam anteriormente. Antes, nas palavras da autora.

“o processo de manutenção da imagem da mulher voltada para o lar e os filhos se mantém quando a trabalhadora separa rigidamente sua condição de mulher da condição profissional. O trabalho não é pensado como uma função a ser desempenhada sempre, aperfeiçoada ao longo dos anos, aprofundada, mas sim como algo que foi ou será interrompido se as condições familiares ou domésticas requisitarem.”²⁵

Dentro das famílias, as mulheres continuaram a ocupar as posições designadas por sua condição de sexo. Esta mesma situação também era encontrada entre as trabalhadoras rurais. Em pesquisa efetuada por Olinda Maria Noronha entre trabalhadoras rurais, constatou-se que elas não se definiam com trabalhadoras, mas como donas de casa que estavam “no trabalho porque precisavam e que gostariam de deixar quando fosse possível”²⁶, mesmo porque seu salário era percebido apenas como ajuda, tanto por ela como por seu marido.²⁷ Sendo assim, seguindo o mesmo padrão que encontra na estrutura familiar, a mulher passa a procurar os empregos tidos como

²⁵ BLAY, Eva Alterman. *Op. cit.*, p.14.

²⁶ NORONHA, Olinda Maria. *De camponesa a “madame”*. Trabalho feminino e relações de saber no meio rural. São Paulo: PUC, 1984, Tese, p.47.

²⁷ Idem, p.55.

femininos, sem considerar a possibilidade de estabelecer uma carreira como plano de vida.

“Socializadas para se tornarem esposas e mães de família, as mulheres raramente são encorajadas a pensar em termos de uma carreira. Quando incentivadas a fazê-lo, geralmente o são em direção a ocupações que, no mercado de trabalho, representam uma extensão do papel subordinado que têm na família. Por isso mesmo, a mulher cresce e se educa pensando que se por ventura tiver necessidade de trabalhar, a sua contribuição será meramente suplementar e temporária.”²⁸

Esta situação está plenamente de acordo com as práticas de socialização utilizadas pela sociedade do período. Esta faz uso dos estereótipos de gênero para estabelecer os papéis sexuais a serem desempenhados por seus integrantes, influenciando assim, suas atuações sociais.

No processo de socialização, a aquisição de uma identidade de gênero, “conjunto de crenças, atitudes e estereótipos do indivíduo”²⁹, é estimulada principalmente pela família que, como parte do processo, cria uma expectativa em relação ao desempenho escolar da criança de acordo com seu sexo. Passam a esperar do menino um bom desempenho nas matérias ditas científicas ou exatas, para que, no futuro, ele possa desempenhar a função tradicional de chefe e mantenedor da família. Para a menina, julgam apropriado que se saia bem nas matérias humanas, tendo em vista que, supostamente, estas a tornariam mais apta a desempenhar o papel de suporte e apoio emocional para a família. Nas palavras da autora:

²⁸ MIRANDA, Glaura Vasques de. *Op. cit.*, p.23.

²⁹ D’AMORIM, Maria Alice. *Op. cit.*, p.158.

“As alternativas profissionais masculinas e femininas são bem diversas em quantidade e valor social; os meninos são encaminhados para as mais tradicionais, ou mais rendosas segundo o tipo de valores familiares. As meninas, limitadas às profissões menos exigentes e rendosas, têm ainda hoje, dificuldade de acesso às tarefas consideradas masculinas. Estas diferenças de socialização afetam a percepção do mundo e resultam em identidades de gênero diferentes.”³⁰

Em concordância com esta afirmação, o estudo “Relação entre sexo da criança e as aspirações educacionais das mães, de 1975, citado por Lena Lavinás³¹, mostra que entre os três grupos estudados – classe média e alta, renda baixa e renda muito baixa – as expectativas que as mães tinham em relação à profissionalização de seus filhos eram mais elevadas em relação aos meninos do que às meninas. Mesmo no grupo com renda superior, onde se constatava, de acordo com a autora, uma flexibilização em relação à profissionalização feminina, percebia-se a permanência da diferenciação de acordo com o sexo em relação à profissão que se desejava que o filho exercesse no futuro. De acordo com a autora:

“Perguntadas sobre o grau de escolaridade a que desejariam que suas crianças chegassem, as mães de renda média e alta revelaram almejar trajetórias similares para meninos e meninas (a meta é a universidade para ambos). Já as mães cuja renda é baixa ou muito baixa mostraram expectativas educacionais absolutamente diferenciadas para seus filhos, segundo o sexo. Enquanto a grande maioria desejava que seus varões pudessem chegar a cursar a universidade, só a metade delas aspirava ao mesmo para as filhas. Quanto ao rol das profissões possíveis, elas se dividiam entre femininas (como psicologia, enfermagem, secretariado, magistério, artes em geral etc.) e masculinas (como engenharia, medicina e direito etc.), estas portadoras de maior prestígio social.”³²

³⁰ D' AMORIM, Maria Alice. *Op. cit.*, p.159.

³¹ LAVINAS, Lena. “Gênero, Cidadania e Adolescência.” *Quem mandou nascer mulher?* Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p.27.

³² Idem, p.27.

Na maioria das vezes, estas expectativas, que correspondiam às características que eram consideradas apropriadas a cada sexo, tornavam-se parte da personalidade construída pelo indivíduo e de seu quadro de valores, em um processo de internalização que passa a orientar as escolhas futuras da pessoa. Ao tratar do processo de socialização no texto “Trabalho industrial x trabalho doméstico: a ideologia do trabalho feminino”, Eva Alterman Blay compara a iniciação feminina na atividade remuneradas com a masculina. De acordo com a autora:

“O início da atividade masculina remunerada costuma ser (parece-nos) cercada de um certo regozijo por parte da família e por uma aprovação ostensiva dos amigos. Todos acham que o rapaz que trabalha está cumprindo com seus deveres, está desde cedo ajudando na casa, aliviando seus pais de um encargo econômico, demonstrando maturidade. Mesmo nas camadas onde este trabalho não é necessário ele é altamente valorizado como prematura demonstração da atitude ‘responsável’ que o rapaz terá no futuro. Ao tratar da moça, porém, o início da vida profissional se faz frequentemente sob a expectativa de que este estágio de vida profissional se faz frequentemente sob a expectativa de que este estágio de atividade é passageiro, de que, ‘infelizmente’ ela precisa trabalhar, mas ao se casa ela não mais ‘precisará’ fazê-lo, de que está sendo obrigada a isso por razões econômicas. Quando não há este clima de estar a mulher desempenhando um ‘falso papel’ há uma muda indiferença que certamente vem se somar à desaprovação e não criar um estímulo.”³³

Portanto, percebemos que o processo de socialização realizado pela família, induzia tanto homens como mulheres a encararem a profissionalização feminina – uma inovação para o período – com reservas. Embora o trabalho produtivo fosse, de uma maneira geral, altamente valorizado pela sociedade, as mulheres não eram incentivadas a desenvolverem seu pleno potencial nesta área.

³³ BLAY, Eva Alterman. *Op. cit.*, p.11.

Um dos fatores que deveriam contribuir para aumentar a participação feminina nas atividades produtivas era a educação. As escolas, segundo Blay, “tem sido entendidas como instituições destinadas a transmitir valores e atitudes de geração a geração e a preparar os recursos humanos de uma nação para um papel produtivo.”³⁴ No entanto, antes de preparar as mulheres, entendidas como recursos humanos, para uma inovadora atividade social, a escola continuava a conduzir seus alunos para os papéis reservados pela sociedade. Guiomar Namó de Mello considera que “a escola em si mesma não é responsável pelos estereótipos culturais. Todavia, funciona como mais uma agência de socialização a fortalecê-los.”³⁵ De acordo com a autora, durante os anos 60 e 70, a escola mantinha uma postura tradicional em relação aos papéis sexuais e em alguns casos, para a realização das atividades curriculares, os alunos ainda eram separados por sexo. Para as aulas destinadas à sondagem de aptidões, meninos e meninas eram destinados a salas diferentes.³⁶ Blay conclui que:

“Ao invés de tentar incentivar as mulheres para novas atividades e novas áreas, as instituições educacionais parecem reforçar o papel tradicional, e quando tentam ampliar-lhes os horizontes para novas atividades, acabam por criar nelas conflitos, uma vez que a sociedade dificulta, ou mesmo impede a sua participação em igualdade com o homem. Por essas razões, parece que a educação desempenha um papel até certo ponto contraditório no sentido de levar maior número de mulheres a participação ativa na força de trabalho. Educando as mulheres, estaríamos aumentando a sua probabilidade de trabalho no mercado em atividade que exige mais alto nível de escolarização, mas devido ao preconceito cultural, é provável que essa maior participação não se faça em igualdade de condições com o homem.”³⁷

³⁴ BLAY, Eva Alterman. *Op. cit.*, p.23.

³⁵ MELLO, Guiomar Namó de. “Os estereótipos sexuais na escola”. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº15, dez/1975, p.142.

³⁶ Idem, p.142.

³⁷ BLAY, Eva Alterman. *Op. cit.*, p.23.

O conflito que se instala na alma feminina, ao qual se refere Blay, é definido por Heleieth Saffioti como “uma profunda ambigüidade” construída pelo processo de socialização e que leva a mulher a oscilar entre os extremos trabalhadora-dona-de-casa.³⁸ Esta ambigüidade seria, ainda, reforçada pelo fato de que as características necessárias para o sucesso no mercado de trabalho não eram as mesmas que a família e a escola incentivavam que as mulheres desenvolvessem. Este mesmo conflito ou ambigüidade acabava por criar nas mulheres o que se chamou “motivo para evitar o sucesso”, ou seja, o receio de mulheres com elevada capacidade intelectual e até mesmo inclinadas a adotarem valores inovadores, de empenharem-se demais para serem bem sucedidas. Pesquisa feita por Carmem Lúcia Barroso e Guiomar Namó de Mello mostra que é provável que, naquele período, este receio resultasse da associação entre o sucesso e a perda da feminilidade, do entendimento de que a realização profissional era incompatível com um relacionamento afetivo estável e com a maternidade ou do medo de que a competência da mulher impedisse que esta fosse amada.³⁹

³⁸ SAFFIOTI, Heleieth. *Op. cit.*, p.84.

³⁹ BARROSO, C. L. de Melo e MELLO, G. Namó. “O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro”. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº15, dez/1975, p.75.

1.2 – A Importância dos Valores Tradicionais na Formação Militar

Ao longo de toda sua carreira, um oficial militar é estimulado a adquirir e internalizar valores que são tidos como essenciais para a formação, dignificação e distinção de um membro das Forças Armadas⁴⁰. Dentre estes valores está o respeito pelos princípios da disciplina e hierarquia, tidos como os valores constitutivos ou que sustentam a existência das Forças Armadas⁴¹.

Durante sua formação, o militar passa por um processo de socialização que podemos considerar constante, e que o leva a diferenciar-se dos outros membros da sociedade. Este processo não cessa no momento de sua saída das academias militares, embora tenha nelas seu período de maior intensidade. Quanto ao seu início, dá-se no momento em que, tornando-se membro constituinte dos quadros de uma academia militar, o aluno passa a pertencer a uma instituição total, nos moldes que determina Goffman⁴² e que, dentre outras características, tem no respeito às normas estabelecidas de relacionamento entre os controlados e os dirigentes – aspirantes e

⁴⁰ Consideramos que o processo educacional pelo qual passa um indivíduo para se tornar um oficial militar utiliza muitas das características valorizadas na socialização masculina, tais como a força, o exercício da liderança e a capacidade de domínio, portanto, buscamos compreender como se realiza esta formação e quais são as características específicas valorizadas dentro deste procedimento. Acreditamos, também, que a forma como os cadetes são socializados sofreu pouca ou nenhuma variação ao longo do período estudado, principalmente no que se refere aos seus valores específicos. Por isso, as considerações feitas aqui serão utilizadas para todo o período pesquisado.

⁴¹ Segundo Oliveiros Ferreira “a hierarquia e a disciplina – que se transformaram num segundo hábito pelo treinamento e são o cimento da estrutura militar – permitem a cada um que entra em ação saber que a obediência às ordens é a condição para que” esta seja bem sucedida. FERREIRA, Oliveiros. *Vida e morte do partido fardado*. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2000, p.24.

⁴² “Um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada.” GOFFMAN, Erving. *Op. cit.*, p.16 e 19.

oficiais – um dos fatores que garantem a continuidade da existência da própria instituição⁴³.

De acordo com Goffman, na sociedade moderna, os indivíduos dormem, trabalham e brincam em lugares diferentes, convivendo com diferentes tipos de pessoas e de autoridade. Partindo deste parâmetro, o autor caracteriza como aspecto central das instituições totais o rompimento dos limites que separam estas esferas da vida. Em suas palavras:

“Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a seqüência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição.”⁴⁴

De acordo com isso, e utilizando como objeto o Exército, ao adentrar a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), o jovem prepara-se para um curso com duração de quatro anos, durante os quais viverá em regime de internato, com saídas ocasionais. Ao longo deste tempo, a instituição fornecerá todos os itens

⁴³ Referimos-nos aqui ao requisito da observância e obediência aos princípios da disciplina e da hierarquia. Sua desconsideração pode levar, em última instância, a “um desrespeito ao que estatuem leis e regulamentos militares, mas também se alterar o quadro mental, o espírito que norteia e que, em geral, é tido como típico das Forças Armadas” FERREIRA, Oliveiros. *Op. cit.*, p.21. O autor refere-se aqui à problemática em torno dos conceitos de “responsabilidade individual” e “obediência devida”.

⁴⁴ Idem, p.17.

necessários para sua permanência.⁴⁵ Já no período inicial, chamado de “período de adaptação”, que pode durar de duas a quatro semanas, os alunos⁴⁶ são divididos em grupos de doze, que correspondem aos dormitórios que ocuparão e em pelotões de trinta a trinta e cinco pessoas, sob o comando de um tenente.⁴⁷ Esta divisão leva-os a deslocarem-se sempre em grupos.⁴⁸ Neste estágio e após a matrícula, os cadetes terão seus horários rigidamente estabelecidos, com atividades que se estendem das 6 às 22 horas. Suas atividades e atitudes também serão reguladas pelas Normas Gerais de Ação (NGA), conjunto de normas que regula as condutas a serem seguidas. De acordo com Castro, “a infinidade de detalhes a serem observados e condutas a serem seguidas constitui uma das maiores dificuldades encontradas pelos novos cadetes.”⁴⁹

No que se refere ao “período de adaptação”, este é visto por pesquisadores como uma etapa de abrupta e intensa ruptura com os padrões da vida civil, aos quais os alunos estavam acostumados. Nos relatos utilizados por Celso Castro e Emília Emi Takahashi, a adaptação é tida como uma oportunidade usada, pelos oficiais que comandam os exercícios e treinamentos, para pressionar, ao extremo, tanto física como psicologicamente, os aspirantes. O objetivo seria selecionar aqueles que são capazes de se adaptar à dura e exaustiva vida na academia e

⁴⁵ De acordo com Celso Castro são fornecidos aos cadetes, “no próprio local de estudo, moradia, alimentação, uniformes, serviço de lavanderia e assistência médica e dentária, além de um pequeno soldo.” CASTRO, Celso. *O espírito militar: um antropólogo na caserna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p.14.

⁴⁶ Os alunos são oficialmente considerados cadetes após a matrícula, que ocorre ao término do período de adaptação.

⁴⁷ CASTRO, Celso. *Op. cit.*, p.19.

⁴⁸ Nas palavras de um cadete, em conversa informal: “Se você percebe que está fazendo alguma coisa (atividade) sozinho, pode saber que esta fazendo algo errado.”

⁴⁹ CASTRO, Celso. *Op. cit.*, p.23.

“homogeneizar” os alunos, ou seja, ensinar a todos a doutrina e os exercícios militares exigidos, como por exemplo, a “ordem unida.”⁵⁰

De acordo com Goffman, esta ruptura com a “cultura aparente” advinda do “mundo da família”, ou seja, com o padrão da vida civil, é necessária para eliminar “as indicações que revelem o *status* social (do cadete) no mundo externo”, ou seja, “um conjunto de experiência que confirmava uma concepção tolerável do eu e permitia um conjunto de formas de defesa, exercidas de acordo com sua vontade, para enfrentar conflitos, dúvidas e fracassos.”⁵¹ A eliminação deste suporte seria caracterizada, dentre outros elementos, pela proibição de saída durante a adaptação, pelo rígido controle dos horários e atividades e pela pressão para tornar o grupo homogêneo, por exemplo, com o uso de uniformes.

Outro fator indicativo do desligamento dos padrões anteriores é a aplicação do termo “bicho” em substituição dos nomes dos cadetes do primeiro ano. Para Goffman, esta denominação serve para “dar ao novato uma noção clara de sua situação. Como parte de um rito de passagem (...) que lhe diz que tem uma posição baixa nesse grupo...”⁵² Esta mesma idéia se aplica ao ritual do trote. A princípio ele é visto como um momento de humilhação e da demonstração da hierarquia entre os alunos.⁵³ No entanto, este tem a função positiva de criar um sentimento de

⁵⁰ Idem, p.20. TAKAHASHI, Emília Emi. *Homens e mulheres em campo: um estudo sobre a formação da identidade militar*. Tese, Unicamp, 2002, p.161.

⁵¹ GOFFMAN, Erving. *Op. cit.*, p.23 e 25.

⁵² Idem, p.27.

⁵³ Existe, neste caso, uma identificação entre os rituais praticados nas academias militares e nas universidades brasileiras. Nestas, os “bixos” – com grafia que também indica diferenciação – recebem tratamento semelhante ao dos cadetes ingressantes. Neste caso, porém, este ritual de passagem possui uma importância simbólica menor.

comunidade, de dar ao cadete do primeiro ano a percepção de que sua situação é temporária. Para Castro,

“O trote humilha aquele que almeja um status superior e lhe ensina que, antes de subir, é preciso descer à posição mais baixa. E contribui também para desacreditar qualquer auto-estima que o bicho tenha em função de sua vida pregressa e que queira trazer para a vida militar. Reduzidos simbolicamente a um estado pré-humano (de “bichos”), os novatos só reencontrarão sua dignidade se estiverem de acordo com as exigências da nova situação de vida a que aspiram.”⁵⁴

Consideramos, portanto, que o intenso processo de socialização militar visa romper com a identidade anterior do aluno, mas não somente isso, objetiva também mudar a concepção que ele tem sobre si mesmo e o identificar com uma nova função, um novo papel, considerado mais digno e moralmente superior.

Para adequarem-se a esta nova vida e serem dignificados por meio dela, os alunos das academias militares são induzidos, desde o primeiro momento, a formar ou introjetar o que se convencionou chamar “espírito de corpo”. Este pode ser definido como um sentimento de companheirismo e solidariedade que deve acompanhá-los e ampará-los não só durante a estada na academia, mas por toda a carreira militar e que com o tempo, se traduz em apego e zelo por toda a instituição. Este tipo de atitude é bastante valorizado porque ajuda o aluno a suportar e vencer os períodos iniciais, principalmente o de adaptação. Neste momento são comuns as sensações de desamparo pelo afastamento da vida familiar cotidiana, na maior parte das vezes acrescido da distância geográfica, e apreensão quanto ao desempenho e permanência

⁵⁴ CASTRO, Celso. Op. cit., p.34.

na academia; sentimentos que podem ser minorados pelo apoio mútuo entre os alunos.

Segue exemplo:

“No EIBM (Estágio de Instrução Básica Militar da Academia da Força Aérea) tem muito espírito de corpo, por exemplo, num corretivo, acho que foi o (...), não achava o tênis no quarto e todo mundo do quarto ficou ajudando ele a procurar, aí quando a gente desceu, o cadete do 4º perguntou o que tinha acontecido e antes da gente começar a pagar, ele perguntou pra turma quem mais era do nosso quarto, aí todo mundo se levantou e só tinha a gente do quarto! Isso marcou. (Cad. Av.)”⁵⁵

Percebemos que este estado de união e disposição ao apoio mútuo são bastante valorizado na caserna e tido como fundamental para a manutenção de seu funcionamento.

O processo de socialização dos cadetes também envolve a aquisição de outros valores morais que deverão nortear suas ações não só ao longo de sua carreira, mas ao longo de sua vida, enquanto forem considerados militares, mesmo não estando mais no serviço ativo. Oliveiros Ferreira considera que a busca destes valores é orientada pela “idéia predominante” de honra, que deve acompanhar o militar e promover condutas que o levem a ser considerado digno do oficialato e da defesa da Pátria⁵⁶. Em consonância, Celso Castro lista uma série de atributos que, em sua pesquisa, aparecem como sendo valorizados pelos cadetes e que, nesta perspectiva, são por nós considerados complementares e necessários para o exercício da conduta

⁵⁵ TAKAHASHI, Emilia Emi. *Op. cit.*, p.164. Grifo do autor.

⁵⁶ Em última instância, de acordo como Oliveiros Ferreira, o sentimento de honra deve criar no militar uma “ligação patética”, emocional, que comove a alma, com a Pátria e a sua defesa. Para esta pesquisa, no entanto, interessa determinar quais são as características, valores e atitudes que o militar adquire em seu processo de socialização e utiliza para se relacionar com o meio civil. FERREIRA, Oliveiros. *Op. Cit.*, p.26.

honrosa defendida por Ferreira. Dentre eles podemos citar: seriedade, profissionalismo, competência, maturidade, disciplina e ordem⁵⁷.

É interessante notar, como nos chama a atenção Oliveiros Ferreira, que estes valores devem resultar em “conduta moral e profissional irrepreensíveis”, conforme estabelece o Estatuto dos Militares em seu Título II, Capítulo I, Seção II, que versa sobre os deveres militares relacionados à ética. São, portanto, valores cuja busca é incentivada e que devem resultar em ações e atitudes regulamentadas por estatutos de aplicação interna à corporação.

Interessa frisar que à medida que estes valores são internalizados pelos cadetes e passam a orientar suas ações tem início um processo de diferenciação e afastamento do militar do mundo civil. Os valores acima citados começam a ser percebidos pelos futuros militares como opostos às características comumente observadas nos meios civis. Aos civis corresponderiam: falta de seriedade, de profissionalismo, de competência, imaturidade, indisciplina e desordem⁵⁸. Desta diferenciação deriva a distinção claramente perceptível na caserna entre nós-militares e eles-civis. Nesta relação os militares aparecem “classificados” em melhores patamares, quer dizer, são considerados detentores de melhores condições morais que os civis. De acordo com Castro, outros atributos morais percebidos pelos cadetes “reforçam e ampliam aquela fronteira (entre nós-militares e eles-civis): o senso de honestidade e “retidão” de caráter; a preocupação com causas “nobres e elevadas – Pátria, Brasil (...);

⁵⁷ CASTRO, Celso. *Op. cit.*, p.44.

⁵⁸ Idem, p.44.

o “espírito de renúncia” e o desapego a bens materiais; o respeito à ordem, à disciplina e à hierarquia”⁵⁹.

Para Ferreira, esta distinção acontece porque os civis orientam-se e estão submetidos apenas às leis nacionais, que regulam o que é legalmente aceito. Ao contrário, os militares se orientariam não só pelas leis nacionais, mas também, por normas próprias – como, por exemplo, o Estatuto dos Militares, anteriormente citado – aplicáveis apenas aos membros da instituição, que regulam não o que é legal, mas o que é moralmente aceitável. Resulta desta distinção, que em termos comparativos, os militares estariam moralmente em melhor posição – não compreendendo como, no mundo civil, por vezes, o imoral pode ser considerado legal⁶⁰.

Consideramos, portanto, que o processo de socialização militar visa substituir a identidade anterior do cadete por uma outra, tida como mais dignificante e por isso mesmo, com alto valor positivo e que deve incidir diretamente sobre sua conduta tanto entre seus pares como no mundo civil.

Este processo pode, ainda, ser analisado pela perspectiva da teoria do individualismo. De acordo com ela, vivemos em uma sociedade complexa⁶¹, que apresenta aos indivíduos oportunidades de realizarem seus projetos⁶² em contextos com diferentes potenciais para individualização ou desindividualização, ou seja, mais

⁵⁹ Idem, p.44.

⁶⁰ FERREIRA, Oliveiros. *Op. cit.*, p.32.

⁶¹ Utilizamos aqui a definição dada por Gilberto Velho: “uma sociedade na qual a divisão social do trabalho e a distribuição de riquezas delineiam *categorias sociais distinguíveis com continuidade histórica*, sejam classes sociais, estratos, castas. Por outro lado, a noção de complexidade traz também a idéia de uma heterogeneidade cultural que deve ser entendida como a coexistência, harmoniosa ou não, de uma pluralidade de tradições cujas bases podem ser ocupacionais, étnicas, religiosas etc.” (grifo do autor) VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p.16.

⁶² Definido como “ação com algum *objetivo predeterminado*” (grifo do autor). Idem, p.26.

ou menos totalizantes. Para que haja projeto, é necessário que o indivíduo possa escolher e orientar-se dentro de “*um campo de possibilidades*, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes.”⁶³ Deste ponto de vista, quando o cadete opta por pertencer a uma academia militar e tornar-se um oficial, acreditamos que este dá início a um projeto individual que envolve a aquisição das características e valores anteriormente descritos e que se desenvolverá dentro de uma instituição com alto potencial totalizante. Nas palavras de um Subtenente ao referir-se à formação dos cadetes:

“O que acontece é que mesmo não havendo contato anterior ou militares na família, o contexto onde está inserido aquele que pretende a carreira militar, quando ele busca isso, ele está isolando outras opções de vida: iniciativa privada, curso superior, estágio. Ele está inserido em um grupo muito parecido, porque há muitas semelhanças nesse grupo. Por isso que a unidade se dá tão forte lá dentro, são pessoas que se identificam e são um grupo verdadeiro. Pessoas que se juntam com objetivos comuns. (...) Quando eles se juntam, eles vão com objetivos muito parecidos. Não interessa que não sejam, ainda, militares, *mas eles acreditam no valor da carreira militar.*”⁶⁴

Como resultado, uma vez terminado seu processo de profissionalização, o oficial pertencerá a um grupo que possui uma formação com alto grau de especialidade e, também, exigências bastante específicas.

⁶³ Idem, p.27. Estamos trabalhando com a idéia de que todo indivíduo esta imerso em um contexto histórico e, portanto, sujeito a suas determinações, sendo que seus projetos estarão submetidos aos mesmos pressupostos.

⁶⁴ Entrevista concedida pelo Subtenente Martins em 22/02/2008. Grifo nosso.

É interessante perceber como a idéia de casamento e formação de um núcleo familiar próprio se relaciona com os valores militares. Na percepção do mesmo entrevistado:

“Difícilmente você vai pegar militares ou qualquer outro aluno saído de outra escola que já não vislumbre um casamento, mesmo com vinte e poucos anos de idade. Por quê? Porque nessa profissão eles garantem que são homens formados. (...) E como ser um homem formado se não pensar em família? Entende? São valores, são conceitos que não são originários da instituição militar, mas eles se encontram no grupo dos militares.”⁶⁵

Nesta perspectiva, o casamento seria, para o militar, uma forma de reafirmar a eficácia da formação que recebeu e exercitar os valores do grupo. Em uma outra interpretação, que pode ser vista como complementação, o casamento seria visto como uma possibilidade de receber o apoio necessário para superar as exigências da profissão.

“As esposas, normalmente, cooperam sobremaneira. Difícilmente um militar vai passar uma vida e vencer seus desafios profissionais, os seus cursos, o seu caminho de obstáculos – que é natural que existam – se ele não tiver uma companheira. A companheira é uma essência do sucesso das pessoas.”⁶⁶

Pensando no acima exposto, qual seria o papel, a participação das mulheres que se casam com oficiais militares? Como elas se encaixariam nas exigências específicas da profissão militar?

⁶⁵ Entrevista concedida pelo Subtenente Martins em 22/02/2008.

⁶⁶ Entrevista concedida pelo Coronel Miranda em 21/02/2008.

1.3 O Casamento Como Espaço de Manutenção dos Papéis e Valores Tradicionais

Os processos de socialização feminino e masculino das décadas de 60 produziam indivíduos que se identificavam com os estereótipos considerados adequados ao seu grupo sexual. Sendo assim, homens e mulheres internalizavam uma identidade de gênero bastante específica e distinta, que envolvia valores e posturas tidos não só como necessários, mas também como característicos de cada um deles.

Conforme vimos, as mulheres do período eram socializadas para desempenharem o papel de mãe e dona-de-casa. Para se tornarem aptas a cumprir estas tarefas, elas eram incentivadas desde a infância a adquirir características tidas como as mais adequadas para o cumprimento da incumbência que a natureza lhes havia destinado. Portanto, era considerado apropriado que se lhes inculcasse a docilidade, o cuidado, a dedicação, a compreensão e a submissão como principais características.

Percebemos, também, que este tipo de educação, recebida na família e reforçada pela escola, resultava, no momento da profissionalização feminina, em um sentimento de conflito. Sentia a mulher que desempenhava um falso papel, longe do idealmente concebido para a época. Ela esperava que, no momento de seu casamento, pudesse deixar de exercê-lo para voltar a seu lugar de destino.

Resulta disto, que o casamento era visto pelas mulheres do período como uma continuação da relação de dependência que mantinham em suas famílias. Uma vez casada, caberia a ela o cumprimento do papel para o qual havia, desde cedo, sido preparada: o de dona-de-casa e mãe.

Concordamos com François de Singly quando este atribui as seguintes características para o grupo familiar formado a partir da situação descrita acima:

“Três elementos formam um modelo de referência até hoje pouco contestado: o amor no casamento; a divisão estrita do trabalho entre o homem e a mulher; a atenção à criança, à sua saúde e à educação. Durante meio século (1918-1968), o fato de o homem trabalhar fora para ganhar o dinheiro da família e de a mulher ficar em casa para se ocupar, o melhor possível, dos filhos é uma evidência em todos os meios sociais.”⁶⁷

Érica, filha de militar e casada há mais de 20 anos com o Coronel Miranda, quando perguntada sobre como encarava as exigências da vida profissional do marido, nos revela a forma como a dedicação à vida familiar, por parte da mulher, é vista nos meios militares mais antigos⁶⁸:

“Apesar das mudanças, apesar das dificuldades, apesar de abrir mão da tua vida. Você vê que ela (a família) é muito mais importante. Esses laços de família são muito mais fortes do que a sua própria vida. É difícil, muito difícil. Hoje em dia, eu reclamo bastante, sempre reclamei, porque a gente sempre abre mão da sua individualidade em troca da família.”⁶⁹

Percebemos então, que em virtude das exigências da profissão militar, as esposas, e neste caso específico, a esposa de um oficial superior, estavam dispostas a abrir mão de seus interesses individuais em favor da manutenção da união da família.

⁶⁷ SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p.130.

⁶⁸ Entre os entrevistados, percebemos uma diferença nos discursos, tanto de maridos como das esposas, entre aqueles que são oficiais superiores (dois Coronéis e suas esposas) e aqueles que são oficiais intermediários (dois Capitães e seus cônjuges) e oficiais subalternos (uma Tenente e seu marido). Acreditamos que estas diferenças se devam a 1º) maior tempo de permanência na instituição no caso dos primeiros; 2º) Por serem mais velhos, os dois primeiros casais estariam mais sujeitos às determinações dos estereótipos e atitudes de gênero descritos no item 1.1 deste capítulo, enquanto as expectativas em relação às características demonstradas pelos demais casais seriam mais flexíveis; 3º) Os demais oficiais citados pertencem aos Quadros Complementares, ou seja, não são militares de carreira e, portanto, estão sujeitos a um menor número de transferências e não aspiram aos postos do topo da hierarquia militar.

⁶⁹ Entrevista concedida por Érica, esposa do Coronel Miranda, em 21/02/2008.

Do ponto de vista do Coronel Miranda, este tipo de apoio é essencial para o sucesso na carreira militar e na vida familiar:

“O militar com suas particularidades... Eu acho que as mulheres avultam de importância porque, na minha leitura, na minha percepção, como na dos meus companheiros (...) eu noto que as mulheres dão uma contribuição, principalmente, na parte emocional. Elas ajudam muito no sucesso, pela abnegação que elas têm, pelos cuidados que elas têm, principalmente, com os filhos, o cuidado com a casa, com as coisas, com o bem estar da nossa família. Então, essa segurança de retaguarda é uma coisa extraordinária.”⁷⁰

Sendo este tipo de apoio visto como fundamental para o sucesso profissional do militar, não seriam as escolhas de com quem se casar orientadas para o alcance deste objetivo?

Utilizando as declarações de dois dos entrevistados, podemos dizer que sim. Partindo da observação do Subtenente Martins:

“Na verdade, essas coisas não são totalmente acaso. E militares tendem a casar com mulheres que vão justamente trazer essa segurança de uma pessoa no lar. Uma esposa dedicada, coisa dessa natureza. (...) Porque isso vai gerar famílias em moldes muito tradicionais. Vai gerar porque a mulher nunca, nesses casos, foi enganada. ‘Não sabia que teria que viajar? Teria que morar numa região de selva?’ Isso não acontece. Mas gera uma família bastante tradicional. E que vai resolver aquela questão, também, da família militar, se elas são condizentes ou não. Então, essa mulher inicial é muito interessante, isso é a escolha do sujeito militar pela companheira e ainda mais no início da carreira, quando eles são novos. Isso é muito interessante porque acaba gerando esse modelo super tradicional de família: pai, mãe dona-de-casa, mãe ideal, essas coisas assim.”⁷¹

⁷⁰ Entrevista concedida pelo Coronel Miranda em 21/02/2008.

⁷¹ Entrevista concedida pelo Subtenente Martins em 23/02/2008.

Casar-se com uma mulher que concorde em gerar um núcleo familiar tradicional e que opte por zelar pelo lar e pelos filhos, na maior parte das vezes, em detrimento de seus projetos individuais, como sua formação profissional ou o exercício de uma profissão, seria a forma ideal de garantir o alcance dos objetivos propostos na socialização profissional do militar. Como exemplo, podemos utilizar a necessidade de acompanhar o marido nas transferências pelo território nacional, contingência que seria aceita pelo tipo de esposa acima citado, tido como uma “esposa dedicada”.

Outra característica importante da esposa do militar seria a sua capacidade de adequação aos meios militares. Pensando nos valores aprendidos na formação militar, percebemos que estes são os mesmos procurados nestas mulheres. Duas citações são elucidativas deste ponto, partindo da declaração de Moisés, casado com a Capitã Eduarda:

“Mas quando eu estava no Exército, que eu era solteiro, não tinha a pretensão de namorar com minha atual esposa, eu sempre tive na cabeça, sempre tive a vontade de namorar uma militar, de ser da mesma profissão, ter os mesmos ideais, ter o mesmo assunto. A gente no Exército, quando está dentro da carreira efetivamente, a gente acaba fazendo um mundo à parte. Então nós aqui dentro somos um mundo e lá fora é o civil. Então, a gente aqui dentro, a maneira de se portar, o comportamento, as conversas, os assuntos, às vezes, até as abreviações que a gente faz, as gírias que a gente usa aqui dentro, se a gente conversar lá fora, as pessoas não entendem, sendo que nós temos que alterar essa conversa. Enquanto isso, quando a gente conversa com qualquer militar, seja mulher, homem, criança, que estão dentro do mundo militar, todos eles entendem o assunto. Então, a gente acaba procurando pessoas da mesma formação.”⁷²

“No que tange esse aspecto, do que se espera da esposa, é que o meio militar, ele é formal. Então, se uma esposa, por exemplo, ela se comporta de uma maneira inadequada, naturalmente, ela vai chamar a atenção. E as pessoas tendem a se distanciar dela. Essa é

⁷² Entrevista concedida por Moisés, marido da Capitã Eduarda, em 21/02/2008.

a realidade que pode ocorrer. E a inadequação é aquilo que a gente julga que não é uma convivência harmônica. O peso da vestimenta, por exemplo. O palavrão é muito pouco usado no meio social. Uma pessoa que usa palavrão de forma contínua, inadequada ou, às vezes, imprópria, aquilo causa uma consternação. Há sempre uma expectativa da esposa de ela corresponder à semelhança do marido, uma tradição de bom convívio, de um tratamento respeitoso, mas ao mesmo tempo descontraído. Isso não quer dizer que não se brinque, não se sorria muito, não se divirta de todas as formas. Tudo isso dentro de um parâmetro que é aceitável, que é natural, de consideração e de respeito.”⁷³

Portanto, seria esperado que a esposa do militar se comportasse de maneira semelhante ao marido. Um comportamento tido como inadequado ou impróprio por parte dela, seria danoso ao convívio com o restante do grupo, o que por sua vez, poderia vir a prejudicar a ascensão profissional do marido. Neste sentido, uma forma de assegurar esta adequação seria casar-se com uma pessoa anteriormente relacionada ao meio militar. Quando perguntado ao Subtenente Martins se havia, entre seus colegas, uma preferência por casar-se com filhas de militares, a resposta é positiva:

“Isso é bastante comum. Não só filhas, às vezes, dentro da instituição-escola, o sujeito casa-se com a irmã do seu melhor amigo. Entende? Mesmo que ela não seja filha de militar, geralmente, é ligada à coisa militar e tem esse respaldo militar. Produz esse sujeito inserido dentro do contexto.”⁷⁴

Esta afirmação, de que seria mais comum e interessante para um militar casar-se com uma pessoa já inserida nos meios militares encontra respaldo no nosso universo de entrevistadas. Dentre o universo de esposas entrevistadas, 80% pertencem a

⁷³ Entrevista concedida pelo Coronel Miranda em 21/02/2008.

⁷⁴ Entrevista concedida pelo Subtenente Martins em 22/02/2008.

este grupo. Érica esclarece: “Eu mesmo já venho de uma vida militar. Então, para mim, é até mais fácil de entender, de conviver, de aceitar este tipo de vida que a gente leva.”⁷⁵

De outro lado, torna-se importante analisarmos quais motivos levaram as entrevistadas a casar-se com militares. É interessante perceber que entre elas, o fato do marido ser militar foi preponderante na escolha de apenas uma delas. “Como eu venho de um meio militar, eu sempre admirei muito (os militares), sempre gostei muito. E realmente, eu tinha a intenção de casar com um militar.”⁷⁶

Embora o amor seja apontado como o responsável pelas uniões, todas acreditam que os valores que os militares são incentivados a adquirir em seu processo de socialização contribuem sensivelmente na atração e fortaleceram suas escolhas.⁷⁷

São diversas as características ou atributos citados:

“Tudo está dentro de um contexto. Quando você namora, teus valores são diferentes. Você leva muito em consideração os valores, a formação, a seriedade, a postura. Então, o militar desenvolve muito essas características. Então, fica realmente um fator bastante atraente. (...) eles desenvolvem características bastante importantes. (...) os militares parecem ser pessoas mais sérias, mais fortes. Eles te passam uma sensação que você está mais protegida. Então, realmente, eu sempre quis casar com um militar”⁷⁸

“Eu acredito que tem algumas coisas que sim, que tornam atrativos porque, geralmente, uma pessoa que saiu de casa mais cedo, tem uma certa independência maior, já sabe fazer as coisas normais da casa. Geralmente, acho que militar não é assim, digamos, filhinho

⁷⁵ Entrevista concedida por Érica, esposa do Coronel Miranda, em 21/02/2008.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ “Não, eu o conheci, ele ainda era rapazinho, ele não era militar nem nada. Mas claro que a escolha da profissão dele, isso fortaleceu mais o relacionamento também, e porque a gente vê que é uma pessoa que tem uma conduta séria que um militar tem que ter. Então, eu acho que isso ajuda muito.” Entrevista concedida por Carolina, esposa do Coronel Oliveira, em 20/02/2008.

⁷⁸ Idem.

da mamãe, já tem essas características da independência. Eu acho melhor. Quando a gente conhece uma pessoa que é militar, mesmo sem saber, já há essa característica que fica evidente.”⁷⁹

“(…) a profissão militar, ela tem algumas exigências de comportamento da pessoa. Então, a gente tem disciplina, hierarquia, organização, então essas coisas podem ser atrativos para algumas pessoas. (...) Essas características, de ter organização, essa disciplina, e também, o próprio garbo que a farda impõe. Quando você vê as pessoas fardadas, seja do Exército, da Marinha, da Aeronáutica, parece que aquilo ali dá um atrativo a mais. Eu também falo isso, porque eu também vivi, da época que eu era solteira, morava com meus pais, e eu via muito isso na população feminina da cidade. Os cadetes eram motivos de alvo, era sedutor ver aqueles cadetes fardados, bonitos e tal. Aquele jovem, digamos assim, com um futuro promissor. Então aquilo chamava muito a atenção das meninas.”⁸⁰

“(…) eles passam uma imagem, não sei se devido ao uso da farda que eles usam. Isso passa uma imagem de cavalheirismo, de poder mesmo, as pessoas têm essa idéia.”⁸¹

Podemos perceber que as características valorizadas – boa formação, valores, seriedade, postura, independência, disciplina, organização – correspondem a fatores de atração que podem ser complementados pela representação de garbo, cavalheirismo, proteção e poder que o porte da farda pode trazer consigo.

Outro fator importante seria a valorização do companheirismo e da formação da família.

“Eu não saberia te especificar se seriam melhores pretendentes em detrimento dos civis, mas sem dúvida, eu acredito que a própria questão da disciplina, da compreensão da importância de família que a gente nota, pelo menos no que eu notei (...) contribuem significativamente, porque é uma coisa que nós mulheres

⁷⁹ Entrevista concedida pela Tenente Camila em 21/02/2008.

⁸⁰ Entrevista concedida pela Capitão Eduarda em 21/02/2008.

⁸¹ Entrevista concedida por Carolina, esposa do Coronel Oliveira, em 20/02/2008.

acabamos tendo mais um companheiro e não um marido apenas. Também acho que esses fatores contribuem sim.”⁸²

“Um casamento seguro, uma segurança na vida, no dia-a-dia. E acredito que não só o fato de ele ser militar, mas a pessoa com quem ela está casando, também transmita essa segurança para ela.”⁸³

Acreditamos que, para a sociedade mais ampla, “é o estatuto social de esposa, mais do que o de mãe, que constitui/constrói a diferença feminina como fraqueza e dependência. (...) Este oculta a dependência dos maridos em relação às esposas, invertendo-a sobretudo em autoridade e independência”.⁸⁴ Afastada do mercado de trabalho e resignada ao lar, a mulher se tornaria responsável pela realização das tarefas domésticas, manutenção deste espaço e pelo sucesso de um terceiro, o marido.

Conforme dito anteriormente, em nossa sociedade, ainda hoje, estas obrigações são consideradas menores ou desqualificadas em relação às atividades econômicas produzidas fora do ambiente doméstico. Neste sentido, a ocupação verdadeiramente importante seria a realizada pelo marido, que promoveria o sustento da família, do qual a mulher estaria dependente. Mesmo que as atividades realizadas por ela viabilizassem o cumprimento das “obrigações masculinas”, as primeiras ainda seriam vistas como secundárias em relação às últimas.

⁸² Entrevista concedida por Luiza, esposa do Capitão Mercaldo, em 20/02/2008.

⁸³ Entrevista concedida por Carolina, esposa do Coronel Oliveira, em 20/02/2008.

⁸⁴ SARACENO, Chiara. “A dependência construída e a interdependência negada. Estruturas de gênero da cidadania”. In BONACCHI, Gabriela; GROPPI, Ângela. *O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995, p.209.

No entanto, esta desvalorização do trabalho feminino frente às atividades masculinas não é percebida pelas esposas pertencentes aos meios militares. Embora os “sacrifícios” que fazem em favor da carreira do marido sejam evidentes para elas, estes não são vistos como desabonadores. Acreditamos que isto se deve, principalmente⁸⁵, a uma adesão ao projeto profissional do marido. Nas palavras de Carolina: “A esposa de militar, ela tem a que ser uma pessoa muito especial, muito desprendida, muito mesmo, em todos os aspectos. Você não pode ter uma vaidade com casa, ser apegada a nada. Você tem que ser totalmente desprendida. Hoje você mora numa casa linda, numa casa imensa, amanhã você está em uma casa pequena e é isso aí. Acho que é amor mesmo, sabe? Amor, amor e amor. É só o que eu defino ser casada com militar. *É amor à Nação, amor ao marido.*”⁸⁶ Portanto, estas esposas sentem-se trabalhando junto com seus maridos no serviço à Nação.

“Eu quando... [Risos] Agora eu vou falar que nem aquelas mulheres, ‘quando nós fizemos Estado Maior’... [risos] Têm muitos que até mandam fazer um diploma, dão para as esposas... aqueles agradecimentos, placa de prata agradecendo... [risos]”

“(...) Na verdade, eu sempre falo: o militar realmente é a mulher. Porque quem investe realmente nessa parte somos nós. Nós que estamos ali do lado. É engraçado, eu falo muito isso pro meu marido, é uma das poucas profissões que nós mulheres trabalhamos junto. Nós estamos ali junto. É chazinho, a gente tem que fazer, é jantar, nós vamos junto. É uma profissão que a mulher também está integrada. A única reclamação que eu faço é que nós não temos salário. [risos] A gente devia ganhar muito bem... [risos] E, principalmente, porcentagem de mudança, porque é uma trabalhadeira. Mas é uma coisa boa. A gente gosta. A gente interage

⁸⁵ Uma explicação complementar seria a aplicação da fórmula expressa por Singly: “O casal é a cabeça, os braços e o coração são as mulheres”, que se refere à casais onde as decisões mais importantes são tomadas conjuntamente e as concernentes ao cotidiano, pela esposa. Neste sentido, o compartilhamento das grandes decisões seria uma forma de afirmar a igualdade do casal. Entretanto, no caso militar com as especificidades da profissão, podemos ressaltar que, acrescido a isto, existe a percepção de que ambos estão sujeitos às decisões da instituição. SINGLY, François. *Op. cit.*, p.150.

⁸⁶ Entrevista concedida por Carolina, esposa do Coronel Oliveira, em 20/02/2008. Grifo nosso.

com eles, a gente participa de tudo da vida deles. E eu acho que isso também é bom pra eles, nós estarmos presentes. E acho que isso impulsiona eles a estarem trabalhando. Eu acho que a mulher tem que ser assim a base do lar. Também por eles trabalharem muito. Muitos estão estudando muito, então na maior parte do tempo estão ausentes e a gente que tem que segurar. Mulher de militar segura a barra. Segura mesmo.”⁸⁷

Falando sobre a Teoria do Individualismo, Gilberto Velho assinala que: “quanto mais exposto estiver o ator a experiências diversificadas, (...) quanto menos fechada for sua rede de relações ao nível de (sic.) seu cotidiano, mais marcada será a sua autopercepção de *individualidade singular*. Por sua vez, a essa consciência da individualidade – fabricada dentro de uma experiência cultural específica – corresponderá uma maior elaboração do projeto”, ou seja, quanto mais restrita for a rede de relações, menos individualista será o projeto. As palavras do Subtenente Martins ilustram essa afirmação:

“Agora tenho que ver... Tentar ver esse lado da mulher que se casa com um militar. É, mais uma vez tem que se destacar o que é da cultura da comunidade do que da cultura de um grande centro. Tudo tem que ficar bem caracterizado. Por que eu falo isso? Eu acho que pela educação, pelo que é dado num grande centro, aquilo que uma mulher já independente – vamos dizer assim: já dona do seu futuro, estudando, trabalhando – tem como visão de sociedade é diferente daquela mulher que está morando com os pais ou com certo rigor de alguns conceitos tradicionais de família. São coisas diferentes.”⁸⁸

Sendo assim, consideramos que alguns fatores se conjugam para explicar a adesão das esposas ao projeto do marido. No nosso universo de entrevistadas, 80% das esposas são filhas de militares, o que possibilitou que estas tivessem um contato

⁸⁷ SILVA, Fernanda Machado Chinelli. “*Eu adoro ser mulher de militar*”. Estudo exploratório sobre a vida das esposas de militares. p.08. Disponível em:

<http://www.abed-ddfesa.org/page4/page7/page21/files/FernandaChinelli.pdf>

⁸⁸ Entrevista concedida pelo Subtenente Martins, esposa da Tenente Camila, em 22/02/2008.

anterior com o meio em que seus maridos estão inseridos. Desde a infância, acostumaram-se a constantes mudanças e à valorização do núcleo familiar a que pertenciam. Além disso, admiram e adotam os mesmos valores ensinados durante o processo de socialização militar⁸⁹. Nas palavras da Capitã Eduarda:

“No meu caso, eu sou de uma família de praticamente militares. Meu pai era militar, meu irmão é militar, eu entrei na carreira militar, a minha irmã mais nova também entrou na carreira militar, a irmã do meio é casada com militar. Então, eu convivi sempre com isso, a respeitar todas as coisas que envolvem a carreira e conhecer melhor. Eu tive a oportunidade, que um civil não tem, de conhecer melhor essa vida. Então, eu admiro muitas coisas que os militares passam.”⁹⁰

Podemos perceber que, nos meios militares, existe uma adesão, tanto por parte dos homens quanto das mulheres, aos valores que os oficiais são estimulados a adquirir em seu processo de socialização profissional. Esta adesão leva à formação de casais que passam a ter um projeto comum, que se realiza por meio da carreira do marido. Neste sentido, ambos reconhecem que o papel desempenhado pela esposa – dar apoio, cuidar dos filhos e do lar, na maior parte das vezes, abdicando de projetos pessoais - é fundamental para o sucesso desta empreitada. Esta percepção é fundamental para que a esposa sinta-se valorizada, gratificando-a pelos sacrifícios pessoais realizados.

⁸⁹ Importa destacar que nas esposas mais velhas, esta adesão é ainda maior. Podemos perceber isso neste depoimento de uma esposa de General. “Ao aceitar o convite de amigas para escrever um testemunho vivido durante “minha vida no Exército”, achei que seria um livreto, onde outras mulheres também colocariam suas impressões sobre esse período, mas sem grandes pretensões, seria apenas uma gostosa conversa entre amigas, uma maneira de lembrar um tempo que nos marcou tanto. E marcou tanto, por quê? Foram 42 anos vividos dentro de “uniforme verde-oliva”. E confesso que, até hoje, 58 anos depois, eu e Armando não despimos, ainda, esse verde-oliva, porque não entramos nele, ele entrou em nós.” CARVALHO, Marilu. *Caminhando com Estrelas...* Brasília: Thesaurus, 2008, p.129.

⁹⁰ Entrevista concedida pela Capitã Eduarda em 21/02/2008.

2. Os Aspectos da Mudança

2.1 As mudanças comportamentais femininas

Conforme salientado, o processo de socialização utiliza os estereótipos de gênero para estabelecer os papéis sexuais que deverão ser desempenhados pelos agentes sociais, influenciando suas atuações. Este processo é realizado pelas instituições sociais, principalmente pela família e pela escola. A família da década de 60 tratava a questão da profissionalização de seus componentes de acordo com as relações de gênero socialmente estabelecidas. Em outras palavras, incentivavam suas filhas a desempenharem trabalhos remunerados que fossem a extensão do papel feminino socialmente definido de esposas, mães e donas de casa. Por esta razão, como vimos anteriormente, as mulheres procuravam ou aceitavam ocupações que tivessem caráter de dependência ou exigissem menor grau de qualificação.

Contudo, em consonância com uma tendência mundial, uma vanguarda de mulheres, com idade entre vinte e trinta anos, rompeu com os padrões comportamentais acima descritos e empreendeu mudanças profundas e significativas para os moldes da época. Estas mulheres pretendiam alterar os papéis sociais a elas destinados pelo processo de socialização. Esta vanguarda, pertencente à classe média, queria ultrapassar o modelo de comportamento social herdado de suas mães e avós, ou seja, queriam outro papel que não de ordenar o poder privado, familiar e materno a que estavam culturalmente destinadas. Questionavam a idéia de feminilidade vigente, que apresentava como mulher ideal “aquela frívola, pueril, irresponsável, submetida ao

homem”⁹¹, queriam demonstrar que escapavam do estereótipo *natural* da mulher passiva.

Com este objetivo, começaram questionar os valores e conceitos morais já institucionalizados como a virgindade, o casamento, a monogamia, o posicionamento da maternidade como necessidade para a realização pessoal feminina, bem como o exercício da sexualidade como dever, não como prazer e como direito a ser livremente exercido. Para esta vanguarda, a liberdade sexual se fez acompanhar da pílula anticoncepcional, cujo uso acelerou as mudanças comportamentais.⁹² Naquele período a moda também acompanhou as mudanças comportamentais. Como expressão da liberdade emergente, foram criados a minissaia e o biquíni, peças de vestuário amplamente adotadas pelo público feminino e criticadas na mesma proporção pelas alas conservadoras da sociedade, como por exemplo, a Igreja Católica.

Apesar das apreciações negativas, estas mulheres não se refrearam. Além do direito de exercer sua vontade sobre o próprio corpo, também passaram a exigir um acesso igualitário ao sistema educacional, o que possibilitaria uma qualificação para o mercado de trabalho e a conseqüente ascensão social da mulher. Desta forma, poderiam deixar de ser “apêndices econômicos” de seus maridos. Zuenir Ventura descreve da seguinte forma o posicionamento destas mulheres no que dizia respeito à independência econômica e à separação conjugal:

⁹¹ BRITO, Maria Noemi Castilhos. “Mulheres como sujeitos sociais: a diferenciação feminina.” *Revista Ciências Sociais*. Porto Alegre, vol.01, nº02, 1987, p.173.

⁹² Embora tida como fator libertador, o uso da pílula anticoncepcional demorou a se popularizar. Como mostra Zuenir Ventura: “Uma pesquisa realizada no então Estado da Guanabara, entre 1965 e 67, mostrava que 76% das quatro mil mulheres ouvidas usavam todos os tipos de velhos anticoncepcionais – dos diafragmas à raspagem do útero –, menos as pílulas.” VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p.35.

“Na prática, isso significava para elas deixar a confortável condição de apêndice econômico, a segurança psicológica de um lar, e partir para a arriscada aventura da experimentação existencial, que se podia traduzir na busca de uma profissão, e novas e descomprometidas relações, ou às vezes, em um mergulho na solidão.”⁹³

Enquanto vanguarda, mesmo ameaçadas pelo risco mencionado, estas mulheres continuaram avançando para ocupar os espaços até então tidos como tipicamente masculinos. Embora a possibilidade da mulher exercer uma profissão, com formação acadêmica, existisse desde a década de 30, somente na década de 60, com o surgimento da universidade de massas, é que se consolida esta tendência. Também, conforme vimos, a profissionalização feminina não era incentivada pelas famílias.⁹⁴

Os resultados deste avanço feminino podem ser avaliados pelos dados levantados por Rose Marie Muraro, que indicam que em 1969 cerca de duzentos mil homens estavam na universidade, enquanto no mesmo período havia apenas cem mil mulheres nas mesmas condições. No ano de 1975 – Ano Internacional da Mulher – o número de mulheres havia se igualado ao dos homens, quinhentas mil mulheres para quinhentos e oito mil homens, ou seja, o número de mulheres quintuplicou em cinco anos.⁹⁵ Percebemos que, apesar da crescente procura feminina pela formação universitária, fruto e, também, potencializadora das mudanças sociais, os cursos procurados pelas mulheres apresentavam o mesmo padrão das profissões femininas

⁹³ VENTURA, Zuenir. *Op. cit.*, p.29.

⁹⁴ TRIGO, Maria H.B. “A mulher universitária: códigos de sociabilidade e relações de gênero”. In: BRUSCHINI, C. e BILA, S. *Novos Olhares*. São Paulo: Marco Zero/Fundação Carlos Chagas, 1994, p.93. Maria Helena Bueno Trigo, faz uma excelente análise do papel socializador exercido pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, por ocasião de sua fundação na década de 30. A autora considera que com a abertura deste espaço, começou-se a cogitar, entre as famílias, a possibilidade de suas filhas cursarem uma universidade, embora isso necessariamente não significasse que futuramente, elas pudessem exercer a profissão para a qual estudaram.

⁹⁵ MURARO, Rose Marie. *Sexualidade da mulher brasileira*. Corpo e Classe social no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1983, p.14.

discutidas anteriormente. Em outras palavras, embora houvesse uma flexibilização em relação à atitude de gênero – era crescente a aceitação de que a mulher procurasse se profissionalizar no que era socialmente aceito como profissão “de mulher” – o estereótipo de gênero aprendido no processo de socialização ainda desempenhava um papel importante nas escolhas profissionais femininas. Assim encontramos uma preponderância feminina nos cursos relacionados a letras, artes, educação, filosofia, psicologia e enfermagem⁹⁶, enquanto, por exemplo, somente 3% dos matriculados nos cursos de engenharia em 1971 pertenciam ao sexo feminino.⁹⁷ Notamos que, embora o aumento no número de matrículas femininas tenha sido significativo, ele não se distribuiu de maneira uniforme entre os cursos das diversas áreas de conhecimentos.

Outro fator que indica o aumento constante da presença feminina nas universidades foi a entrada de um considerável número de mulheres, professoras assistentes, nos cargos deixados por professores cassados em 1968, mostrando que estas eram numericamente significativas nos quadros das universidades naquele período. Chama a atenção o fato de que a grande maioria das contratadas fosse constituída de mulheres solteiras⁹⁸. Isto possivelmente aconteceu pela recente qualificação profissional adquirida por estas mulheres. Provavelmente, estas não estavam comprometidas com os encargos familiares produzidos pelo casamento e podiam se dedicar integralmente à profissionalização. Esta possibilidade as diferenciava das mulheres casadas que, para obterem a mesma qualificação, tinham

⁹⁶ GOLDBERG, Maria Amélia Azevedo. “Concepções sobre o papel da mulher no trabalho, na política e na família”. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº15, dez, 1975, p.103.

⁹⁷ BARROSO, C.L. de Melo e MELLO, G. Namor de. *Op. cit.*, p.52.

⁹⁸ TRIGO, Maria H.B. *Op. cit.*, p.106,107.

que enfrentar desafios mais numerosos, como a dupla jornada e o conflito instalado entre a dedicação ao trabalho doméstico e a realização profissional.

Portanto, consideramos que apesar da forte influência que o estereótipo de gênero inculcado nas mulheres por meio do processo de socialização exercia no comportamento e nas suas escolhas profissionais da década de 60, as mudanças comportamentais empreendidas naquele período por uma vanguarda de mulheres não devem ser desconsideradas. Estas mudanças permitiram que nas décadas seguintes as mulheres pudessem conquistar efetivamente espaços e direitos iguais aos dos homens. Também possibilitaram que a expectativa em relação à atitude de gênero feminino fosse alterada, permitindo que as mulheres fossem socializadas desenvolvendo e valorizando outras características que não as imediatamente identificadas com o ser feminino doméstico. Estas mudanças abriram espaço para que as mulheres de gerações posteriores desenvolvessem outros papéis sociais.

Conforme dito, historicamente, os indivíduos sempre agiram influenciados pela identidade de gênero adquirida em seu processo de socialização. De acordo com isto, as mulheres, de quem se esperava submissão, obediência e passividade, estiveram confinadas ao espaço privado do lar, principalmente após a extrema racionalização dos papéis sexuais ocorrida no século XIX. Portanto, o papel social destinado à mulher não permitia que esta possuísse o poder político, tradicionalmente masculino, mas possibilitava que ela exercesse influência sobre a sociedade civil, numa equivalência entre feminino, poder privado e sociedade civil, em oposição a masculino, poder político e Estado. Isto não quer dizer que dentro de seus lares as mulheres reinassem absolutas: havia ainda o chefe da família, a quem

deveriam prestar contas sobre as decisões tomadas ou ordens não cumpridas. Neste sentido, Michelle Perrot considera que “o poder político é apanágio dos homens – e dos homens viris. Ademais, a ordem patriarcal deve reinar em tudo: na família e no Estado. É a lei do equilíbrio histórico.”⁹⁹

Portanto, para a vanguarda feminina que empreendeu mudanças comportamentais durante a década de 60, significava uma grande ousadia pretenderem um espaço considerado masculino. No entanto, muitas delas ousaram e o fizeram de maneira dupla. Um considerável número de mulheres pertencentes a este grupo, além de tornar-se militante política, passou ainda a integrar as organizações políticas de esquerda que se opunham ao regime militar instalado em 1964 e, em muitos casos, optaram pela via armada como solução política. Oriundas principalmente do movimento estudantil, estas mulheres compunham cerca de 18% do total dos integrantes das organizações de esquerda que pegaram em armas contra o regime militar¹⁰⁰.

Embora estas mulheres acreditassem que estavam desempenhando um importante papel na transformação da sociedade, este fato não era percebido pelas organizações em que se engajavam. Enquanto as militantes questionavam “a redução das formas de discriminação social ao exclusivo conflito de classes, condenavam as hierarquias, as estratégias que subordinavam as reivindicações e lutas das mulheres”

⁹⁹ PERROT, Michelle. *Op. cit.*, p.175.

¹⁰⁰ Dados retirados de RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: UNESP, 1993, p.197. Marcelo Ridenti, com base nos arquivos do projeto Brasil: Nunca Mais, classifica as processadas aqui citadas como pertencentes às “camadas médias intelectualizadas” (p.197). Maria Amélia de Almeida Teles em *Breve História do Feminismo no Brasil* (p.64), calcula o total de mulheres que participaram dos grupos armados com base no levantamento de mortos e desaparecidos políticos feito pelo Comitê Brasileiro de Anistia. Considera que de um total de 340 nomes, 40 são mulheres, perfazendo um percentual de 11,7%, que coincide com o número apresentado pelo livro *Perfil do Atingidos*, que é de 12%. Devemos, portanto, considerar que não existe um levantamento exato sobre o número de mulheres que participaram das organizações de esquerda armada ou não.

ao advento do período revolucionário “sempre distante”¹⁰¹, as organizações relegavam a discussão sobre as questões femininas específicas – discriminação salarial, dupla jornada e discriminação sexual - à segundo plano, consideradas como divisionistas das lutas gerais contra a ditadura militar. “Não percebiam que a defesa da liberdade do corpo se opõe frontalmente ao autoritarismo e se integra plenamente na luta por melhores condições de vida e trabalho”¹⁰².

Esta vanguarda feminina tornou-se precursora do debate feminista que se consolidou no final da década seguinte. Estas mulheres percebiam a importante contribuição que a discussão dos problemas femininos específicos daria para a solução dos problemas que as esquerdas propunham-se a resolver, tendo em vista que a exploração da mulher era essencial para a reprodução do capitalismo. No entanto, a consolidação do movimento feminista no Brasil deu-se apenas no final da década de 70, quando muitas militantes retornaram do exílio e encontraram um espaço de discussão maior do que o existente na década anterior. Até então, o governo militar procurava construir sujeitos políticos únicos desprovidos de visão crítica e por sua natureza conservadora, “reforçava a construção de sujeitos historicamente retrógrados”¹⁰³. Da mesma forma, as organizações de esquerda consideravam divisionistas as questões feministas e não permitiam a criação de um espaço amplo de discussão.

Como caso específico, no Brasil, a emergência do movimento feminista esteve associada à luta pelo restabelecimento das liberdades democráticas, tendo em

¹⁰¹ LOBO, Elizabeth Souza. “Mulheres, feminismo e novas práticas sociais” *Revista Ciências Sociais*. Porto Alegre, vol.01, nº02, 1987, p.266.

¹⁰² TELES, Maria Amélia de Almeida. *Op. cit.*, p.147.

¹⁰³ PINTO, Celi Regina Jardim. “A mulher como sujeito político: o caso latino americano.” *Revista Ciências Sociais*. Porto Alegre, vol.01, nº02, 1987, p.169.

vista que estas mulheres acreditavam que em nenhum momento a luta pela libertação feminina deveria estar desassociada da busca de soluções para os problemas gerais da sociedade. Neste contexto, em um primeiro momento, grande parte das militantes que retornaram do exílio reintegrou-se às organizações de esquerda remanescentes e, posteriormente, aos partidos políticos reconstituídos - como foi o caso do Partido Comunista do Brasil (PC do B). No entanto, voltaram a enfrentar resistências, como relata Maria Amélia de Almeida Teles:

“Os dirigentes do partido não admitiam que suas militantes discutissem questões como sexualidade, aborto e o direito de a mulher decidir sobre seu corpo. Eram contrários aos encaminhamentos de lutas contra a violência doméstica e sexual. Diziam-se temerosos de que tais questões pudessem provocar “divisões no seio da classe operária”. Argumentavam que tais bandeiras satisfaziam apenas uma elite e não “galvanizavam as amplas massas femininas”.¹⁰⁴

Em alguns setores da esquerda, as feministas eram classificadas como burguesas e suas propostas como sexistas. Suas propostas eram rejeitadas porque supostamente não interessavam às mulheres pertencentes à classe trabalhadora. E mais: poderiam trazer discórdia e divisões aos lares dos trabalhadores.

Confrontadas com tais resistências, as feministas brasileiras deram-se conta de que o movimento necessitava de autonomia frente aos partidos políticos, embora existam ainda feministas atuando neles. Passaram a acreditar que “no movimento devem participar tanto mulheres autônomas como militantes de partido.

¹⁰⁴ TELES, Maria Amélia de Almeida. *Op. cit.* p.123.

Esse movimento deve ter uma estrutura que garanta a democracia interna, impedindo a manipulação”.¹⁰⁵

A sociedade como um todo também resistia ao movimento feminista. O feminismo era associado ao homossexualismo feminino. Por meio dos órgãos de imprensa, era transmitida uma imagem pejorativa de mulheres que se organizavam contra os homens e queimavam sutiãs em sinal de rebelião. Principalmente nos setores conservadores da sociedade, havia o temor da desagregação e da perda dos valores morais. Temiam que esta subversão de valores pudesse destruir as famílias. É interessante notar que este tipo de temor estava plenamente de acordo com as expectativas sociais vigentes no período para o papel feminino. Neste sentido, podemos destacar a discussão anterior (1939 a 1942) do anteprojeto “Estatuto da Família” que propunha em seu conteúdo duas idéias consideradas indissociáveis: “as necessidades de aumentar a população do país e de consolidar e proteger a família em sua estrutura tradicional”. O anteprojeto propunha que o Estado fornecesse educação diferenciada para homens e mulheres, a fim de que as mulheres tornassem-se “afeiçoadas ao casamento, desejosas da maternidade, competentes para a criação dos filhos e capazes da administração da casa”.¹⁰⁶ Ficam evidentes aqui as características esperadas no comportamento feminino que, embora tidas como “naturais”, deveriam ser reforçadas através da educação formal, para assegurar a preservação da instituição familiar.

¹⁰⁵ TELES, Maria Amélia de Almeida. *Op. cit.*, p.127.

¹⁰⁶ LOURO, Guacira Lopes. “Donas de casa, artesãs e técnicas.” In: BRUSCHINI, Cristina & BILA, Sorj. *Novos Olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil*. São Paulo: Marco Zero: Fundação Carlos Chagas, 1994, p.165. Embora tenha sofrido alterações, algumas idéias deste projeto tornaram-se parte da Reforma Capanema de 1942.

Uma atitude com as mesmas características acima citadas e valorizadas, pode ser percebida nas mulheres de direita organizadas que marcharam em apoio à instalação de um governo militar em 1964. Organizadas por entidades surgidas a partir de 1962 - como a União Cívica Feminina, o Movimento da Arregimentação Feminina (MAF) e a Campanha da Mulher pela Democracia (Camde) -, milhares de mulheres participaram da Marcha com Deus pela Família e a Liberdade. Estimuladas por setores da direita, estas mulheres desenvolveram uma “prática política” que, embora ativa e organizada, não rompia com as expectativas tradicionais a elas destinadas. Ou seja, embora politicamente ativas, não deixavam de ser mulheres passivas e submissas. Embora as lideranças estivessem conscientes do papel que estavam desempenhando, grande parte das mulheres que compunham este movimento acreditavam que estavam salvando suas famílias e o país.

Em certa medida, a prática política desenvolvida por estas mulheres era desprovida de conteúdo inovador, pois acontecia a partir da manutenção da separação tradicional entre mulher e política orquestrada pelas forças de direita. Concordamos aqui com os argumentos apresentados por Marcello Baquero e Jussara R. Prá, no artigo “Participação real e espaço imaginário: a mulher e a democracia na América Latina.”¹⁰⁷ Neste, os autores consideram que os setores de direita contrários ao nacional reformismo, interessados na manutenção de seus interesses, lançaram mão de suas mulheres para a “defesa da democracia”, identificando implicitamente o estereótipo tradicional de feminilidade e o subsequente papel de esposa, mãe e dona-de-casa, com o qual nem mesmo as lideranças haviam rompido, com a defesa da

¹⁰⁷ BAQUERO, Marcelo & PRÁ, Jussara R. “Participação real e espaço imaginário: a mulher e a democracia na América Latina.” *Revista Ciências Sociais*. Vol.01, nº02, 1987.

Pátria, da Família e da Propriedade. Nesse sentido, podemos dizer que a prática feminina era desprovida de inovação porque fazia parte de um plano onde setores políticos souberam “operacionalizar métodos e estratégias” para mantê-las afastadas da política. Os autores sugerem que,

“Nesse caso, o objetivo primeiro dos mentores dos movimentos revolucionários, consistia em chamar a mulher às ruas para que ela viesse defender o privado (família) até que, uma vez restauradas a ordem democrática, ela voltasse a atuar única e exclusivamente no espaço privado.”¹⁰⁸

Em verdade, houve, por parte de setores da direita, uma manipulação do interesse destas mulheres em defender seu espaço privado. Elas saíram às ruas, ao espaço público sem questionarem a situação de subordinação a que estavam submetidas em suas vidas cotidianas. Não havia por parte delas interesse em obter ganhos políticos específicos com sua atuação, ou seja, aceitavam atuar apenas como suporte para a prática política masculina. Podemos perceber este fato como a internalização sem questionamentos dos papéis sexuais impostos pela sociedade. Estas mulheres incluíram em suas identidades de gênero a submissão e a passividade como uma característica intrinsecamente feminina.

Estas mulheres, uma vez organizadas, assumiram também outros dois papéis: o de representantes da opinião pública e o de atuação junto às classes populares para a conscientização destas a respeito da importância do fortalecimento da democracia, utilizando para isto campanhas assistencialistas e reuniões na periferia para tratar de assuntos como civismo e educação democrática. Após 1964,

¹⁰⁸ BAQUERO, Marcelo & PRÁ, Jussara R. *Op. cit.*, p.196.

permaneceram como entidades de apoio ao novo regime instalado, defendendo as medidas adotadas por este. Acreditamos assim, como os autores, que

“desta forma, as mulheres se mobilizaram mais uma vez (dando continuidade à sua pregação anticomunista) não só para exigir a punição indistinta de socialistas, comunistas, populistas, militantes políticos, etc., mas também, buscando dar legitimidade às diversas medidas políticas dos governos revolucionários e reivindicando para si, a posição de “termômetros da opinião pública”.”¹⁰⁹

Neste mesmo papel de termômetro da opinião pública, as mulheres passam a organizar o Movimento pela Anistia em oposição às medidas repressivas adotadas pelo Estado militarizado. Sendo mães, esposas, filhas e companheiras, começaram a reivindicar medidas do governo militar a respeito do desaparecimento de presos políticos e a volta dos exilados.¹¹⁰ O início desta movimentação deu-se ainda no ano de 1968, quando da prisão dos estudantes que participavam do 30º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) em Ibiúna, formou-se uma comissão de mães pela libertação de seus filhos. Em 1975, no Ano Internacional da Mulher, estas mulheres passaram um abaixo assinado que percorreu todo o país acompanhado do “Manifesto da Mulher Brasileira”, em favor da anistia. Com a grande adesão de estudantes, profissionais liberais, outros trabalhadores e mães de família, criou-se o Movimento Feminino pela Anistia, que mais tarde passou a integrar o Comitê

¹⁰⁹ BAQUERO, Marcelo & PRÁ, Jussara R., *op. cit.*, p.198.

¹¹⁰ Processo semelhante aconteceu na Argentina, protagonizado pelas *Mães da Praça de Maio* em 1977, que saíram às ruas para pedir a volta dos presos políticos desaparecidos e combater a política de repressão do governo revolucionário argentino. Para mais informações sobre este assunto ver: RODRIGUEZ, Matilde. *Participação das mulheres na guerrilha argentina*. Franca: UNESP, Dissertação de Mestrado, 2001.

Brasileiro pela Anistia, que contribuiu decisivamente para a aprovação da Lei da Anistia em 28 de Agosto de 1979.¹¹¹

Com relação a estes movimentos de oposição ao regime, liderados pelas mulheres, chama a atenção o fato de que estas sofreram “pouca” repressão, apesar de seu movimento opor-se efetivamente ao estado de coisas instituído. Isto aconteceu porque mães, esposas, filhas e companheiras postavam-se como guardiãs de suas famílias que reivindicavam a volta de seus familiares, ou seja, seres privados que por não estarem disputando espaço político não mereciam repressão direta.

Portanto, percebemos que na década de 60 as mulheres tiveram uma atuação política ativa. Em um primeiro momento, encontramos as mulheres de direita organizadas marchando contra as medidas nacional-reformistas do governo Goulart que acabaram por apoiar, respaldar e legitimar o golpe militar. Embora tivessem uma atividade política ativa e organizada, esta se mostrou sem conteúdo inovador, já que não rompia com os estereótipos de gênero praticados pela sociedade nem pressupunha a permanência das mulheres no cenário político. Estas mulheres foram convocadas apenas para defenderem elementos sociais identificados com a ordem privada e para esta mesma ordem deveriam retornar após desempenharem seu papel.

Em um segundo momento, encontramos as militantes de esquerda que, mesmo desorganizadas quando do advento do golpe militar, ao contrário das mulheres de direita, tornaram-se *mulheres* críticas que passaram por mudanças comportamentais. Questionaram o papel sexual a elas destinado, que incluía a passividade e a subalternidade como características femininas “naturais” e as colocava

¹¹¹ TELES, Maria Amélia de Almeida. *Op. cit.*, p.82.

em situação de desvantagem nas relações sociais. Queriam alterar este quadro e, para tanto, reivindicavam espaço para a discussão de seus problemas específicos fora e principalmente dentro das organizações de esquerda. Com o retorno das militantes do exílio, no final da década de 70, os saberes sobre os problemas femininos específicos que haviam ficado dispersos foram reaglutinados e ligados às lutas gerais da sociedade, dando assim importante contribuição para a consolidação do movimento feminista no Brasil.

2.2 As Forças Armadas Frente aos Novos Anseios Sociais

No Brasil, as mulheres passaram a ter acesso direto à instituição militar a partir da aprovação da lei nº 6807 de 07/07/1980 que cria o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha, que, a partir deste momento passa a ser responsável pelo exercício de atividades técnicas e administrativas. Isto ocorre dentro do contexto da chamada distensão “lenta, segura e gradual”, em curso desde 1974, motivada pelo convencimento militar de que era chegada a hora de abandonar o centro da política. Esta posição deveu-se à perda de controle da situação que além dos danos causados ao aparelho estatal, afetou um dos pilares essenciais à existência das Forças Armadas: a coesão interna. Além disso, houve um severo desgaste da imagem destas perante a Nação.

A inserção da mulher militar está inscrita, também, no quadro de profunda recessão que atravessou o país entre os anos 1974 e 1979, reflexo dos dois choques do petróleo e da conseqüente redução das exportações brasileiras, o que, por sua vez, se encaixa no panorama de endurecimento da Guerra Fria e na “crise de hegemonia” dos Estados Unidos, decorrentes dos massivos investimentos em tecnologia militar. Estados envolvidos em guerras, como os Estados Unidos e a Alemanha, buscaram uma profissionalização do efetivo militar, desviando para a batalha homens que prestavam serviços administrativos ou de saúde e passando a admitir mulheres, em caráter de voluntariado para assumirem os cargos vagos¹¹².

¹¹² ALMEIDA, Mariza Ribas D’Ávila. Contexto Político-Institucional do processo decisório sobre a admissão da mulher militar. p.03. Disponível em: <http://www.abed-defesa.org/page4/page8/page9/page14/files/MarizaRibas.pdf>

Logo, estas novas políticas chegariam a diversas partes do mundo: Em 1975, outro projeto de lei, apresentado pelas próprias Forças, organizava a abertura da carreira militar às mulheres, o qual foi vetado pelo Executivo.¹¹³ Em 1979, o senador Orestes Quércia, defendeu no Senado, um projeto de sua autoria que propunha o ingresso voluntário das mulheres nas escolas militares de nível superior, acreditando que esta condição fosse mais justa ao se comparar à obrigatoriedade do serviço militar. Para Almeida, embora a proposição, tenha sido mais uma vez indeferida, ela foi, juntamente com o movimento mundial de revisão da profissionalização das Forças Armadas e com a efervescência do feminismo, responsável pela reforma no ano seguinte¹¹⁴. Não menos importante que o cenário internacional, no caso específico da Marinha, seria a “conveniência” da presença da mulher diante do novo papel institucional que esta Força deveria representar. De acordo com a autora, trata-se de uma demanda de 1951 que deixou de ser desprezada pelo Estado Maior da Armada (EMA) em 1979, quando se percebe que a presença da mulher poderia suprir a falta de pessoal em algumas áreas de apoio. Assim, os homens seriam melhor aproveitados em funções operativas navais, enquanto se estabelecia uma divisão sexual de trabalho baseada em características tradicionalmente atribuídas ao estereótipo de gênero masculino e feminino. Sendo assim, como mostra a autora, mais uma vez, assiste-se a um episódio não muito diferente do que envolveu o recrutamento feminino nas grandes guerras: a necessidade da presença da mulher na retaguarda – como enfermeiras ou costureiras – a fim de liberar mão-de-obra para o combate¹¹⁵.

¹¹³ ALMEIDA, Mariza Ribas D'Ávila. p.03.

¹¹⁴ Idem, p.03.

¹¹⁵ Idem, p.04.

Além desta adequação da inserção da mulher segundo as necessidades da Marinha e de acordo com os moldes que a instituição julgava próprios para a atuação feminina, cabe ressaltar, também, o papel da mulher na recuperação da imagem da Força, dado o desgaste do prestígio militar após tantos anos no poder político. A Marinha entendeu que a aceitação da mulher transmitiria uma impressão de maior humanização da instituição, bem como de sua modernização. Um dos objetivos a serem alcançados pelas Forças Armadas durante o período de distensão era recuperar a “abrangência social” de boa reputação. A presença de mulheres em desfiles militares foi, por isso, amplamente explorada, conseguindo arrancar aplausos de um público traumatizado com a violência do regime. Almeida opina que o sucesso da medida se pautou no empréstimo por parte das mulheres de suavidade e distinção à corporação, características próprias dos “signos socialmente construídos e naturalizados, tradicionalmente atribuídos ao papel feminino em nossa sociedade”¹¹⁶. Este comportamento, por outro lado, reproduziria uma prática social geral, de acordo com a qual as mulheres são chamadas sempre em que há demanda de flexibilização de padrões de rigidez, “garantindo tanto a modificação das estruturas quanto a adaptação à conjuntura”.

Desta forma, pode-se observar que o primeiro exemplo que temos de inserção das mulheres nas Forças Armadas brasileiras, não derivou de firme decisão quanto ao igual desempenho das mesmas em funções correlatas a dos homens militares, mas representou uma situação de oportunismo imediato a fim de suprir falta de pessoal e melhorar a imagem institucional. Situação similar ocorrera em Portugal

¹¹⁶ALMEIDA, Mariza Ribas D’Ávila. *Op. cit.*, p.04.

no momento de extinção do serviço obrigatório, quando se fez urgente formar uma força militar voluntária. Neste caso a permissão de entrada das mulheres foi usada como recomposição da imagem enquanto fator atrativo a candidatos homens às fileiras militares.

Entre os anos de 1995 e 1999 o Brasil debateu o modelo de recrutamento militar – obrigatório ou voluntário. O primeiro prevaleceu sob o argumento de que era possível contar com o necessário e expressivo contingente com boa capacidade de mobilidade para caso de ocupação da Amazônia. O recrutamento obrigatório de mulheres entrou em discussão, recebendo do Ministro da Justiça a consideração de que a igualdade não deveria ser forjada, mas deveria acontecer conforme se estendesse a todos os aspectos da vida. Ou seja, considerar-se-ia a hipótese de recrutamento obrigatório feminino quando os homens assumissem iguais responsabilidades domésticas e familiares¹¹⁷.

O acesso à formação para funções de combate seguiu sendo negado pela Marinha às mulheres, a partir da alegação da diferença biológica socialmente construída. É certo, entretanto, que as discussões em torno destas pequenas mudanças incentivaram o estudo por parte da Marinha que culminou na extinção do Quadro Auxiliar Feminino, em 1998. Tal medida permitiu que mulheres participassem em missões nos navios hidrográficos, oceanográficos e de guerra.

Na Força Aérea Brasileira (FAB), a primeira turma de mulheres ingressa em 1982, sendo graduadas como 2º Tenentes, 3º Sargentos e Cabos. Em 1996 ingressou a primeira turma de cadetes femininos na Academia da Força Aérea (AFA –

¹¹⁷ ALMEIDA, Mariza Ribas D'Ávila. *Op. cit.*, p.09.

Pirassununga/SP), na Intendência e em 1998, a primeira turma na Aviação. Assim, em 1999 formou-se a primeira turma de oficiais militares femininas graduadas em uma academia militar brasileira. No Exército, apenas em 1992 ingressou a primeira turma com 49 mulheres na Escola de Administração do Exército (EsAex – Salvador/BA), para a formação de oficiais de Quadro Complementar. Sendo assim, nas três Forças, as mulheres passaram a servir voluntariamente em diversas áreas, como médicas, enfermeiras, dentistas, farmacêuticas, veterinárias, professoras, engenheiras, advogadas, jornalistas, arquitetas, dentre outras profissões¹¹⁸.

É interessante notar que, nos casos em que as escolas militares passaram a aceitar a participação feminina, houve, pelo menos em um primeiro momento, um estranhamento e um desconforto na convivência entre homens e mulheres. Utilizando os estereótipos de gênero aceitos na sociedade¹¹⁹, dentro da academia, havia a percepção, por parte dos cadetes, de que as mulheres estavam ocupando um espaço que não lhes pertencia. Acreditavam que estas não eram “naturalmente” talhadas para as atividades que estavam se propondo a cumprir e sua presença dentro das academias era vista como prejudicial¹²⁰. De acordo com a pesquisa de Emília Emi Takahashi, os homens consideravam que “elas “amolecem” o ambiente, são mais competitivas, mais

¹¹⁸ D' ARAÚJO, Maria Celina. “Mulheres, homossexuais e Forças Armadas no Brasil” In: CASTRO, C. IZECKSOHN, V. KRAAY, H. (orgs.). *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.447.

¹¹⁹ D'AMORIM, Maria Alice. *Op. cit.*, p.160. Conforme salientado anteriormente, a autora considera que existe uma permanência do estereótipo de gênero ao longo das décadas, mas que, no entanto, no mesmo período, houve uma flexibilização constante quanto à *atitude*, sendo que esta é definida como o que se considera desejável como característica para cada sexo. Acreditamos que esta flexibilização explicaria a permanência da identificação da mulher com determinados traços e papéis como a afetividade, dependência e obediência e o cuidado com o lar e a família, apesar da aceitação dos diferentes espaços que ela ocupa atualmente, incluindo aqueles que eram tidos como marcadamente masculinos.

¹²⁰ Utilizaremos aqui o caso da Academia da Força Aérea que como dito acima, a partir de 1996 passou a aceitar mulheres para a composição do quadro da Intendência e em 1998 iniciou a formação de oficiais aviadoras. O início da formação de oficiais intendentess está relatado no estudo realizado pela Profa. Emília Emi Takahashi.

difíceis de se doutrinar, não conseguem se impor quando no comando, “brincam” de fazer educação física, recebem tratamento diferenciado, são “acochambradas”, “pegam” só “boca-rica”¹²¹ e apresentam menos espírito de corpo do que os homens”¹²².

Para os cadetes, era necessário que as cadetes tivessem ou demonstrassem características percebidas como inerentes ao sexo masculino, caso contrário, não se sairiam bem nos exercícios militares ou não poderiam atuar em postos de comando. A carência destas “qualidades” nas mulheres era utilizada como argumento para desaprovar a participação feminina. A reprovação da presença feminina pode ser percebida nas palavras de um cadete da Infantaria:

“Eu conversava muito com o pessoal do 4º ano (de um esquadrão só de homens) e todos concordavam que houve um amolecimento do militar aqui após a entrada das mulheres. Tem coisas que a gente te que mexer com os brios do homem pra ele fazer alguma coisa, provocar situações de *stress*, forçar o indivíduo, e com a mulher diminuiu essa carga sobre o homem, essa pressão. E não é bom pra se cumprir o objetivo da Força, vamos ser práticos, numa situação real, de combate, um intendente chega pra um soldado e fala pra ele – eu quero que você faça uma “lanço” daqui até aquela cratera ali e o soldado vai ver que ali tem tiro, que é difícil; ou o aviador chega na sala de *briefing* e planeja que a missão vai ter que ser assim, assado e o guerreiro vê que naquelas situações ele vai estar correndo muito risco de vida. Então existem coisas que o mais antigo diz pro mais moderno pra mexer com os brios dele pra ele fazer aquilo... Com a presença da mulher, ela não vai poder fazer a mesma coisa que eu posso fazer, e ela vai ter os mesmos méritos que eu? Existem muitas coisas físicas que a mulher não dá para fazer...”¹²³

Percebemos aqui a contraposição das características tidas como femininas e masculinas dentro dos estereótipos de gênero vigentes. As mulheres são

¹²¹ Acochambar: verbo utilizado quando alguém faz vista grossa a um comportamento inadequado, utiliza-se também acochambrado/a para se referir a alguém que faz corpo mole nas atividades.

Pegar boca-rica: participar em eventos comemorativos fora da academia, tais como festas e jantares. TAKAHASHI, Emilia Emi. *Op. cit.*, p.108.

¹²² Idem, p.196.

¹²³ Idem, p.197.

identificadas com amolecimento e incapacidade física, os homens com pressão e potência. Esta oposição justificaria o fato dos homens ocuparem as posições de comando, para as quais estariam “naturalmente” preparados. Os postos que necessitassem de orientação e obediência deveriam ser ocupados pelas cadetes que, por sua “fragilidade” e “debilidade”, estariam melhor colocadas neles.

Percebe-se, então, que a mulher aparece como menos apta. Em posição de comando ela aparece como exercendo menos pressão, incapaz de mexer com “os brios” de seus comandados, especialmente se estes forem homens. Outro cadete infante confirma esta posição: “Em termos de liderança, a mudança não foi tão positiva, porque o pessoal não gosta de abaixar a cabeça pra mulher, só que em termos de trabalho aqui dentro, as mulheres são mais caprichosas”. Apesar de “caprichosa” em seus estudos e trabalhos, as cadetes são vistas como pouco capacitadas para as posições de comando e por isso mesmo, a obediência a elas não seria legítima. Esta situação pode ser vista pelos homens como uma inapropriada inversão de papéis, que os deixaria pouco confortáveis. Acreditamos, entretanto, que as ordens dadas por mulheres, ainda que possam ferir a concepção de papéis sexuais dos cadetes, são efetivamente acatadas, pois estão inseridas num contexto maior do respeito aos princípios da hierarquia e disciplina anteriormente citados.

Neste sentido, no que se refere à instituição, é importante destacar que quando incorporadas, as mulheres passaram a integrar os quadros administrativos e mesmo quando se tornaram parte dos quadros permanentes, ficaram limitadas ao exercício de atividades não ligadas diretamente ao combate – por isso, de menor prestígio – o que não lhes permitia acesso aos postos de comando. Ficavam impedidas

de alcançar os níveis mais altos da carreira militar e dessa maneira, permaneciam limitadas a postos nos quais detinham uma condição de dependência em relação aos seus superiores.

Em síntese, acreditamos que para explicar a incorporação feminina, durante a década de 80, convergiram alguns fatores. Um deles seria o desprestígio desfrutado pelos militares diante das elites sociais brasileiras naquele momento. Tanto a questão salarial – em um momento de crise econômica –, quanto a repercussão negativa das questões relacionadas à repressão política durante as décadas de 60 e 70, levaram os homens pertencentes a estas elites a priorizarem outras carreiras, que não a militar. Outra questão seria a necessidade de adequação, por parte das Forças Armadas, aos anseios da sociedade pela ampliação dos direitos civis, incluindo aí a concessão de igualdade de oportunidades para homens e mulheres. Assim, a incorporação feminina seria tanto uma forma de compensar o desinteresse masculino pela profissão, quanto uma maneira da instituição adequar-se às novas exigências sociais, o que lhes renderia, também, a oportunidade de suavizar sua imagem.¹²⁴

Vimos que o processo brasileiro de incorporação feminina às Forças Armadas foi permeado por estereótipos de gênero. Mesmo ocupando as mesmas posições que os oficiais do sexo masculino e concorrendo às promoções em condições iguais, estas mulheres permaneciam em postos com características de dependência, afastadas dos postos combatentes, que dão acesso ao oficialato superior. Repete-se, assim, nas Forças Armadas, o que aconteceu, na segunda metade da década de 60, com

¹²⁴ MATHIAS, Suzeley Kalil. *As mulheres chegam aos quartéis*. p.03. Disponível em: <http://www.resdal.org/producciones-miembros/art-kalil.html>

o milagre econômico e a crescente demanda por mão-de-obra para a ocupação das vagas recém criadas na indústria e na prestação de serviços, as colocações para as quais as mulheres eram orientadas eram os chamados “cargos de mulher”, ou seja, aqueles que exigiam apenas qualidades medianas para serem exercidos ou que pressupunham uma situação de dependência para os profissionais que os ocupavam. Assim, para completar seus quadros, o mercado abria às mulheres aquelas posições que não despertavam tanto interesse nos homens, seja pela remuneração ou pela posição social delas advindas. Da mesma maneira, elas passariam a integrar as Forças Armadas, para compensar a ausência masculina, porém afastadas dos altos postos da hierarquia militar. Além disso, seriam atendidos os anseios sociais pela ocupação, por parte das mulheres, de um novo espaço, até então exclusivamente masculino, mas continuariam a ser praticados os estereótipos sexuais tradicionais, que ditam a obediência e não o comando como tarefa feminina.

Portanto, consideramos que o processo de formação militar leva os membros de suas instituições a se afirmarem como diferentes e, em determinada medida, superiores aos civis. Além do mais, este processo, que visa formar soldados, tende a valorizar atitudes e características tidas como próprias do sexo masculino, como a iniciativa, a liderança e a capacidade de domínio. Desta forma, a presença da mulher no meio militar, pelo menos em princípio, fez-se acompanhar de certo desconforto. Estaria ela adentrando um mundo preponderantemente viril que, na

opinião de alguns, pelo menos na esfera do combate, deveria estar vetado à participação feminina.¹²⁵

¹²⁵ Acreditamos que esta é uma crença difícil de ser alterada, subsistindo ainda no meio militar. A incorporação feminina às armas combatentes tem sido alvo de freqüentes debates em diversos países, não só no Brasil. No entanto, percebemos que nos anos transcorridos desde que as primeiras mulheres foram incorporadas aos quadros das Forças Armadas Brasileiras, a convivência entre os gêneros tem se tornado menos conflituosa. Cremos que atualmente, os alunos de ambos os sexos tendem a orientar-se mais por uma postura de cooperação do que de exclusão. Esta tendência foi observada durante o II Congresso das Agulhas Negras, realizado em outubro de 2005. Notamos que cadetes das três Forças, principalmente os pertencentes à AFA, cooperavam entre si e não havia entre eles divergências baseadas em critérios de gênero.

2.3 Observações Sobre a “Família Militar”

Conforme vimos, existe nos meios militares, uma adesão masculina e feminina aos valores que os oficiais são estimulados a adquirir em seu processo de socialização profissional. Esta adesão leva à formação de casais que possuem um projeto comum, que se realiza por meio da carreira do marido. Neste sentido, ambos reconhecem que o papel desempenhado pela esposa – dar apoio, cuidar dos filhos e do lar, na maior parte das vezes, abdicando de projetos pessoais - é fundamental para o sucesso deste objetivo. Esta percepção é imprescindível para que a esposa sinta-se valorizada e gratifica-a pelos sacrifícios pessoais que realiza. Sendo assim, quais seriam os sacrifícios realizados em favor da carreira do marido?

A principal dificuldade destacada é a adaptação às constantes transferências que o militar de carreira está sujeito e que implicam em mudanças constantes para diferentes cidades, estados e em alguns casos, para o exterior. Para a família, estas movimentações implicam em distanciamento geográfico do núcleo familiar original, o que impede que usufruam da solidariedade parental, e em dificuldades para manter laços de amizade construídos nas localidades onde viveram. Para os filhos, resultam em constantes transferências de escola e para a esposa em uma impossibilidade de manter longos vínculos empregatícios ou de concluir cursos universitários. De acordo com as entrevistadas estes são os principais obstáculos.

“Eu tenho uma visão assim, porque com eu fui filha de militar, a minha mãe foi uma pessoa que acompanhou sempre meu pai. E a minha mãe não trabalhava por conta disso, ela teve quatro filhos e não tinha como trabalhar: pela questão de ter quatro filhos e por essa questão da mudança constante também. Então, ela foi uma

pessoa assim, que dedicou a vida dela à casa, aos filhos e à profissão do esposo praticamente.”¹²⁶

“Isso realmente é muito difícil, porque é uma renúncia da vida profissional da esposa. Exige mesmo muito amor, muita dedicação. Porque as constantes mudanças, isso aí altera na família todinha. Não só a esposa, a profissão dela, os filhos, tudo.”¹²⁷

“É muito difícil, especialmente quando você tem filhos, porque você acaba tendo um impacto muito grande no sentido de círculos de amizade, no sentido de empregabilidade, de estudos, principalmente de estudos, quando você já tem um filho na faculdade ou que a esposa ainda faz. Então acaba sendo bastante sacrificante para o aspecto de estrutura de família.”¹²⁸

“É difícil. Muito difícil. Hoje em dia, eu reclamo bastante, sempre reclamei, porque a gente sempre abre mão da sua individualidade em troca da família. E, principalmente, o militar... em que você está trabalhando, como é o meu caso, porque mudou... e tem que começar tudo de novo. E daqui dois anos está mudando de novo. Dificuldades com filhos. Então é uma causa bastante difícil essa.”¹²⁹

Mudando-se constantemente, em alguns casos mais de uma vez ao ano¹³⁰, e impedidos de estabelecerem laços de solidariedade mais duradouros nas localidades onde residem, as famílias buscam apoio em outras famílias compostas por militares e que compartilham a mesma situação. Esta união passa a compor a chamada “Família Militar”, uma rede de apoio e solidariedade na qual, principalmente as mulheres podem se estribar.

¹²⁶ Entrevista concedida pela Capitã Eduarda em 21/02/2008.

¹²⁷ Entrevista concedida por Carolina, esposa do Coronel Oliveira, em 20/02/2008.

¹²⁸ Entrevista concedida por Luiza, esposa do Capitão Mercaldo, em 20/02/2008.

¹²⁹ Entrevista concedida por Érica, esposa do Coronel Miranda, em 21/02/2008.

¹³⁰ “Esse é um aspecto bastante difícil. Para você ter uma idéia, eu tenho 23 anos de casado e 27 mudanças. Uma, às vezes mais, por ano. Em um ano, eu já mudei 2 ou 3 vezes de casa.” Entrevista concedida pelo Coronel Oliveira em 20/02/2008.

“Então o que a gente faz? A gente se ajuda. Uma depende da outra pra um quebra galho, uma festinha, filho doente. A gente fala que é a família militar. E é verdade. Uma ajuda a outra. Tem esse lado muito bom. E o melhor ainda é quando depois de muitos anos nós vamos encontrar as mesmas amigas, de quando o filho era pequeno, de quando nasceu o neném e ela ajudou. E isso é bom. (...) Porque a gente passa a maior parte das nossas vidas em contato com esses amigos, e não com o mundo familiar”¹³¹

“O que acontece é que as mulheres dos militares, diferente de alguns outros trabalhos, a gente convive, tem o que a gente chama de Família Militar. Até em função de você sair de onde está morando, para ir para uma outra determinada região, morar em uma vila em que é todo mundo militar. (...) Acaba criando um vínculo muito forte com as outras mulheres que estão na mesma situação, lá no local. É a família que você tem para viver.”¹³²

Esta família se consolida tanto por meio de ajuda mútua em casos de dificuldades – por exemplo, auxílio com um filho doente – como por meio de festas e celebrações. Consideramos que esta forma de solidariedade seria correspondente ao “espírito de corpo” que os oficiais são incentivados a desenvolver durante sua profissionalização. Como neste caso, a participação na Família Militar resulta, para o núcleo familiar, em apego e zelo pelos valores ensinados na caserna. Neste sentido, é interessante perceber que existe, por parte da instituição, um incentivo à integração de seus membros nesta grande família. A pesquisa conduzida por Fernanda Chinelli ilustra essa situação:

“Além dos eventos patrocinados pelo Exército (como o “Baile de Boas Vindas” para os novos alunos e o “Baile das Nações”), existe a atribuição de cargos às esposas, objetivando a integração entre os oficiais e suas famílias. O cargo de “xerife da turma”, conferido à esposa do “xerife da turma da Eceme” (o aluno mais antigo, cuja função é representar a turma), é um exemplo deste movimento de integração. A “xerife” é apresentada no evento oficial de boas

¹³¹ SILVA, Fernanda Chinelli Machado da. *Op. cit.*, p.07.

¹³² Entrevista concedida pelo Capitão Mercaldo em 20/02/2008.

vindas às famílias, cabendo-lhe a responsabilidade de organizar atividades coletivas reunindo as demais esposas.”¹³³

Além de possibilitar o apoio mútuo, o pertencimento a este grupo, como vimos acima, acarreta um engajamento nas atividades coletivas.¹³⁴ Embora a participação não seja obrigatória, espera-se, principalmente das esposas de oficiais superiores, que tomem parte neste convívio social. Nas explicações da Tenente Camila e do Coronel Oliveira:

“Então, principalmente a esposa de comandante tem esse papel de esposa do militar, esposa do comandante, de reunir as esposas, trabalhar numas obras sociais, como as primeiras-damas, coisa parecida.”¹³⁵

“(…) eu acredito que não é um papel estipulado. Se você for designado, por exemplo, como tenente para comandar um pelotão de fronteira, você é casado, sua esposa está ao seu lado. Lá você tem um papel social relevante. Ela, por sua vez, na área das mulheres, na área feminina, também, mas isso não é estipulado, ela necessariamente não tem que fazer.”¹³⁶

Diante do exposto, podemos perceber que a Família Militar corresponde a um *projeto social* nos moldes que Gilberto Velho indica:

“A possibilidade de formação de grupos de indivíduos com um *projeto social* que englobe, sintetize ou incorpore os diferentes projetos individuais, depende de uma percepção e vivência de *interesses comuns* que podem ser os mais variados (...) – classe social, grupo étnico, grupo de *status*, família, religião, vizinhança, ocupação, partido político etc. A estabilidade e a continuidade desses projetos supra-individuais

¹³³ SILVA, Fernanda Chinelli Machado da. *Op. cit.*, p.07.

¹³⁴ Este é um grupo prioritariamente feminino. Embora participem das atividades promovidas pelo grupo, os maridos passam boa parte do tempo “em serviço” e, além disso, tem a oportunidade de estabelecer um número maior de contatos nas diferentes esferas sociais que suas funções lhes permitem contato. Sendo assim, as mulheres constituem a força preponderante neste espaço.

¹³⁵ Entrevista concedida pela Tenente Camila em 22/02/2008.

¹³⁶ Entrevista concedida pelo Coronel Oliveira em 20/02/2008.

dependerão de sua capacidade de estabelecer uma definição de realidade convincente, coerente e gratificante.”¹³⁷

Temos, portanto, um grupo formado por indivíduos com projetos e vivências comuns, cuja gratificação passa pela manutenção dos valores militares, pela ascensão profissional do marido e por um sentimento de pertencimento a uma instituição nacionalmente respeitada. O depoimento a seguir ilustra com excelência este ponto.

“Bisneta, neta, filha e esposa de militar, estou bem familiarizada com os problemas inerentes à Caserna. Sei o que o militar, apesar de ter uma vida profissional extremamente agradável, considerando o relacionamento dos integrantes da carreira que até denominaram de a “família militar”; de ter amigos tão sinceros que chega até a causar inveja ao pessoal civil; de ter uma boa noção do que é correto e ético permitindo-lhe um sono tranquilo; de ter o respeito de grande parte da população que sempre considera e elege as Forças Armadas como a instituição mais respeitável; enfrenta-se dificuldades que só nós da “família” conhecemos”.¹³⁸

Este mesmo grupo pode exercer funções de regulamentação das ações e atitudes de seus membros, fazendo com que se comportem de acordo com os valores internos do grupo. Embora não existam regras escritas e as sanções ao comportamento inadequado não sejam explícitas, estas podem incluir o afastamento ou isolamento por parte do grupo e até prejuízo para a carreira do militar, já que as avaliações que levam à ascensão são feitas por seus superiores hierárquicos, cuja convivência só pode ser proporcionada pelas mulheres.

“Toda família militar é, isso inclui todas as famílias de militares, espera-se, num círculo militar, que todos mantenham um certo

¹³⁷ VELHO, Gilberto. *Op. cit.*, p.33. Grifos do autor.

¹³⁸ CARVALHO, Marilu (org.). *Op. cit.*, p.118.

estilo, á que isso ai vem caminhando junto com o próprio comportamento de militar. Entende? Então, quando, às vezes, desvirtua alguma coisa assim, as coisas ficam complicadas.”¹³⁹

“Então, a esposa passa a ser uma extensão do trabalho, com compromissos familiares, com uma série de coisas, que se fosse um trabalho civil não teria. E esse contato com outras esposas acaba não gerando uma cobrança nossa. Mas você sabe que a mulher cobra mais da outra mulher, do que o homem. Então, às vezes há uma cobrança muito grande por parte do círculo, e não nossa, por expectativa nossa.”¹⁴⁰

“No que tange esse aspecto do que se espera da esposa, é que o meio militar ele é formal. Então, se uma esposa, por exemplo, ela se comporta de uma maneira inadequada, naturalmente, ela se comporta de uma maneira inadequada, naturalmente, ela vai chamar a atenção. E as pessoas tendem a se distanciar dela. Essa é a realidade que pode ocorrer.”¹⁴¹

Na medida em que a regulamentação e as sanções encontram respaldo no grupo, este demonstra legitimidade e eficácia simbólica, e pode, a partir disto, ter uma atuação política. “Na medida em que um *projeto social* represente algum grupo de interesse, terá uma dimensão política, embora não se esgote a esse nível, pois sua viabilidade política propriamente dependerá de sua eficácia em mapear e dar sentido às emoções e sentimentos individuais.”¹⁴²

A Família Militar passa a ter uma dimensão política no momento em que se coloca na defesa pública de seus membros. Uma vez impedidos, por regulamentos internos, de participarem em protestos públicos, os militares contam com suas esposas e outros membros de suas famílias como porta-vozes de suas reivindicações. Entidades

¹³⁹ Entrevista concedida pelo Subtenente Martins em 23/02/2008.

¹⁴⁰ Entrevista concedida pelo Capitão Mercaldo em 20/02/2008.

¹⁴¹ Entrevista concedida pelo Coronel Miranda em 21/02/2008.

¹⁴² VELHO, Gilberto. *Op. cit.*, p.33. Grifos do autor.

como a União Nacional das Esposas de Militares das Forças Armadas (UNEMFA), a Associação Nacional das Esposas de Militares das Forças Armadas (ANEMFA) e a Associação de Pensionistas e Esposas dos Militares das Forças Armadas (APEMFA) têm como principal objetivo organizar essas mulheres para protestar contra a atual situação salarial dos membros das Forças Armadas.

No mês de janeiro de 2008, a UNEMFA, a entidade com maior nível de representatividade, preparou um protesto contra a paralisação das negociações sobre o reajuste salarial que os militares receberiam neste ano. A paralisação e a subsequente revisão das negociações foram provocadas pela rejeição da Contribuição Provisória sobre Movimentações Financeiras (CPMF) e a conseqüente necessidade de reorganizar o orçamento da União para 2008. O reajuste que os militares receberiam foi visto naquela ocasião como um dos principais alvos de corte para o reequilíbrio da contabilidade nacional. No dia 31 do mesmo mês, foi realizado o que se chamou de “Dia de Manifesto da Família Militar”, uma manifestação (panelaço) de cerca de cem pessoas, em frente ao Palácio do Planalto que exigia o cumprimento por parte do governo das propostas feitas anteriormente.

Cumprе salientar, que este tipo de manifestação política não conta com o apoio de todo o grupo, nem com a aprovação de todos os oficiais e chega a enfrentar resistência nos altos escalões militares. Este fato – a pouca “eficácia em mapear e dar sentido às emoções e sentimentos individuais”¹⁴³ – demonstra que a representação política não é a principal forma de atuação e legitimação da Família Militar. Sua principal característica é fomentar o apoio e a colaboração entre seus membros, além

¹⁴³ VELHO, Gilberto. *Op. cit.*, p.33.

de incentivar o zelo pelos valores militares. Percebemos este tipo de atuação como fundamental para minorar os transtornos causados pelas exigências específicas da profissão militar e para manter a coesão interna do grupo.

3. Os Reflexos da Mudança

3.1 A Consolidação do Atual Papel Feminino

Conforme consideramos anteriormente, apesar da forte influência que o estereótipo de gênero inculcado nas mulheres por meio do processo de socialização, exercia no comportamento e nas suas escolhas profissionais durante a década de 60, as mudanças comportamentais empreendidas naquele período por uma vanguarda de mulheres não devem ser desconsideradas. Estas mudanças permitiram que nos anos seguintes as mulheres pudessem pleitear espaços e direitos semelhantes aos dos homens. Também possibilitaram que a expectativa em relação à atitude de gênero feminina fosse alterada, permitindo que as mulheres fossem socializadas desenvolvendo e valorizando outras características que não as imediatamente identificadas com o ser feminino doméstico. Estas mudanças abriram espaço para que as mulheres de gerações posteriores desenvolvessem outros papéis sociais.

O período posterior à década de 1960, que trouxe consigo essas importantes mudanças comportamentais, resultou também em alterações no funcionamento das famílias. Estas alterações resultaram em uma maior instabilidade dos laços conjugais, já que há uma ênfase crescente nos projetos individuais. Nas palavras de François de Singly,

“o período contemporâneo é caracterizado por um maior domínio do destino individual e familiar e isso por duas razões que se reforçam: um sistema de valores que aprova essa autonomia, desvalorizando a herança material e simbólica e as condições

objetivas que permitem o controle desse domínio individual, sobretudo a contracepção e as leis relacionadas a ela.”¹⁴⁴

Neste sentido, as relações tornam-se mais frágeis porque passam a ter como foco a satisfação das necessidades afetivas dos indivíduos. Sendo assim, quando essas não são mais atendidas, os cônjuges não se sentem obrigados a permanecerem juntos para satisfazer alguma demanda da sociedade que lhes é exterior.

Considerando este contexto de valorização dos projetos individuais, a inserção feminina no mercado de trabalho torna-se bastante importante. Dentro do núcleo familiar, ela assegurará a autonomia da mulher frente ao salário do marido e pode ainda, assegurar “enquanto dura o casal, uma proteção em caso de desemprego masculino e, principalmente, ele constitui uma das modalidades da mobilização familiar para o sucesso dos filhos.”¹⁴⁵ Além de afirmarem que as mudanças na família contemporânea são aceleradas pelo trabalho feminino, Clara Araújo e Celi Scalon assinalam que

“os modelos de conciliação entre trabalho pago e vida familiar baseados na clássica dupla “homem provedor” e “mulher cuidadora” vêm sendo alterados em direção a um modelo dual, no qual as mulheres permanecem como as principais “cuidadoras”, mas o trânsito entre o espaço doméstico e o público se constitui um dado contemporâneo.”¹⁴⁶

Cabe reafirmar o fato de que o trabalho feminino permite que a mulher circule em um número maior de esferas sociais. Esta mobilidade permite uma

¹⁴⁴ SINGLY, François de. *Op. cit.*, p.128.

¹⁴⁵ *Idem*, p.129.

¹⁴⁶ ARAUJO, Clara & SCALON, Celi. “Gênero e a distância entre a intenção e o gesto”. *Revista de Ciências Sociais*. v.21, nº62, São Paulo, out.2006, p.04.

expansão de sua rede de relações e um conseqüente aumento dos contatos com diferentes experiências. Isso resulta em uma maior percepção de sua individualidade e numa maior elaboração de seus projetos pessoais. De acordo com Velho, “quanto mais exposto estiver o ator a experiências diversificadas, quanto mais tiver de dar conta de visões de mundo contrastantes, quanto menos fechada for sua rede de relações ao nível do seu cotidiano, mais marcada será sua autopercepção de *individualidade singular*”¹⁴⁷

Conforme dito, essa percepção da individualidade reforça a busca pela satisfação individual, o que leva a formação de relações baseadas na afetividade, aumentando assim, o número das uniões livres. É interessante perceber que não há um desaparecimento do grupo conjugal, já que este é tido como uma importante forma de angariar afetos. Singly aponta que a vivencia das mulheres solteiras da atualidade demonstra essa ambigüidade entre valorização do individual e necessidade do conjugal. Para o autor, isso significa “uma valorização do reconhecimento de sua própria existência pelo outro e a necessidade de um outro significativamente estável, ao mesmo tempo que uma valorização da independência, da autonomia pessoal.”¹⁴⁸

É justamente a valorização desta autonomia pessoal que transforma o engajamento no grupo familiar condicional. A pesquisa feita por Araújo e Scalon indica, ao contrário da crença comum, que são as mulheres, mais que os homens, que rejeitam o caráter formal do casamento e acreditam que ele não constitui o ideal de felicidade. Elas também, “tendem a aceitar mais que o casamento possa ser importante

¹⁴⁷ VELHO, Gilberto. *Op. cit.*, p.32.

¹⁴⁸ SINGLY, François de. *Op. cit.*, p.134.

para a criação dos filhos, mas isso é condicionado à uma situação satisfatória individual de conjugalidade”¹⁴⁹

Para alcançar esta situação satisfatória, dentro do arranjo conjugal, além de buscar a manutenção de sua autonomia por meio do trabalho assalariado, a mulher tenderia a questionar a divisão sexual das tarefas domésticas, numa tentativa de romper com este padrão estabelecido. No entanto, tanto Singly como Araújo e Scalon concordam que esta divisão permanece praticamente inalterada. As últimas assinalam que

“a divisão sexual do trabalho doméstico (sem considerar as crianças) ainda permanece amplamente dominada pelo padrão tradicional para ambos os sexos. Os homens só respondem por mais de 50% na atividade de pequenos consertos domésticos. Algumas atividades, como lavar e passar roupa e/ou cozinhar têm sido territórios praticamente inexplorados para os homens e assim parecem permanecer. Embora os percentuais se alterem em algumas circunstâncias, não são suficientes para indicar que o trabalho pago, mesmo com jornada integral, conduz a uma situação que possa ser considerada equilibrada na divisão das atividades domésticas.”¹⁵⁰

A necessidade de dividir-se na dupla jornada trabalho-assalariado e trabalho-doméstico leva a mulher a fazer um investimento menor em sua qualificação profissional. Sabemos também, que os salários aferidos pelas mulheres, por vezes, são menores que os dos homens que ocupam as mesmas posições. Pesquisa feita por Cristina Bruschini e Maria Rosa Lombardi sobre a inserção profissional de advogadas, médicas e engenheiras indica que

¹⁴⁹ ARAUJO, Clara & SCALON, Celi. *Op. cit.*, p.10.

¹⁵⁰ *Idem*, p.12.

“apesar de estarem adentrando novos e promissores espaços de trabalho, nem por isso essas mulheres deixam de estar sujeitas a padrões diferenciados por gênero, entre os quais a discriminação salarial é apenas o mais evidente: em todas as profissões analisadas a tônica é o menor patamar de ganhos femininos quando comparado ao masculino.”¹⁵¹

Não raro, essa desigualdade resulta, em um momento de separação conjugal, no empobrecimento e queda nos níveis do padrão de vida da mulher, especialmente nos casos em que a mulher assume o cuidado integral dos filhos. Singly analisa que:

“A vida conjugal altera muito mais o investimento profissional dos capitais sociais e culturais das mulheres do que o benefício das riquezas masculinas. Essa desigualdade é freqüente entre os cônjuges, pelo acesso das mulheres a um nível ou a um estilo de vida equivalente ao do seu parceiro. É no momento da separação que se paga o custo da vida conjugal, que uma relativa desvalorização se torna perceptível.”¹⁵²

Dados analisados por Carmem Gelinsk e Ivoneti Ramos indicam, entre os anos 1991 e 2000, um aumento em torno de 6% no número de famílias chefiadas por mulheres, que passou de 20,5% para 26,7%. Neste mesmo período, 86% das famílias em que a mulher era responsável pelo domicílio, era monoparental.¹⁵³ Estes dados indicam, também, para o períodos uma diminuição no número de uniões legais (57,8% para 50,1%) e aumento das uniões consensuais (18,3% para 28,3%), o que confirma as considerações feitas acima.

¹⁵¹ BRUSCHINI, Cristina & LOMBARDI, Maria Rosa. “A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo.” *Cadernos de Pesquisa*. nº110, São Paulo, Jul, 2000. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-1574200000200003&script=sci_arttext&tlng=es

¹⁵² SINGLY, François de. *Op. cit.*, p.162.

¹⁵³ GELINSKI, Carmem R. Ortiz & RAMOS, Ivoneti da Silva. *Mulher e família em mutação*. Onde estão os mecanismos de apoio para o trabalho feminino? p. 144. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/download/mulher/2004/artigo9.pdf>

O aumento constante no número de mulheres responsáveis pela manutenção material do lar combinado ao recebimento de salários inferiores aos de seus pares masculinos, leva a uma deterioração das condições econômicas das famílias. Para conter esta situação, o Estado passa a criar mecanismos de proteção à mulher e à família. Como exemplos podemos citar as leis trabalhistas que garantem a permanência da mulher no emprego em determinadas situações, a licença maternidade, a construção de creches onde os filhos podem permanecer em um ou dois períodos do dia e a lei que regulamenta as uniões estáveis no novo Código Civil de 2002.¹⁵⁴

Consideramos, portanto, que no período atual, a mulher tem conquistado uma crescente autonomia econômica e social, o que permite que se configure um panorama de igualdade de direitos com os homens, inclusive com negociação de situações mais satisfatórias e que denotem uma igualdade maior entre os sexos dentro das relações afetivas. No entanto, conforme mencionado, percebemos também, a persistência das práticas de diferenciação salarial por meio do gênero, o que leva, em uma situação de separação conjugal, a um empobrecimento e queda nos níveis de vida da mulher, uma vez que esta tende a se responsabilizar pelo cuidado e manutenção da família.

¹⁵⁴ GELINSKI, Carmem R. Ortiz & RAMOS, Ivoneti da Silva. *Op. cit.*, p.145 e 146.

3.2 A Incorporação Feminina e seus resultados

Neste item trabalharemos os resultados da incorporação feminina nas Forças Armadas sob dois aspectos diferentes. O primeiro corresponde à participação das mulheres em missões de paz. Em um segundo momento, mostraremos as impressões dos entrevistados sobre a entrada das mulheres e sua participação no Exército. Acreditamos que estas duas perspectivas sejam complementares e contribuem para a elucidação das questões aqui propostas. Seguem as considerações.

Em 1985, na Conferência de Nairóbia, a Organização das Nações Unidas (ONU), discute o tema da participação das mulheres em missões de paz e destaca a igualdade de direitos entre homens e mulheres na composição das missões de paz. No entanto, somente com o fim da Guerra Fria os discursos passam a ser convertidos em prática¹⁵⁵ De acordo com pesquisa feita por Suzeley Kalil Mathias, esta situação se relaciona a três fatores: primeiramente, após o fim da Guerra Fria, cresce o número de intervenções da ONU no mundo – foram 18 até 1989, sendo que entre 1990 até 2007, houve 44. Depois há que se considerar a mudança no caráter dessas intervenções: antes só eram promovidas as chamadas *Peacekeeping Operations* – operações de mediação e, em seguida, foram implementadas as denominadas *Peace-building Operations* – operações de reconstrução de países. Por fim, a evolução do papel da mulher na sociedade – traduzida pela conquista de maiores direitos e responsabilidades – e que foi observada pela ONU desde o final dos anos 60. Isto, associado ao acompanhamento por parte de organizações atuantes em regiões de conflitos à

¹⁵⁵ MATHIAS, Suzeley Kalil Apud IZZO, Roberta, 2007 In Gênero, Defesa e Paz no Cone Sul. p.25. Disponível em: <http://www.resdal.org/mujer-ffaa-misiones-cono-sur.pdf>

importância do trabalho desenvolvido pelas mulheres nestas áreas, ajudou a abrir uma nova área para inserção das mesmas¹⁵⁶. Ainda de acordo com a autora, em 1995, na IV Conferência Mundial sobre as mulheres, admitiu-se a importância da mulher nos processos de construção da paz, por meio da Declaração de Pequim que dizia:

“A paz local, nacional, regional e global é alcançável e está necessariamente relacionada com os avanços das mulheres, que constituem uma força fundamental para a liderança na solução de conflitos e a promoção de uma paz duradoura em todos os níveis.”¹⁵⁷

No entanto foi em 2000 que se executou esta perspectiva, a partir de decisão do Conselho de Segurança protocolada as resoluções 1325 e 1327, as quais, respectivamente prevêm:

“*Reafirmando* o importante papel das mulheres na prevenção e solução dos conflitos, bem como na construção da paz, e *enfatizando* a importância de sua participação igualitária e pleno envolvimento em todos os esforços para a manutenção e promoção da paz e da segurança, vemos a necessidade de implementar a presença das mulheres como decisoras (their role in decision-making) com relação à prevenção e solução de conflitos”.¹⁵⁸

“*Reafirmamos* o importante papel assumido pelas mulheres na prevenção e solução dos conflitos, bem como na construção da paz (peace-building) pós-conflito, e *endossamos veementemente* a urgência em se adotar uma perspectiva de gênero nas operações de manutenção da paz (peacekeeping operations).”¹⁵⁹

A despeito destas resoluções, apenas 3% do contingente de “capacetes azuis” que integram as forças de paz brasileiras atuais são mulheres. Todavia, os

¹⁵⁶ MATHIAS, Suzeley Kalil. *Op.cit.*, p.26

¹⁵⁷ Declaração de Pequim. Apud. MATHIAS, Suzeley Kalil. *Op. cit.*, p.27

¹⁵⁸ ONU-CS, 2000. Apud. , MATHIAS, Suzeley Kalil. *Op. cit.* p.27

¹⁵⁹ Idem.

números confirmam que o singelo aumento da presença da mulher nestas operações acontece de modo paralelo à ocorrência de reuniões mundiais sobre igualdade de gênero. Isto por sua vez, estimula a continuação do debate acerca da incorporação feminina enquanto militar de carreira.

A resistência em aceitar a mulher como militar de carreira, no Brasil, em consonância com Mathias, está diretamente relacionada, em um quadro mais abrangente, ao papel da mulher na sociedade brasileira e aos espaços que a ela vêm sendo destinados; em seguida, reduzindo mais a perspectiva, à ausência de discussão do tema da Defesa na sociedade – o que por sua vez tem ligação com o modelo de passagem do regime burocrático-autoritário para o governo democrático.

Partindo da perspectiva mais ampla e com base em estudo comparativo sobre os casos dos países do Cone Sul da América Latina, Mathias observa que a participação da mulher brasileira na política formal é maior que na Argentina, no Chile, no Paraguai e no Uruguai. Por outro lado, os números são significativamente menores, ou até desprezíveis quando se foca a atenção no *status* da participação, diz a autora. Por exemplo, a Argentina que apresenta o pior índice de participação feminina na política, tem uma mulher no cargo público mais importante do país: a presidente Cristina Kirchner. O Chile também é governado por uma mulher, Michele Bachelet, que foi Ministra da Defesa na gestão imediatamente anterior, cargo que, também na Argentina é ocupado por uma mulher. Ambos os casos constituem exceção, pois se percebe que no campo dos poderes públicos, reproduz-se o modelo de ocupação de cargos empresariais: quanto mais alta a posição, menor a participação da mulher.

Por outro lado, os dados refletem a cultura participativa da mulher na política: enquanto no Brasil a mulher agredida, por exemplo, tende a silenciar sobre a agressão e, pior, às vezes a defender seu próprio agressor, a Argentina apresenta o precedente histórico das Mães da Praça de Maio¹⁶⁰, mães e familiares dos mortos e desaparecidos que compuseram uma rede de solidariedade que até hoje contribui para a representação política da mulher.

Considerando o Parlamento, no Brasil, além de haver um pequeno percentual de mulheres no legislativo brasileiro, nota-se que seu crescimento é muito lento em relação aos outros países estudados pela pesquisadora. Os índices, entretanto, analisados no conjunto do Cone Sul, orientam-nos a pensar que a mulher, paulatinamente, está ocupando espaços dantes masculinos¹⁶¹.

Ainda sob um ponto de vista comparativo, é possível conjecturar que quanto mais bem sucedido tenha sido o processo de transição à democracia, quanto mais nesse processo tenha-se estabelecido maior controle civil sobre os militares, mais espaço se apresenta para a discussão das temáticas de Defesa e, por conseguinte, torna-se mais acessível a discussão sobre a igualdade de gênero no exercício da profissão militar.

Para elucidar este ponto, tomaremos dois países tratados pela autora: Brasil e Argentina. No Brasil é conhecido o comando militar das regras do jogo da transição no sentido de se fazer manter boa parte de suas prerrogativas após o retorno da administração civil. O Brasil manteve militares na gerência da Defesa por 13 anos,

¹⁶⁰ Em referência, no Brasil, conforme vimos, o movimento feminino, organizado em 1975, em favor da anistia política integrou e diluiu-se no Comitê Brasileiro pela Anistia, não permanecendo como força política mobilizada.

¹⁶¹ MATHIAS, Suzeley Kalil. *Op. cit.*, p.14-15.

após o fim do regime militar, criando um Ministério para a pasta, apenas em 1999, o qual, até hoje não é suficiente para resolver os problemas da área, tampouco para entrelaçar o diálogo entre civis e militares. É possível, no entanto, considerar o caso da Argentina como de relativo sucesso no que toca à edificação de instituições democráticas e subordinação dos militares aos civis. Enfatiza Mathias que quando a primeira mulher – Nilda Garret – assumiu o Ministério da Defesa em 2003, “quase todos os temas relacionados com Defesa e Forças Armadas estavam equacionados, o que significa que o país está muito à frente de seus vizinhos nesta matéria”.¹⁶²

Complementa a autora:

“É verdade que o processo de reconstrução da democracia na Argentina foi marcado por idas e vindas. Porém, embora a Defesa não seja o tema mais central do debate, ela é tratada como uma política pública e, mais importante, cada uma das ações realizadas, além de reforçar o controle civil, também (...) foi construindo neste período uma cultura de Defesa que encontra na educação um fator chave.”¹⁶³

Em decorrência do processo acima sintetizado, no Brasil, país que participa das Missões de Paz desde antes da formação da ONU, o interesse na discussão da incorporação feminina é ínfimo, enquanto na Argentina,

“a presença feminina nas Forças é parte das políticas levadas a cabo pelo Ministério da Defesa.[...] Talvez por ter à frente uma mulher (impensável no caso brasileiro), o tema tenha sido central ao debate da reforma militar que se processou no último governo.”¹⁶⁴

¹⁶² MATHIAS, Suzeley Kalil. *Op. cit.*, p.26.

¹⁶³ *Idem.*

¹⁶⁴ *Idem.*

Também é notável que as Forças Armadas argentinas apresentam-se melhor estruturadas, possuindo um maior contingente feminino, cerca de um terço do total das forças é ocupado por mulheres. No Brasil, o primeiro grupo de combatentes formou-se em 2006 – cinco mulheres da AFA, aviadoras, que podem chegar ao Comando em algumas áreas. Em contraposição, há que se ressaltar que no projeto piloto implantado pelo Exército brasileiro em 1998, na Amazônia, as mulheres atuaram como atiradoras, em caráter voluntário, sendo desativado em 2002, antes que as mesmas fossem incorporadas ao serviço de selva¹⁶⁵.

Nem a Argentina, porém, está livre dos preconceitos relacionados à incorporação da mulher. Mathias aponta que de acordo com estudo exploratório feito no *Colégio Militar de la Nación*, na Argentina, ao mesmo tempo em que age como “barômetro moral”, a mulher é vista como um “agente de contaminação” para a instituição militar, sendo assim, é preciso “isolá-las” para não ameacem os “contornos simbólicos e morais da identidade militar”. Também, na *Academia Militar*, de Lisboa (Portugal), as mulheres são rejeitadas e agredidas sob o argumento de que a presença feminina introduz códigos e valores prejudiciais à identidade militar.¹⁶⁶

Todos os dados expostos por Mathias levam a pensar que a modernização da sociedade é condição essencial para entrada das mulheres nos meios militares, em suas palavras: “o engajamento militar feminino é facilitado se o meio no qual isto acontece aceitar mudanças no comportamento social dos indivíduos”¹⁶⁷, isto porém, não garante que a mulher não venha a enfrentar resistências dentro da caserna.

¹⁶⁵ MATHIAS, Suzeley Kalil. *Op. cit.*, p.30.

¹⁶⁶ Idem, p.38.

¹⁶⁷ Idem.

No entanto, é a discussão da Defesa que fomentará a sua promoção como política pública¹⁶⁸.

Entre os depoimentos coletados para este trabalho, podemos averiguar dois tipos de percepção em relação à incorporação feminina no Exército. O primeiro tipo é a das mulheres que não trabalham na Força ou dos maridos que tem esposas nesta situação. Embora nem todas as falas sejam explícitas, elas demonstram que, pelo menos em um primeiro momento, houve preocupação em relação ao convívio de homens e mulheres no ambiente de trabalho. Quando questionamos sobre as mudanças motivadas pela incorporação feminina e se isso trouxe alguma alteração no relacionamento instituição-esposa, obtivemos as seguintes respostas:

Um Coronel, afirma:

“Não. Absolutamente não. As mulheres quando entram no Exército (...), elas entram como profissionais. São tratadas como profissionais e quando há algum problema qualquer de uma relação além daquela esperada do local de trabalho, existem normas, regulamentos que sinalizam e que muitas vezes punem as pessoas que não respeitam o local de trabalho. Então, isso é um aspecto importante. Quanto ao aspecto das mulheres, das esposas dos militares. As esposas quando conhecem, elas imaginam que algum tipo de motivação pode existir. (...) de modo geral, depois de conhecerem algumas militares, vai naturalmente vendo, como no meio civil, as pessoas trabalham sem problema nenhum.”¹⁶⁹

E a fala de uma esposa da geração anterior à entrada de mulheres na Força confirma:

“Eu acredito que não. Eu respondo muito assim por mim. Por que eu já trabalhei fora e tudo. Como em todas as outras profissões

¹⁶⁸ MATHIAS, Suzeley Kalil. *Op. cit.*, p.38.

¹⁶⁹ Entrevista concedida pelo Coronel Miranda em 21/02/2008.

existe sempre a presença da mulher, não vejo motivo para não ter a mulher dentro do Exército Brasileiro.”¹⁷⁰

Já o Capitão e, portanto, que não conheceu a Força sem mulheres:

“Eu acho que houve uma mudança das mulheres. Eu sou de uma das primeiras turmas que teve mulheres e eu cito o exemplo que aconteceu na minha turma. A gente, durante a Escola, tirava serviço como se fôssemos soldados e no primeiro serviço o pessoal estava acostumado a escalar só homem. Escalaram novamente homem com mulher. Só que o serviço é em torno de 22 pessoas, então todo mundo fica lá. No dia seguinte, as esposas estavam lá dentro, reclamando com o comandante sobre “que absurdo era aquele que tinha posto homens e mulheres para dormirem juntos no mesmo lugar”. No serviço a gente passou despercebido, mas as esposas que estavam fora, ficaram horrorizadas, pois como é que o marido dela havia dormido com uma mulher? Só que isso foi o impacto inicial...”¹⁷¹

Percebemos, então, que as suspeitas iniciais em relação à presença de mulheres na caserna foram superadas. É interessante notar que o argumento mais frequentemente usado para a aceitação dessa contingência é a comparação com o ambiente civil, no qual homens e mulheres trabalham juntos sem necessariamente se envolverem emocional ou sexualmente.

O segundo tipo de percepção é o das esposas que são militares e de seus maridos, que vivem cotidianamente essa interação. Estes comentários são pautados pelo aspecto profissional da inclusão feminina e dos resultados da presença delas na corporação, bem como destacam as adaptações necessárias à convivência cotidiana entre homens e mulheres.

¹⁷⁰ Entrevista concedida por Carolina, esposa do Coronel Oliveira, em 20/02/2008.

¹⁷¹ Entrevista concedida pelo Capitão Mercaldo em 20/02/2008.

Nas palavras da Tenente Camila e de seu marido:

“Eu estou há pouco tempo, mas certeza que teve alterações. Desde alterações físicas, porque eu acredito que havia batalhões que não tinham condições de receber mulher, porque não tinham nem banheiro (feminino), e até de comportamentos, de como lidar com mulher. Acho que hoje em dia já está bem acabado, bastante, mas eu acho que no começo, as primeiras sofreram mais com essa adaptação.”¹⁷²

“Isso é impossível não notar. Nenhuma mudança passaria despercebida. E nota que o Exército fica mais flexível. A coisa se torna mais flexível. Você, em todos os aspectos tem que considerar que a mulher está presente. Desde coisas simples: “como vai ser o banheiro feminino?”, até cuidado com o que você fala, do homem ser mais educado, não falar tanto palavrão. Coisas assim.”¹⁷³

Interessante observar a preocupação da Tenente e como, de certa forma, se reproduz as “necessidades” construídas a partir do estereótipo de gênero prevalecente. A Tenente não se perguntou, em nenhum momento, se quando as mulheres entraram no mercado de trabalho havia instalações, sanitárias ou não, próprias para uma mulher ou se ela tinha que compartilhar com seus companheiros de trabalho. Essa visão, isto é, que as mulheres precisam de instalações apropriadas foi muitas vezes utilizada para afastá-la de determinadas funções. Também é sabido que até bem pouco tempo nem sempre havia banheiros exclusivos para mulheres e ainda hoje há locais que não há, por exemplo, em aviões e trens. Ainda hoje há quem diga que as mulheres não podem assumir funções de combate ou mesmo ir a missões de paz por motivos semelhantes. Parece-me que esta é uma discussão já superada nos estudos de gênero, mas uma razão para fazer de instituições como o Exército objeto de

¹⁷² Entrevista concedida pela Tenente Camila em 21/02/2008.

¹⁷³ Entrevista concedida pelo Subtenente Martins em 22/02/2008.

pesquisas: o estudo mostra que nem sempre o que foi compreendido como superado, como no assunto, o é na realidade.

Neste segundo caso, também, são feitos comentários sobre as dúvidas iniciais de tratamento entre os oficiais e as soluções encontradas para essa questão:

“De 94 para 95, estavam começando a ver qual seria o tratamento de um homem militar perante uma mulher dentro do Exército. (...) O Exército virou um pandemônio. Todo mundo ficava preocupado, um Coronel, ou de um Tenente, ou de um Sargento, alguém chamar a atenção de uma militar. Tem que ter uma testemunha perto? “Que se não, vai dizer que é assédio moral, assédio sexual ou coisa assim. Ela vai alegar o quê?” Então o pessoal estava muito preocupado com isso, com a mulher dentro do Exército.”¹⁷⁴

“A cada dia que passa, vai evoluindo até o tratamento da instituição. Por exemplo, no início, você via General puxando a cadeira para uma Tenente porque era mulher. Hoje não. (...) Você trata como militar. Você vai ver, eu sou o mais antigo daqui da sessão, e pela nossa hierarquia quando tiver uma cadeira, senta o mais antigo. Você vai ver que as meninas ficam de pé, e eu vou sentar, porque nossa estrutura está evoluindo para isso.”¹⁷⁵

No que se refere aos resultados, os comentários destacam uma “suavização” ou uma “humanização” do ambiente e uma melhoria da imagem da instituição diante da sociedade, ponto comentado por nós anteriormente. Nas palavras da Capitã Eduarda:

¹⁷⁴ Entrevista concedida por Moysés, marido da Capitã Eduarda, em 21/02/2008.

Acreditamos que essa preocupação em relação a uma possível atribuição de conotação sexual aos aspectos do cotidiano na caserna – a qual também se ligam os comentários do primeiro tipo acima citados – deriva-se do entendimento sexista de que as mulheres são alvo do desejo sexual dos homens e por isso deveria ser mantida afastada da convivência com eles. Este afastamento coibiria dois tipos de situações ligadas a diferentes percepções da mulher: aquela vista como frágil e débil, poderia ser protegida do ataque masculino, enquanto as percebidas como conquistadoras e aproveitadoras seriam impedidas de tirar proveito da atenção recebida. Nos dois casos, a mulher permanece como ponto focal do homem. O argumento de que este foco de atenção poderia prejudicar as atividades militares, principalmente as de combate, permanece também, ainda hoje como justificativa para a não incorporação plena das mulheres às Forças Armadas.

¹⁷⁵ Entrevista concedida pelo Capitão Mercaldo em 20/02/2008.

“Mas isso trouxe, principalmente dentro da minha área que é Comunicação Social, uma suavidade nas ações que ele já tinha. Eu acho que a gente trouxe em termos de atendimento ao público, participação em ações sociais do Exército... A gente trouxe, digamos assim, uma delicadeza que quebra um pouco a rigidez que todo mundo vê que tem. (...) Então, até mesmo uma mentalidade que o Exército está tentando desenvolver agora é quebrar aquela coisa do passado, um pouco da rigidez e trazer o Exército mais para perto da população. Então, eu acho que o papel das mulheres hoje, a mudança ocorrida, é que a gente ajuda nesse sentido, porque a gente está usando a farda, mas está de brinco, está de batom...”¹⁷⁶

“Hoje em dia, o que a gente nota é que a mulher, ao entrar no Exército, melhorou muito o trato do próprio militar dentro do Exército. Digamos que estava faltando o lado feminino no Exército.”¹⁷⁷

¹⁷⁶ Entrevista concedida pela Capitã Eduarda em 21/02/2008.

¹⁷⁷ Entrevista concedida por Moisés, marido da Capitã Eduarda, em 21/02/2008.

3.3 Novos Arranjos nas Famílias Militares

Reforçando o que anteriormente mencionamos, o período posterior à década de 1960, que trouxe consigo importantes mudanças comportamentais femininas, resultou em alterações no funcionamento das famílias. Dentre estas, podemos destacar crescente número de casais onde os dois cônjuges exercem atividades profissionais, menor percentual de nascimentos, o aumento de separações e divórcios e crescimento no número de famílias monoparentais ou recompostas.

Concordamos com a análise que François de Singly faz do que ele chama de “família da segunda modernidade”. De acordo com o autor, sua configuração se dá no final dos anos 60 e ela se caracteriza principalmente “pela crítica ao modelo da “mulher dona-de-casa”, sob a pressão do movimento social das mulheres e do feminismo; pela desestabilização do casamento, com a instauração do divórcio por consentimento mútuo e pelo crescimento da coabitação fora do casamento.”¹⁷⁸ O que leva à criação destas características é a crescente percepção na sociedade de que “as relações só são valorizadas quando realizam as satisfações proporcionadas a cada um dos membros da família”. Neste sentido, a felicidade individual é mais importante do que a formação de uma “família feliz”.¹⁷⁹

É interessante perceber que os laços conjugais não deixam de ser formados, mas passam a ser percebidos como uma forma de promover a realização de cada um dentro deste arranjo. Sendo assim, acreditamos que a formação deste tipo de

¹⁷⁸ SINGLY, François de. *Op. cit.*, p.130

¹⁷⁹ Idem, p.131.

núcleo familiar pode ser vista como a realização de um projeto individual, na medida em que é uma ação que serve à satisfação de cada um dos envolvidos e pode ter sua existência interrompida a partir do momento em que deixa de atingir este objetivo.

Pensando no contexto inicial de formação destas famílias – mudanças comportamentais e econômicas, inclusive com maior abertura para a inserção feminina no mercado de trabalho, mesmo que em atividades vistas como “de mulher” – consideramos que as mulheres socializadas neste período estão sujeitas ao estereótipo de gênero tradicional, mas possuem uma atitude de gênero mais flexível, possibilitando, que na idade adulta, por exemplo, estas vissem a escolha de um curso superior e o conseqüente exercício de uma profissão como um direito a ser plenamente exercido. A associação desta atitude de gênero com os ideais individualistas, resultaria em um aumento das possibilidades de formação do tipo de família acima descrito.

No que se refere à caserna, a necessidade de adentrar o mercado de trabalho – imposta pela conjuntura econômica e agravada pelo decréscimo do poder salarial dos militares – leva ao aumento da autonomia da esposa frente ao marido, o que acarreta mudanças nos arranjos que atendem às necessidades específicas da profissão militar. Quando perguntados sobre como percebem, atualmente, a disposição feminina em acompanhar os oficiais em suas transferências, os entrevistados respondem da seguinte maneira:

“Eu acredito que não. Hoje as mulheres não estão abrindo mais tanta mão assim da sua carreira, da estabilidade. Tanto é que, hoje em dia, tem casos de esposas que não estão acompanhando os maridos. Ficam em determinadas cidades e o marido vai transferido, porque, realmente, a vida não está fácil financeiramente. Então eles procuram juntar as duas profissões, de

um e de outro, e está mais difícil para a esposa, hoje em dia, acompanhar o marido.”¹⁸⁰

“(…) as moças não estão tão adeptas. Muitas vezes, os maridos moram num lugar e elas continuam trabalhando em outro.”¹⁸¹

“Então, eu acho assim, existem esposas que ainda acompanham, que abdicam do seu trabalho para acompanhar a carreira desse militar, mas agora existe uma predisposição para tentar conciliar essas duas coisas. Por que isso que eu vejo? Por causa da questão financeira. Hoje em dia, não tem como, se você tiver uma quantidade de filhos maior, não tem como você sustentar com o salário só de um.”¹⁸²

“Acredito que não. É uma decisão muito difícil, já que você tem que fazer uma opção muito difícil. Acaba sendo complicado, porque a mulher batalha muito para conseguir o espaço dela em vários espaços de representação, tanto na questão de emprego, como de liberdades, então acredito que a mulher já se pergunta muito.”¹⁸³

Verifica-se, pois, que atualmente há menor disposição das esposas em acompanhar seus maridos em suas designações e que o fator visto como preponderante para esta decisão é a necessidade de manter-se no mercado de trabalho. Essa predisposição em permanecer pode ser identificada, também, como uma necessidade de realização, de conquista pessoal. Neste sentido, para as esposas mais jovens, este tipo de escolha pode indicar um apego maior a um projeto pessoal e não ao projeto do marido, como ocorria, com mais frequência, anteriormente.

Entre os novos arranjos para equacionar essa situação, podemos destacar os seguintes: a possibilidade de o marido seguir sozinho para sua designação e a

¹⁸⁰ Entrevista concedida por Carolina, esposa do Coronel Oliveira, em 20/02/2008.

¹⁸¹ Entrevista concedida por Érica, esposa do Coronel Miranda, em 21/02/2008.

¹⁸² Entrevista concedida pela Capitã Eduarda, em 21/02/2008.

¹⁸³ Entrevista concedida por Luiza, esposa do Capitão Mercaldo, em 20/02/2008.

esposa permanecer na cidade onde trabalha, encontrando-se regularmente em uma das localidades; a esposa esforçar-se para passar em um concurso público federal ou trabalhar em uma empresa que possibilite transferências pelo território nacional para poder acompanhar o marido quando surge a necessidade ou, a mais inovadora das possibilidades, o marido deixar ou licenciar-se da instituição para acompanhar a esposa. Acreditamos que esta opção, muitas vezes por ser financeiramente vantajosa em comparação com os soldos militares, tende a ser cada vez mais considerada, principalmente entre os escalões mais baixos, onde os proventos são menores. Seguem as impressões dos entrevistados.

“(...) as moças não estão muito adeptas. Muitas vezes os maridos moram num lugar e elas continuam trabalhando em outro. E ficam naquela coisa cíclica: viajam, passam um tempo aqui e voltam para o seu trabalho. Pode dar certo? Pode. Mas acho meio difícil numa relação uma vida inteira assim, cada hora um num canto.”¹⁸⁴

“Eu tenho visto no dia-a-dia que a solução é que a esposa fica mesmo em outra cidade e o marido vai para o destino. (...) Eu tenho visto muitos casos assim.”¹⁸⁵

“Então, muitas esposas dos militares que eu vejo, elas trabalham em alguma instituição ou mesmo passam em concurso público para poderem estar acompanhando o marido, para ajudar na renda da família, porque nem todos os filhos passam em faculdade pública, tem tudo isso.”¹⁸⁶

“Eu tenho um amigo, que na verdade, ele é militar de outra Força, e a mulher foi transferida. Ela era de uma empresa e foi transferida e ele acabou pedindo licença para acompanhá-la, porque acabava sendo, até financeiramente, mais significativo para a estrutura familiar, então eles fizeram isso. Não é regra. Acho que ainda é um número pequeno, mas eu acredito que nós estamos conseguindo conquistar nossos espaços em gerenciamentos, em condução e que

¹⁸⁴ Entrevista concedida por Érica, esposa do Capitão Miranda, em 21/02/2008.

¹⁸⁵ Entrevista concedida por Carolina, esposa do Coronel Oliveira, em 20/02/2008.

¹⁸⁶ Entrevista concedida pela Capitã Eduarda, em 21/02/2008.

não sei se é tão fácil abrir mão. Seria difícil, cruel e acho que precisa ser revisto sim.”¹⁸⁷

Cumpra dizer que a maioria dos depoentes, como dito acima por Luiza, acredita que existe a real necessidade, por parte do Exército, de uma adaptação a esta nova realidade. Falando sobre uma solução para esta situação, Érica propõe: “O militar ficar mais tempo parado em cada local que serve. Quero dizer muito tempo. Bastante tempo. E as pessoas criarem uma solidez maior.”¹⁸⁸ Os dois coronéis entrevistados dizem que já existe um processo de adaptação por parte da instituição. De acordo com o Coronel Oliveira, o “(...) o próprio Exército já também, flexibilizou um pouco. Ele procura atender as necessidades do serviço e depois as necessidades individuais. Então, hoje, não há uma frequência de transferências tão grande como era anteriormente.”¹⁸⁹ O Coronel Miranda aponta para uma preocupação para com atendimento das necessidades da família:

“É uma evolução que está acontecendo, está sendo humanizado, muito. Antigamente, éramos movimentados assim de uma maneira bastante aleatória e pelo interesse do serviço. E, atualmente, se tenta sempre conjugar o interesse familiar. Aumentou-se muito a sensibilidade institucional para os problemas individuais de cada família. Isso está melhorando, está diminuindo o impacto. Mas a tendência é das mulheres não abrirem mão das suas conquistas profissionais, e aí, de alguma maneira a instituição vai ter que se equacionar para que a família não seja separada e seja mantida sempre unida.”¹⁹⁰

Como demonstra a Tenente Camila, nos casos em que ambos os cônjuges são militares, o Exército tem aberto a possibilidade de acompanhamento no caso de

¹⁸⁷ Entrevista concedida por Luiza, esposa do Capitão Mercaldo, em 20/02/2008.

¹⁸⁸ Entrevista concedida por Érica, esposa do Coronel Miranda, em 21/02/2008.

¹⁸⁹ Entrevista concedida pelo Coronel Oliveira em 20/02/2008.

¹⁹⁰ Entrevista concedida pelo Coronel Miranda em 21/02/2008.

transferência de um dos membros do casal. No caso dela, casada com o Subtenente Martins, ao sair da Escola de Administração do Exército (EsAEx), foi transferida para Brasília e seu marido pediu acompanhamento a partir da cidade de Porto Alegre, no que foi atendido. No relato dela:

“Eu fiz a Escola (...) fui classificada aqui em Brasília. Ai eles me transferem, ai ele pede transferência por interesse próprio para acompanhar a família. Geralmente, o Exército tem dado, mas tem umas certas exigências – tem que ter um tempo de guarnição suficiente para a pessoa ser transferida, tem que estar de acordo com o comandante – mas quando é para acompanhar a família o Exército tem dado, se a pessoa atende as exigências. E ai, ele vem, eu ganho a indenização, quem é transferido, e o outro vem como se fosse por interesse próprio.”¹⁹¹

Embora existam, tanto por parte do núcleo familiar como por parte da instituição arranjos para equacionar as questões relativas às transferências, por vezes, o afastamento geográfico do casal acaba por resultar na separação deste. Falando sobre um possível aumento no número de divórcios nos meios militares, Carolina observa que, embora não tenha informações estatísticas, “existem muitos casos, em que a esposa não acompanha o marido.”¹⁹²

Pensando que a adesão ao projeto do marido pelas esposas militares, resultava em uma total adequação às necessidades profissionais deles e em uma grande cota de sacrifícios feita por elas, as separações indicam um movimento contrário: a valorização do projeto individual feminino diante da dificuldade de conciliação dos projetos de ambos. Nas palavras do Capitão Mercaldo:

¹⁹¹ Entrevista concedida pela Tenente Camila em 21/02/2008.

¹⁹² Entrevista concedida por Carolina, esposa do Coronel Oliveira, em 20/02/2008.

“Agora, o que houve de mudança é que é uma mudança da sociedade em relação à mulher. Então, por exemplo, há 20, 30 anos atrás, a mulher se sujeitava à muitas coisas em função de depender do marido. Hoje, com a evolução em que a mulher tem seu salário, tem uma educação superior, ela não se sujeita mais a certas coisas. Isso é uma evolução, não só do meio militar, é uma evolução da sociedade. Então, você vai ver que o índice de separação tem aumentado muito.”¹⁹³

Conforme vimos anteriormente, da mesma maneira que o engajamento da esposa ao projeto do marido era importante para o sucesso deste, o desengajamento por meio da separação pode ser prejudicial para a consecução deste objetivo. De acordo com os depoimentos, dentro da instituição, as separações são vistas, atualmente, de uma maneira menos negativa do que em períodos anteriores, embora ainda possam causar impedimentos no processo de ascensão na hierarquia militar. Na avaliação do Capitão Mercaldo: “Até ai você vê outras coisas, você vê que até anos atrás, que o militar separado não sairia General. (...) E hoje em dia não tem mais isso.”¹⁹⁴ As considerações de Érica podem ser vistas como complementares à anterior: “Tem alguns casos que, vamos assim dizer, de oficiais que estavam praticamente certos como Generais e, por uma separação, causou problemas e eles acabam não sendo promovidos. E como tem casos em que isso ai não é muito levado em consideração e saem Generais.”¹⁹⁵ Para explicar o fato de quem em determinados casos a separação é vista como um fator negativo e em outros não é considerada, Moysés faz a seguinte afirmação:

“(...) eu acredito que o Exército ainda tem que mudar alguns paradigmas. Um dos paradigmas é o seguinte: um militar de

¹⁹³ Entrevista concedida pelo Capitão Mercaldo em 20/02/2008.

¹⁹⁴ Idem.

¹⁹⁵ Entrevista concedida por Érica, esposa do Coronel Miranda, em 21/02/2008.

carreira que quer chegar ao posto de General, da forma que ocorrer uma separação, um divórcio, a maneira que ocorrer, pode prejudicar sim. Então, às vezes, (...) ele se separou da mulher, deu muita briga, ele namora uma pessoa do próprio ambiente de trabalho dele, às vezes bem próxima, sendo subordinada dele. Isso, às vezes, perante aos amigos que já são de um posto avançado, que podem indicar ele para um posto de General, isso pode, realmente, atrapalhar. No Exército ainda tem aquele negócio, depende de com quem você está casado. Se essa pessoa não tem um histórico, se ela tem um histórico ela pode queimar sua ascensão, mas isso eu acredito nos postos mais em cima, para General. O que nos demais para baixo, não interfere.”¹⁹⁶

Apesar de haver uma tendência a uma aceitação das separações no âmbito institucional, pode-se perceber na Família Militar uma forte resistência a esta situação. As palavras de Érica são representativas ao explicitar essa posição. Embora longa, vale a citação:

“(...) Eu acho importante o casamento para a manutenção da saúde da instituição, porque esse convívio... de troca de esposas é até difícil no convívio, na relação social da Família Militar. Porque eu, por exemplo, sou amiga de uma pessoa. E, de repente, ela se separa. Essa outra esposa, eu vou ter uma certa rejeição com ela. Uma dificuldade. Por quê? Porque o militar leva uma vida muito difícil. Só quem vive isso desde o início, do casamento até chegar a Coronel. A gente leva uma vida muito difícil. Você mora em lugares que jamais pensou na vida. Você tem que deixar até as suas guloseimas para ficar comendo só o que tem. Então, você leva uma vida muito difícil. Tem que abrir mão de muita coisa. Então, quando um oficial se separa da pessoa, que você vê que se dedicou, você fica meio revoltado. Aquela pessoa passa a ser mal vista. Ela (a nova esposa) chega e não tem a mesma, vamos dizer, aceitação do que aquela esposa. (...) a gente tem uma dificuldade de realmente colocar essa pessoa dentro do círculo de amizade normal, que você desenvolve a vida inteira. Até pela intimidade que você já tem. Porque as coisas vem de longos anos. Então é difícil uma pessoa, de repente, que chega e agora é tua esposa e faz parte daquele círculo que você constrói... é difícil a aceitação. É mais complicado. Então, eu acho e até fico chateada, às vezes, de ter uma rejeição porque a pessoa não tem culpa. Muitas vezes, (o oficial) conhece uma pessoa que não foi a causa de uma separação.

¹⁹⁶ Entrevista concedida por Moysés, marido da Capitã Eduarda, em 21/02/2008.

Simplesmente, então, quando o caso é esse, é até mais fácil. *Quando é causa de uma separação, essa é inviável.*”¹⁹⁷

Sendo um grupo com participação prioritária das mulheres¹⁹⁸ e que se baseia no estabelecimento de fortes laços de apoio mútuo e solidariedade entre elas, a Família Militar, ao opor-se às situações advindas de uma separação, age como uma fonte de regulação moral de todo o meio militar. Ela traz para si a obrigação de denunciar o desvio dos valores cultivados na caserna. Sendo assim, “a acusação de desvio sempre em uma dimensão moral que denuncia a crise de certos padrões ou convenções que dão ou davam sentido a um estilo de vida.” Ao denunciar o desvio, no exemplo citado por Érica, a exclusão da esposa do projeto conjunto com o marido, a Família Militar marca a distinção entre as práticas aceitas e as rejeitadas pelo grupo e que são necessárias para a manutenção de sua existência na forma em que é conhecido. De acordo com Velho, “a existência de uma ordem moral identificadora de determinada sociedade faz com que o desviante *funcione* como um marco delimitador de fronteiras, símbolo diferenciador de identidade, permitindo que a sociedade se descubra, se perceba pelo que não é ou pelo que não quer ser.”¹⁹⁹ Esta situação nos remete à distinção praticada na caserna entre nós-militares e eles-civis, onde os primeiros são percebidos como possuidores de melhores condições morais que os demais. Neste sentido, a preservação das práticas da Família Militar seria uma forma

¹⁹⁷ Entrevista concedida por Érica, esposa do Coronel Miranda, em 21/2/2008.

¹⁹⁸ Conforme dito anteriormente, embora participem das atividades promovidas pelo grupo, os maridos passam boa parte do tempo “em serviço” e, além disso, tem a oportunidade de estabelecer um número maior de contatos nas diferentes esferas sociais que suas funções lhes permitem contato. Sendo assim, são as mulheres a força preponderante neste espaço, sendo que a defesa dele passa pela valorização delas.

¹⁹⁹ VELHO, Gilberto. *Op. cit.*, p.59.

de defender a manutenção dos valores da corporação, neste caso, a valorização do papel desempenhado pela mulher durante toda a carreira de seu marido.

Conclusão

Consideramos que em consonância com o estereótipo de gênero praticado na sociedade do início da década de 60, que demarcava fortemente os espaços masculinos e femininos, a mulher, ao adentrar o espaço de produção econômica tinha que se submeter às relações de gênero ali estabelecidas. Em harmonia com a submissão aprendida em seu processo de socialização – tido como natural para as mulheres – a maioria delas procurava e aceitava cargos que exigiam menor qualificação, apresentavam relações de dependência e eram considerados de valor inferior ao dos homens, os chamados serviços de mulher. Em consequência, essa situação resultava no recebimento de salários menores que os aferidos pelos homens.

Verificamos que a partir do final da década de 60, sob a influência de mudanças comportamentais empreendidas por uma vanguarda feminina, passa a haver uma flexibilização em relação à atitude de gênero, ou seja, uma maleabilidade em relação às características tidas como desejáveis para cada grupo sexual. Sendo assim, as mulheres sociabilizadas a partir deste período puderam desenvolver novas posturas e ocupar espaços tidos até então como exclusivamente masculinos.

A incorporação feminina às Forças Armadas, a partir dos anos 1980, representa uma das formas de inserção em novos espaços. Devemos considerar que, apesar da maior aceitação de novos papéis sociais para as mulheres, os estereótipos de gênero permanecem constantes, ou seja, a percepção de traços tidos como típicos de cada sexo pouco variou ao longo do tempo. Sendo assim, acreditamos que o processo brasileiro de incorporação feminina às Forças Armadas foi permeado por estes

estereótipos que definiam como típico dos homens as características da virilidade e da liderança e próprio das mulheres a docilidade e a passividade. De acordo com isso, mesmo ao ocupar as mesmas posições que os oficiais do sexo masculino e concorrendo às promoções em condições iguais, estas mulheres permaneciam em postos com características de dependência, afastadas dos postos combatentes, que dão acesso ao oficialato superior. Sendo assim, da mesma maneira que no mercado de trabalho, que abria às mulheres aquelas posições que não despertavam tanto interesse nos homens, seja pela remuneração ou pela posição social delas advindas, as Forças Armadas, para compensar a ausência masculina, passam a integrar as mulheres, porém afastadas dos altos postos da hierarquia militar. Deste modo, seriam atendidos os anseios sociais pela ocupação, por parte das mulheres, de um novo espaço, até então exclusivamente masculino, mas continuariam a ser praticados os estereótipos sexuais tradicionais, que ditam a obediência e não o comando como tarefa feminina.

As mesmas transformações que se imprimem no processo de socialização feminino deixam também suas marcas no foco de formação das famílias. As que são formadas a partir das características do início dos anos 60 são focalizadas nas relações interpessoais, marcadas pela dependência da esposa em relação ao marido e pela permanência dela no lar visando o cuidado dos filhos. As que se estabelecem em um momento posterior, tem como característica cada vez mais marcada, a objetivação da realização pessoal e da satisfação de cada um de seus membros. Esta apresenta adesão cada vez maior, por parte dos indivíduos, a projetos particulares e sua duração está circunscrita ao período em que seus objetivos continuam a ser atendidos.

Sendo assim, consideramos que convivem dentro do Exército duas temporalidades. A primeira se refere às esposas que foram socializadas até o início da década de 1960 e que apresentam um comportamento coerente com o estereótipo de gênero praticado no período. A segunda é referente às mulheres que passaram pelo mesmo processo, mas a partir do final dos anos 60. Educadas a partir de uma atitude de gênero mais flexível em relação ao papel a ser desempenhado, estas mulheres passaram a ocupar cada vez mais espaços, inclusive os tidos como exclusivamente masculinos, como o mercado de trabalho e o próprio Exército. As diferentes atitudes de gênero apresentadas por estas mulheres levam a diferentes níveis de inserção social e a formação de redes de relações sociais diversas, como no caso das que desenvolvem atividades profissionais fora do lar e das que permanecem em casa. Esta diferenciação resultará em diferentes proporções de adesão ao projeto da carreira militar do marido.

Quando se incorpora ao Exército, o oficial estabelece um projeto individual – sua profissionalização e a conseqüente carreira militar. Porém, quando se casa, as exigências específicas de sua profissão tornam-se impedimento para que suas esposas tenham seus próprios projetos pessoais. Percebemos, portanto, que entre as famílias dos oficiais mais antigos, muitas vezes formadas por filhos de militares, a adesão ao projeto masculino e aos valores militares é mais forte. Nas famílias com formação mais recente, esta adesão acontece, mas em menor número, justamente porque neste caso, os dois cônjuges trabalham, tem contatos com uma rede social mais ampla e há um foco maior na realização dos projetos da esposa, o que leva a um distanciamento do projeto do marido.

Este desengajamento pode resultar em novos arranjos para atender às necessidades da profissão militar: a permanência da esposa na cidade em que trabalha, enquanto o marido dirige à sua nova designação; o emprego de um dos cônjuges em uma empresa que permita a transferência por todo o território nacional, assim como o faz o Exército; ou, levando-se em consideração questões financeiras, o afastamento por parte do militar de suas funções para acompanhar seu cônjuge em uma oportunidade profissional mais vantajosa. Cabe salientar que o primeiro arranjo é visto como ponto de partida para uma eventual separação do casal.

Nos dois casos acima expostos, os níveis de engajamento ao projeto militar se refletem na participação das esposas na chamada Família Militar. Esta tem como características a valorização da cooperação e o fornecimento de apoio mútuo entre seus membros. Esta representa, também, uma forma de incentivar e regulamentar a aplicação dos valores militares por parte dos que estão ligados direta ou indiretamente à instituição, ou seja, os oficiais, as esposas e seus filhos. Neste sentido, acreditamos que ela se configura num projeto social, que se mantém na medida em que gratifica e atende aos interesses dos indivíduos nele inseridos, além de conter um elemento político que é a representação dos interesses de seus membros, sejam eles ligados à valorização das esposas ou à questão salarial dos maridos.

Consideramos, também, que pela convivência de temporalidades e formações diferentes nos meios militares, há uma busca por adaptação, por parte do Exército, para o atendimento das necessidades específicas de seus membros. Dentre essas podemos destacar uma diminuição do número de transferências e a criação da possibilidade de movimentações casadas.

Bibliografia

Livros e revistas especializadas:

ALAMBERT, Zuleika. *A situação e organização da mulher*. São Paulo: Global, 1980.

ARAÚJO, Clara & SCALON, Celi. “Gênero e a distância entre a intenção e o gesto”. *Revista de Ciências Sociais*. v.21, nº62, São Paulo, out.2006, p.04.

ARAÚJO, Maria de Fátima & MATTIOLI, Olga Ceciliato. *Gênero e violência*. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

ARNS, Paulo Evaristo (prefácio). *Brasil: Nunca Mais*. Petrópolis: Vozes, 1990.

ARRUDA, Antonio de. *ESG: História de sua doutrina*. São Paulo/Brasília: GRD/INL, 1980.

BAQUERO, Marcello & PRÁ, Jussara R. “Participação real e espaço imaginário: a mulher e a democracia na América Latina”. *Revista Ciências Sociais*. Porto Alegre. nº 02, vol.01, 1987.

BARROSO, C. L.; MELLO, G. N. “O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro”. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº15, dez/1975.

BARROSO, Carmem Lúcia de Melo. “Estereótipos sexuais: possíveis contribuições da psicologia para sua mudança”. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº15, dez/1975.

_____. “Um novo conceito de política – o caso da conferência de Copenhague”. *Cadernos: CERU*. São Paulo. nº 14, dez/1981.

BLAY, Eva Alterman. “O trabalho feminino”. *Cadernos: CERU*. São Paulo. nº 06, jun/1973.

_____. “Trabalho industrial x trabalho doméstico: a ideologia do trabalho feminino”. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo. nº 15, dez/1975.

BONACCHI, Gabriela & GROPPI, Ângela (orgs.) *O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres*. São Paulo: UNESP, 1995.

BRANDÃO, Margarida Luiza R. & BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (orgs.). São Paulo: Loyola, 1994.

BRIGAGÃO, C. *A militarização da sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BRITO, Maria Noemi Castilhos. “Mulheres como sujeitos sociais: a diferenciação feminina”. *Revista Ciências Sociais*. Porto Alegre. nº 02, vol.01, 1987.

BRUSCHINI, Cristina & SORJ, Bila (orgs.). *Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

BURGUIERE, André. *História da família*. Lisboa: Terramar, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Relume Dumará, 1996.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant (org). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC: Cortez, 2000.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. *Consciência de gênero na escola*. Ed. Universitária, 2000.

CARVALHO, Marilu. *Caminhando com Estrelas...* Brasília: Thesaurus, 2008

CASTRO, Celso. *Os militares e a República*. Um estudo sobre a cultura e a ação política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. *O espírito militar. Um antropólogo na caserna.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CASTRO, Mary Garcia Abramovay. *Gênero e meio ambiente.* São Paulo: Cortez: Brasília: UNESCO: UNICEF, 1997.

COELHO, Edmundo Campos. *Em busca da identidade: o Exército e a política na sociedade brasileira.* Rio de Janeiro: Record, 2000.

COMMAILLE, Jacques. *A nova família: problemas e perspectivas.* Rio de Janeiro: Renovar, 1997.

COMBLIN, J. *A ideologia da segurança nacional: o poder militar na América Latina.* 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CORREA, Mariza & SOUZA, Érica Renata de. *Vida em família. Uma perspectiva comparativa sobre “crimes de honra”.* Campinas: Pagu, 2006.

COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero.* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

COSTA, José Luiz Machado. Balanço estratégico na América do Sul e o papel do Brasil na construção de uma visão sul-americana de defesa: condicionantes, singularidades e parâmetros. *Política Externa*, São Paulo. nº 4, vol.07, mar/1999.

CRUZ, Sebastião V. & MARTINS, Carlos E. “De Castello a Figueiredo: uma incursão na pré-história da ‘abertura’” In ALMEIDA, Maria Helena T. *Sociedade e política no Brasil pós-64.* São Paulo: Brasiliense, 1984.

D’AMORIN, Maria Alice. “Cognição social, estereótipos de gênero e sexismo”. *Revista de Ciências Sociais.* Rio de Janeiro. nº 02, vol.02, dez/1996.

D’ARAÚJO, Maria Celina. *Os Anos de Chumbo: memória militar sobre a repressão.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

_____. *Visões do golpe: memória militar sobre 1964*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

_____. Ainda em busca da identidade: desafios das Forças Armadas na Nova República. *Textos Cpdoc*, Rio de Janeiro, nº 36, 2000

_____. “Mulheres, homossexuais e Forças Armadas no Brasil”
In: CASTRO, C. IZECKSOHN, V. KRAAY, H. (orgs.). *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

FAUSTO, Boris. *O Brasil Republicano: História Geral da Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FÁZIO, Ednéia. “A presença feminina no Exército e Aeronáutica do Brasil”. REDES, 2003 (digit.)

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Entre-Vistas: abordagens e uso da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.

_____. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. “História do tempo presente: desafios”. *Cultura Vozes*. Rio de Janeiro. nº 03, vol.94, 2000.

FERREIRA, Oliveiros S. “A Escola Superior de Guerra no quadro do pensamento político brasileiro”. In: Adolpho Crippa (coord.) *As idéias políticas no Brasil*. São Paulo: Convívio, 1979.

_____. *Forças Armadas, para quê?* São Paulo: Edições GRD, 1988.

_____. *Vida e morte do Partido Fardado*. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2000.

FREITAS, Lena C. B. F. de. *As elites brasileiras e a Escola Superior de Guerra*. São Paulo: FFLCH/USP, 1985. Tese de doutoramento.

GARCIA, Marco Aurélio. “O gênero da militância. Notas sobre a possibilidade de uma outra história de ação política”. *Cadernos Pagu*. Campinas. nº 08, vol.09, 1997.

GÁSPARI, Élio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *A ditadura derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GAZETTA, Maria Luisa Barca. *Das mulheres de preto ao colorido das mulheres*. O que será o amanhã. Franca: 2006 (Tese de doutoramento).

GELINSKI, Carmem R. Ortiz & RAMOS, Ivoneti da Silva. *Mulher e família em mutação*. Onde estão os mecanismos de apoio para o trabalho feminino? Disponível em <http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/download/mulher/2004/artigo9.pdf>

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

GOLDBERG, Maria Amélia Azevedo. “Concepções sobre o papel da mulher no trabalho, na política e na família”. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº15, dez/1975.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HARVEY, David, *A Condição Pós-Moderna*, São Paulo, Loyola 1996.

HOBSBAWM, Eric. “O presente como história: escrever a história de seu próprio tempo”. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo. nº 43, nov/1995.

HUNTINGTON, Samuel P. *El soldado y el Estado*. Teoría y política de las relaciones cívico-militares. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1995.

JANOWITZ, Morris. *O Soldado Profissional*, Rio de Janeiro, GRD, 1978.

LAMOUNIER, Bolivar. (org.) *De Geisel a Collor: o balanço da transição*. São Paulo: Idesp; Ed. Sumaré, 1990.

LEINER, Piero de Camargo. *Meia Volta Volver*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

LEWCOWICZ, Ida. *Vida em família: caminhos da igualdade em Minas Gerais (séculos XVIII e XIX)*. Tese de Doutorado. São Paulo: [s.n],1992.

LOBO, Elizabeth Souza. “Mulheres, feminismo e novas práticas sociais”. *Revista Ciências Sociais*. Porto Alegre. nº 02, vol.01, 1987.

MACHADO, Lida Maria Jueiro. *Atores Sociais: Movimentos urbanos, continuidade e gênero*. São Paulo: Annablume, 1995.

MADEIRA, Felícia Reicher. “A trajetória das meninas dos setores populares: escola, trabalho ou... reclusão.” *Quem mandou nascer mulher?* Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

MADEIRA, Felícia & SINGER, Paul I. “Estrutura do emprego e o trabalho feminino no Brasil – 1920-1970”. *Cadernos CEBRAP*. São Paulo, vol.13, 1973.

MARTINS, Luciana da Silveira. *Trabalho feminino, gênero e conjugabilidade: relações conflituosas?* Franca: 2006 (TCC).

MARTINS, Tatiana Roberta Borges. *Como se ensina a ser menina e menino: relações de gênero na família*. Franca: 2006 (TCC).

MATHIAS, Suzeley Kalil. *Forças Armadas e Administração Pública: a participação militar nas comunicações e na educação (1963-1990)*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1999. (Tese de doutoramento)

_____. Os militares e a consolidação democrática. *Premissas*. Campinas, Caderno 10, NEE/UNICAMP, agos/1995.

MELLO, Guiomar Namó de. “Os estereótipos sexuais na escola”. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo. nº15, dez/1975.

MIRANDA, Glaura Vasques de. “A educação da mulher brasileira e sua participação nas atividades econômicas, em 1970”. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo. nº 15, de/1975.

MOSKOS, Charles C. *Lo militar: Más que una profesión?* Madri: Ministerio de Defensa, 1991.

MURARO, Rose Marie. *Sexualidade da Mulher Brasileira*. Corpo e Classe Social no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

NORONHA, Olinda Maria. *De camponesa a “madame”*. Trabalho feminino e relações de saber no meio rural. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 1984.

OLIVEIRA, Eliézer Rizzo de. *Militares: pensamento e ação política*. Campinas: Papirus, 1987.

_____. (et. alli.) *As Forças Armadas no Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo e Espaço, 1987.

_____. *De Geisel a Collor: Forças Armadas, transição e democracia*. Campinas: Papirus, 1994.

_____. Política de Defesa Nacional e relações civil-militares no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. *Premissas*, Campinas, Caderno 17-8, maio de 1998.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PINNELLI, Antonela. *Gênero nos estudos de população*. Campinas: ABEP, 2004.

PINTO, Celi Regina Jardim. “A mulher como sujeito político: o caso latino americano”. *Revista Ciências Sociais*. Porto Alegre. nº 02, vol. 01, 1987.

POLLAK, Michel. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. nº10, vol. 05, 1992.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro de informação viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

RABELLO, Ricardo da Costa. “Aspectos sócio-econômicos da profissionalização da mulher”. *Cadernos: CERU*. São Paulo. nº 06, 1973.

REZENDE, Cristiane Barbosa. *Provisão econômica e poder de gênero nas relações familiares: chefia familiar feminina?* Franca: 2006 (TCC)

RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: UNESP, 1993.

ROUQUIÉ, Alain (org.). *Os partidos militares no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

SAFFIOTI, Heleieth. *Emprego doméstico e capitalismo*. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1979.

SAFFIOTI, Heleieth & BONGIOVANI, Iara. “Aspectos gerais do problema da mulher”. *Cadernos: CERU*. São Paulo. nº 06, 1973.

_____. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SARACENO, Chiara. “A dependência construída e a interdependência negada. Estruturas de gênero da cidadania”. In: BONACCHI, Gabriela; GROPPPI, Angela. *O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres*. São Paulo: Editora da Universidade estadual Paulista, 1995.

SINGLY, François. *Sociologia da Família Contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2007.

_____. A formação dos oficiais da Marinha do Brasil: educação, profissão, pensamento estratégico (1978-2001). Tese, Unicamp, 2002.
SKDIMORES, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castello Branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Brasil: de Castello Branco a Tancredo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SOLA, Lourdes. PAULANI, Leda M. (orgs.) *Lições da década de 80*. São Paulo: Edusp; Genebra: Unrisd, 1995.

STEPAN, Alfred. *Os militares na política*. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1975.

_____. (org.) *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1988.

_____. *Os militares: da Abertura à Nova República*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

TAKAHASHI, Emília Emi. *Homens e mulheres em campo: um estudo sobre a formação da identidade militar*. Tese, Unicamp, 2002.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOLEDO, Cecília. *Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide*. São Paulo: Xamã, 2001.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VIEIRA, Evaldo. *Estado e miséria no Brasil: de Getúlio a Geisel*. São Paulo: Cortez, 1978.

WOORTMANN, Klaas. “A comida, a família e a construção do gênero feminino”. *Dados: Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro. nº 01, vol. 29, 1986.

Artigos e textos eletrônicos:

ALMEIDA, Mariza Ribas D'Ávila. Contexto Político-Institucional do processo decisório sobre a admissão da mulher militar. Disponível em: <http://www.abed-defesa.org/page4/page8/page9/page14/files/MarizaRibas.pdf>

BRUSCHINI, Cristina & LOMBARDI, Maria Rosa. “A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo.” *Cadernos de Pesquisa*. nº110, São Paulo, Jul, 2000. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742000000200003&script=sci_arttext&tlng=es

KUHLMAM, Paulo R. L. “A cidadania dos militares no Brasil: marchas e contra-marchas.” ANPUH, 2004 (digit.).

LEINER, Piero de Camargo. Sobre “nomes de guerra”: classificação e terminologia militares. *Etnográfica* v.12 n.1 Lisboa maio 2008. Disponível em: http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0873-65612008000100010&script=sci_arttext

MATHIAS, Suzeley Kalil. *As mulheres chegam aos quartéis*. Disponível em: <http://www.resdal.org/producciones-miembros/art-kalil.html>

MATHIAS, Suzeley Kalil. Gênero, Defesa e Paz no Cone Sul. Disponível em: <http://www.resdal.org/mujer-ffaa-misiones-cono-sur.pdf>

MOLINAS, Violeta Brozzon de. “Pautas Sociales de Comportamiento específicos de la mujer em la Fuerza Aérea.” REDES, 2003. (digit.)

PECCI, Gladys Ruiz de. “La incorporación plena de la mujer en las Fuerzas Armadas; diferencial psico-físico”. REDES, 2003 (digit.)

RODRIGUEZ, Matilde. *Participação das mulheres na guerrilha argentina*. Franca: UNESP, Dissertação de Mestrado, 2001.

SILVA, Fernanda Machado Chinelli. “*Eu adoro ser mulher de militar*”. Estudo exploratório sobre a vida das esposas de militares. p.08. Disponível em: <http://www.abed-ddfesa.org/page4/page7/page21/files/FernandaChinelli.pdf>

SILVEIRA, Cláudio de Carvalho. “As mulheres na Marinha do Brasil”. REDES, 2003 (digit.)

Anexo I – Hierarquia do Exército

Oficiais Gerais

Marechal
General-de-Exército
General-de-Divisão
General-de-Brigada

Oficiais Superiores

Coronel
Tenente-Coronel
Major

Oficiais Intermediários

Capitão

Oficiais Subalternos

1º Tenente
2º Tenente
Aspirante-a-Oficial

Graduados

Subtenente
1º Sargento
2º Sargento
3º Sargento
Taifeiro-Mor
Cabo
Taifeiro de 1ª classe
Taifeiro de 2ª classe

Anexo II - Entrevistas

Brasília, 20/02/2008 – Entrevista com Coronel Oliveira

- 1- Senhor Coronel, você acredita que as características ou as qualidades que os cadetes são estimulados a adquirir durante o processo de socialização, profissionalização militar, elas constituem, são para as mulheres fator relevante de atração por militares, será que essas características tornam o militar um partido ideal?

R: Essas características e qualidades que os cadetes são estimulados a adquirir... Qualidades essas que com as mudanças de valores, como verdade, caráter, disciplina...Acho que isso aí é um atrativo para qualquer mulher, não só para a do meio militar. Trabalhar com valores realmente basilares, isso aí é muito importante. Agora, partido ideal, fica um pouco forte você dizer se é um partido ideal. Só que esses valores que são difundidos na academia, são valores que deveriam estar difundidos em toda sociedade. Partindo dessa premissa, você se torna um partido ideal para qualquer mulher.

- 2- Então, o senhor acha que quando as mulheres namoram ou se casam com um militar, o que exatamente elas estão procurando nesse indivíduo? Será que elas se casam por eles serem militares, ou se casam com o indivíduo que por consequência é militar?

R: Não, eu discordo totalmente. O casamento acontece independente da profissão. Primeiro tem que existir atração, amor, carinho. Não há um interesse financeiro, na carreira... Eu não vejo nenhuma caracterização por ser militar. Minha esposa não casou comigo porque eu era militar. Pelo contrário.

- 3- Quer dizer que casou apesar de você ser militar...

R: Não, casou porque nós nos conhecemos e surgiu. Por isso que eu falei para você. Principalmente o amor, conhecimento mútuo. Mas depois que você começa a dizer o que está acontecendo. Eu já era tenente quando comecei a namorar com ela e viria casar com ela depois de 4 a 5 anos de namoro. Meu caso é muito particular, porque nós somos de Resende (RJ), ela conhece, o pai dela é militar... Então ela conhece toda a vida militar. Não era questão de ser partido ou não. É que nós somos da mesma cidade e surgiu uma atração, amor, carinho, tudo isso.

- 4- E na opinião do senhor, como é que são encaradas pelas esposas ou namoradas as exigências da vida militar, por exemplo, as mudanças. Como o senhor acha que as esposas encaram essas mudanças?

R: Esse é um aspecto bastante difícil. Para você ter uma idéia, eu tenho 23 anos de casado e 27 mudanças. Uma, às vezes mais, por ano. Em um ano, eu já mudei 2 ou 3 vezes de casa. (Quantas casas você já morou? Acho que no máximo 3). Então, requer não muito desapego aos bens materiais, requer ter de chegar em uma cidade nova, reconstruir toda uma vida, reconstruir toda uma rede de contatos, amizades, até de trabalho, quando se trabalha. Então isso é bastante dificultado com essas mudanças constantes. As constantes mudanças trazem, realmente, consequências sérias em todos os campos. Quanto mais o tempo vai passando, mais tempo de casado você tem, as pessoas dizem “você se acostuma com isso”, pelo contrário, os problemas são maiores, porque filhos pequenos, eles te acompanham, a esposa é jovem, tem uma disposição melhor para enfrentar todos esses processos de mudança. Com o passar do tempo, a idade da gente vai cansando, apesar de você adquirir mais experiência com as mudanças, mas você também adquire, quer uma certa distância dessas mudanças. Você diz: “Olha, não saio mais daqui, chega. Está de bom tamanho, está na hora da gente parar...”

- 5- Em relação ao mercado de trabalho, hoje as esposas se dispõem em acompanhar seus maridos nas suas designações, ou você acha que essa disposição está mudando?

R: É... Com o passar do tempo as conseqüências vão aumentando. Vocês jovens estão estudando ainda, ela está procurando se inserir no mercado, às vezes até surge outras oportunidades com as mudanças. Com o passar do tempo, isso vira um grande problema. Ninguém se dispõe a deixar sua vida pelo outro, então tem que buscar sempre conciliar, atender as duas partes, as duas carreiras. Eu vejo isso, entendeu? Muitas vezes há prejuízo, ou para homem, ou para mulher. Não necessariamente sempre para a mulher, mas até mesmo para o homem.

6- Atualmente, com a questão salarial, essa questão tem influenciado... o Senhor observa de maneira geral, não pessoalmente, mas essa questão tem influenciado na decisão de acompanhar ou não, o marido?

R: Acompanhar ou não, como eu posso dizer para você... No próprio Exército já também flexibilizou um pouco. Ele procura atender as necessidades do serviço e depois as necessidades individuais. Então, hoje, não há uma freqüência de transferência tão grande como era anteriormente. Mas influencia. A questão salarial influencia na questão de você não mudar, permanecer o maior tempo possível dentro da localidade que você cobre. A carreira tem pontos de inflexão, e daí não tem jeito, mas, às vezes, há uma separação. Você vai sem ela, continua trabalhando. Então, há um sacrifício de ambas as partes. Mas sempre se busca uma solução, solução essa sem se desfazer do casamento, equacionar o problema, encontrar uma solução.

7- Em relação à opinião do senhor sobre o papel que as esposas de militares desempenham. Existe um papel que é determinado, quem determina...? Existe uma expectativa sobre o papel que ela deva cumprir? Qual a opinião do senhor sobre isso?

R: Olha, eu acredito que não é um papel estipulado. Se você for designado, por exemplo, como tenente para comandar um pelotão da fronteira, você é casado, sua esposa está ao seu lado. Lá você tem um papel social relevante. Ela, por sua vez, na área das mulheres, na área feminina, também, mas isso não é estipulado, ela necessariamente não tem que fazer. É uma coisa que sai de dentro de cada um, dentro da personalidade, das características de cada um. Eu não vejo que há um papel determinado que a esposa de militar tem que desempenhar.

8- Você acha que não existe uma expectativa em relação a isso?

R: Não, pelo contrário. É como um emprego normal, o marido trabalha num determinado lugar e ninguém fica esperando uma expectativa, por exemplo, de um professor de história, de um diretor da faculdade, mas a esposa dele pode, dependendo das características dela, ter uma influência bastante grande naquela área que está trabalhando ali. Eu acho que é muito pessoal isso... Não é a esposa do militar, é geral isso, isso depende muito de cada mulher e ela vai desempenhar esse papel de acordo com suas características pessoais.

9- E em relação a criação dos filhos, existe alguma especificidade na criação dos filhos, dentro de uma família militar? Algo que seja ensinado por se ter uma experiência militar ou alguma, como o senhor falou, das necessidades de mudança, quando os filhos são pequenos, ou transferência, mudarem a faculdade, a escola...

R: Você não prepara os filhos para isso, até porque hoje você não tem tanta certeza se irá se mudar tantas vezes assim. Há muito prejuízo para eles, principalmente na parte social, de socialização. Quando ele está montando sua rede de amigos ali, para crescer com ele, a gente é transferido e ele recomeça isso tudo novamente. Então, há realmente algumas dificuldades, mas se preparar, uma criação, eu acredito que não, porque dois filhos, um casal, por exemplo, com a mesma criação e as respostas de comportamento são diferentes. Volto aqui de novo na característica de personalidade de cada criança, mesmo dentro de um próprio casamento. Você encontra ali, mencionando meu caso particular, eu tenho um casal de filhos e os dois, cada um responde de maneira diferente, até pela idade, um com 20 anos e outra com 13 com cada transferência nessa fase de adolescente.

10- Existe um interesse por parte deles na carreira militar?

R: No meu caso não. Pode ser que a pequena ainda vá ser...

11- Em relação a vivência do senhor nos meios militares, o senhor percebeu ao longo dessa vivência, alguma alteração, alguma variação, em questões como valorização do casamento, formação da estrutura militar, se houve uma valorização ou desvalorização das funções que as mulheres desempenham. Se houve um aumento no número de divórcios e como é que essas mudanças poderiam ser explicadas?

R: Vamos por partes então. Valorização do casamento, aqui mais uma vez eu vou lhe dizer que, também, é um caso comum. Quanto maior são as dificuldades, maior é a união. Quanto mais dificuldades, mais você luta para conseguir uma união bem estável, um casamento. Essa união, quanto mais dificuldades tem, eu acho que o valor que você dá para isso é maior. Então, eu acho, por exemplo, você casar e ir para longe com a sua família de ambas as partes, permite a você criar desde cedo, desde o início do casamento, a sua vida própria de casal, isso aí é um aspecto bastante positivo, diferentemente de qualquer primeiro problema que tivesse e morasse perto, a esposa corre lá na mãe, corre lá no pai, ou o filho, corre para o pai, os dois lados, e já começam ter influências ali. Você estando bastante longe, apesar de ter hoje todos os meios de comunicação, mas não é a mesma coisa. Você tem que enfrentar aqueles problemas, você criar seu modo de vida sozinho e enfrentar aqueles problemas, sozinho. Um exemplo que eu vou dizer: primeiro filho. Eu tive meu primeiro filho, eu e minha esposa, sem experiência nenhuma, e tivemos que enfrentar todos aqueles problemas ali de primeiro filho, apesar de que a sogra vinha e passava um mês, mas depois ia embora. A hora que fecha a porta ali, você está sozinho, você tem dar solução. Com relação à estrutura familiar, é o que estou dizendo, as dificuldades, os problemas, faz com que você crie uma estrutura familiar até mais embasada. Valorização das funções ligadas pelas mulheres... Eu acho que aqui é mesma coisa para todos os segmentos da sociedade. Um aumento maior ou uma aceitação maior do divórcio... Até dentro do Exército, isso acompanhando algumas mudanças de comportamento da sociedade, o divórcio hoje é mais aceitável. Então, diferente de outros tempos, hoje a gente aceita isso com uma maior naturalidade, agora não é o fato de estar mudando ou de ser da carreira militar que você tem um maior número de divórcio dentro dos quartéis. Eu acredito que não, isso aí vai muito da preparação na fase de namoro, na fase de dizer realmente o que cada um vai enfrentar, para que não haja surpresas, decepções e frustrações. Caso das mudanças, quais seriam as justificativas internas ao grupo...

11- O senhor acha que, por exemplo, no caso de haver uma separação entre um casal, sendo o marido ou a esposa militar, o senhor acha que essa separação pode interferir no andamento da carreira dele?

R: Ela interfere como interfere em qualquer outra carreira. O que eu digo para você pela vivência que eu tenho, já tive companheiros, subordinados, até pessoas mais novas. Naquele momento de transição de separação, eu acho que atrapalha qualquer carreira, porque quem se dispôs a casar, é que ali havia algum sentimento, e quando aquilo se desfaz há um problema interno para ele, e isso afeta o desempenho dele dentro do trabalho, como afeta em qualquer profissão. Terminado isso, não há nenhuma retaliação, não há nenhuma, por parte da Força em cima disso.

12- Então, por exemplo, se um militar, um oficial ele se separa, não haveria algum problema de ele chegar a general?

R: Não.

13- De maneira nenhuma? Isso não é um problema da instituição, mas assim, uma tendência...

R: De forma alguma.

14- Uma última pergunta então. Quando houve o processo de incorporação das mulheres nas Forças Armadas, o senhor acha que houve alguma mudança em relação... Isso pode ser de ambas as partes, tanto em relação das esposas em relação à instituição, as Forças Armadas, ou em relação da instituição as esposas... Houve alguma mudança nesse relacionamento?

R: As Forças Armadas são Marinha, Exército e Aeronáutica. Nós podemos falar aqui, só do Exército. Marinha e Aeronáutica têm outra concepção. Um exemplo bastante claro aqui. Você está vendo aqui na minha sessão quantas mulheres? Não há nenhuma reação da minha esposa em relação à minha profissão. Hoje isso já está consolidado. Talvez no início, quando a mulher entrou dentro da Força, pudesse ter havido, não sei nem se... Estamos falando aqui de conjecturas, mas hoje não. Todo mundo entende como a mulher trabalha em todos ou outros segmentos também. Não tem problema.

15- O senhor gostaria de acrescentar algum comentário?

R: Só agradecer você, espero que tenha atendido às suas expectativas, as suas respostas, e que elas possam ser úteis na conclusão do seu trabalho de tese de doutorado.

Brasília, 20/02/2008 - Entrevista com Carolina, esposa do Coronel Oliveira

1- A senhora acredita que as características ou as qualidades que os cadetes, são estimulados a adquirir durante o processo de profissionalização, socialização militar, elas se constituem para as mulheres, fatores relevantes de atração que os torne em partidos ideais?

R: Acredito que sim, porque eles passam uma imagem, não sei se devido ao uso da farda que eles usam... Isso passa uma imagem de cavalheirismo, de poder mesmo, as pessoas têm essa idéia. Acredito que sim.

2- E quando as mulheres namoram ou se casam com um militar, a senhora acha que elas procuram... O que exatamente elas estão procurando nesse indivíduo?

R: Um casamento seguro, uma segurança na vida, no dia-dia. E acredito que não só fato de ele ser militar, mas a pessoa com quem ela está casando, também transmita essa segurança para ela.

3- Então, a senhora acha que, por exemplo, o fato de o marido da senhora ser um militar, isso passa a ser um fator preponderante na escolha que a senhora fez? Pesou bastante ou a senhora se casou com uma pessoa que por consequência era militar?

R: Não, eu o conheci ele ainda era rapazinho, ele não era militar nem nada. Mas claro que com a escolha da profissão dele isso fortaleceu mais o relacionamento também, e porque a gente vê que é uma pessoa que tem uma conduta séria que um militar tem que ser. Então, eu acho que isso ajuda muito.

4- E quanto às exigências que a vida militar traz para a esposa? Como essas exigências são encaradas? Por exemplo, as mudanças constantes.

R: Isso realmente é muito difícil, porque é uma renúncia da vida profissional, da esposa. Exige mesmo muito amor, muita dedicação. Porque as constantes mudanças, isso aí altera na família todinha. Não só a esposa, a profissão dela, os filhos, tudo.

5- E nessa vivência que a senhora tem como esposa de militar, a senhora acha que atualmente, em comparação com o período anterior, as mulheres estão ainda dispostas a acompanhar seus maridos nas suas designações?

R: Eu acredito que não. Hoje em dia as mulheres não estão abrindo mais tanta mão assim da sua carreira, da estabilidade. Tanto é que, hoje em dia, tem casos de esposas que não estão acompanhando os maridos, ficam em determinadas cidades e o marido vai transferido, porque realmente, a vida não está fácil financeiramente e então, eles procuram juntar as duas profissões de um e de outro, e está mais difícil para a esposa, hoje em dia, acompanhar o marido.

6- A senhora acha que a questão salarial ela é preponderante?

R: Com certeza.

7- E quando, por exemplo, existe essa dificuldade, quais são as soluções que esses casais dão?

R: Eu tenho visto no dia-dia que a solução é que a esposa fica mesmo em outra cidade e o marido vai para o destino, que se ela não pode acompanhá-lo, se ela não pode ser transferida... Eu tenho visto muitos casos assim, muitos.

8- Existem papéis que se espera que uma esposa de militar desempenhe, como atividades... Existe essa expectativa?

R: Acredito que sim, no comando principalmente. Quando eles vão comandar, as esposas sempre estão presentes nas atividades sociais deles, dentro do possível. Se a esposa tem essa disponibilidade, sempre ela tem uma atividade sim, para acompanhar o marido.

9- A senhora acha que as mulheres se sentem a vontade para desempenharem esse papel?

R: Isso aí é muito pessoal, é de pessoa para pessoa. Então depende muito da mulher, se ela gosta de desempenhar esse papel, ela faz com maior prazer. Agora se ela não gosta, realmente não tem nada que a obrigue a fazer isso.

10- Depois que o Exército passou a incorporar mulheres, a senhora acha que houve uma mudança na relação das esposas com a instituição e da instituição com as esposas? A senhora acha que houve alguma mudança nesse sentido?

R: Eu acredito que não. Eu respondo muito assim por mim. Porque eu já trabalhei fora e tudo. Como em todas as outras profissões existe sempre a presença da mulher, não vejo motivo para não ter a mulher dentro do Exército brasileiro.

11- E em relação à criação dos filhos, existe alguma especificidade em criar filhos dentro de uma família militar?

R: Eu acho que o filho é o mais prejudicado na vida dos militares. Já teve lugares em que eu morei 10 meses. Então, ou na mesma cidade, como em São Paulo, que eu tive que mudar de bairro. Tivemos que mudar os filhos de colégio de um ano para outro ano, a mesma coisa. Então, eles sofrem muito com as transferências e, ao mesmo tempo, eu acho que existem muitas cobranças deles, por eles serem filhos de militares na conduta deles no dia-dia. "Ah seu pai é militar...". Então, você tem que agir como um militar também. Eu acho que existe bastante isso.

12- Na vivência da senhora nos meios militares, a senhora acha que houve alguma alteração, alguma variação em questões como a valorização do casamento, valorização ou desvalorização do divórcio, uma maior aceitação?

R: Eu acredito que essa caminhada nossa... No meu caso, na minha família, essas mudanças, ainda mais quando são muito distantes para gente, vem assim, para fortalecer mesmo o casamento porque eu acho que o marido reconhece, no meu caso, que graças a Deus, eu sou muito bem casada e até hoje não tenho do que reclamar. Então, isso aí, acho que fortalece. Ele sempre procura ajudar mais, estar dentro de casa, estar mais assim, sempre presente, ajudando a gente em todos os momentos para enfrentar essa nova fase da vida, essa adaptação.

13- A senhora tem percebido um aumento no número de divórcios?

R: Olha, sinceramente eu não sei. Eu não tenho esse conhecimento, essa estatística, mas existem muitos casos, em que a esposa não acompanha o marido. Isso aí acho que acontece em todas as profissões.

14- E como é que é esse processo de adaptação? Mudar para uma nova cidade, se acostumar... Como que a senhora lida com isso?

R: Eu gosto de mudar. Acho que é até por isso que eu estou casada até hoje, porque se não, talvez, não agüentasse. Quem não gosta, nem ouse entrar nessa vida que não vai... Então, inclusive quando, para mim, vai dando 2 anos em um lugar, eu já quero mudar. A gente se adapta bem fácil.

15- Tem alguma coisa que a senhora queira acrescentar, fazer algum outro comentário...

R: Eu acho assim... A esposa de militar ela, tem que ser uma pessoa muito especial, muito desprendida, muito mesmo, em todos os aspectos. Você não pode ter uma vaidade com casa, ser apegada a nada. Você tem que ser totalmente desprendida. Hoje você mora numa casa linda, numa casa imensa, amanhã você está em uma casa pequena e é isso aí. Acho que é amor mesmo, sabe? Amor, amor e amor... É só o que eu defino ser casada com militar. E amor a nação, amor ao marido...

16- A senhora parece que se dá muito bem com essas situações...

R: É, Graças a Deus eu sou bem assim, adaptada a essa forma de vida.

17- E qual é a profissão da senhora?

R: Olha, eu me formei professora, entrei na faculdade e comecei a fazer Direito, mas também não consegui terminar devido a vida, as mudanças. E hoje em dia eu sou do lar, cuido da minha casa.

Brasília, 20/02/2008 – Entrevista com Capitão Mercaldo

1- O senhor acredita que as características, ou as qualidades que os cadetes são estimulados a adquirir durante o processo de socialização, de profissionalização, elas são fatores relevantes, são características que as mulheres valorizam na hora de namorar um militar? Você acha que elas procuram essas características?

R: Eu acho que isso não é o essencial. Eu sou aluno de colégio militar desde meus 8 anos e vou te dizer que na década de 70-80, a farda chamava a atenção, principalmente da onde eu vim, que era o Rio de Janeiro. Mas isso eu acredito que não seja fator determinante. Pode ser que o primeiro contato gere até uma certa confiança, por se tratar de uma instituição confiável, mas não como um fator preponderante.

- 2- Então, o senhor acredita que quando uma mulher se casa ou namora com um militar, ela não faz isso por ele ser militar... Ela se casa um indivíduo que por consequência é militar? É isso que o senhor acredita?

R: É isso que eu acredito. Eu posso até dizer que o primeiro contato até seja facilitado, mas não que o relacionamento seja em função disso.

- 3- Agora eu quero saber a opinião do senhor. Como é que as esposas ou namoradas, elas encaram as exigências da vida militar? Por exemplo, as mudanças constantes...

R: É difícil. Não é uma coisa fácil, porque você passa a ter que dividir o seu espaço e o que acontece hoje? Hoje, por exemplo, no meu caso eu tenho uma esposa que trabalha também, então tudo tem que ser bem conciliado. E tem algumas características da profissão que ela faz, que ela acaba viajando muito. Ela tem todas as atribuições, como eu. Então, a coisa tem que ser muito bem dividida. Então, por exemplo, o que não aconteceria a 10, 20 anos atrás. Eu tenho encargo familiar, assim como ela tem encargos trabalhistas. Então, na minha casa, tudo é difícil, dividido. Só que a grande dificuldade é que a gente, militar, não tem o “deixa para depois”, é ordem, tem que ir. Então, às vezes, a mulher não entende que você não pode dizer não. No caso do meu casamento, não tem tanto esse problema. Mas eu, por exemplo, eu sou filho único. Quando eu fui transferido para Brasília, até hoje minha mãe joga na minha cara porque eu vim e a deixei em Salvador. Não só a esposa, tem toda a família, o contexto todo. Ela sempre diz “Você devia ter pedido a Deus e ao mundo para você não ir!”. Então, a situação familiar influencia muito. A minha filha é pequena, mas eu conheço vários amigos que os filhos ficam revoltados, porque toda vez que começa a criar um ciclo de amizade, o pai é movimentado, e vão embora os amigos. Você não tem uma identificação com o estado, você passa a ser do Brasil como um todo.

- 4- Ao longo dessa vivência como militar, o senhor acha que as mulheres, uma vez que elas já estão trabalhando, já estão estudando, estão se preparando para ingressar no mercado de trabalho, você acha que elas estão se dispondo a essas mudanças? A deixar o que elas estão fazendo, e se mudar com o marido?

R: Eu digo que hoje em dia coisa é mais complicada, até porque em muitos casos, a esposa está ganhando mais do que o marido. Então, não é uma coisa fácil. Vamos dizer assim, como a senhora botou na primeira questão, para o cadete. Normalmente o cadete casa muito cedo e a coisa seja mais fácil, mas por exemplo, eu que sou de um quadro técnico, e que a esposa já pegou no meio do caminho, a coisa não é tão fácil. Não é simplesmente vamos embora, que vai largar tudo...

- 5- A questão salarial tem influenciado muito? Nesse caso, se ela influencia ou não, se a esposa está ganhando mais, ou o lugar a qual vocês vão ser transferidos, se ela pode continuar trabalhando na sua profissão ou não... Isso tem influenciado e como isso tem sido resolvido? Que solução tem-se dado para isso?

R: Eu digo que a solução é cada caso, porque, por exemplo, eu tenho amigos, não é o meu caso porque minha esposa trabalha em uma estatal, aí quando eu sou movimentado, a movimentação é facilitada. Mas eu já vi muitos casos que a esposa tem um trabalho, e são movimentados, não digo nem no interior, mas às vezes aqui mesmo por Brasília. Chega aqui, passa primeiro mês, segundo mês, não consegue emprego, começa então a quase depressão, porque sem sua autonomia e passa a depender, além de que o padrão de vida cai. Você tira um salário, o padrão de vida cai. Então, pesa muito na hora da solução. E o eu você tem que ver no Exército, é que o Exército, ele tem vários quadros, vários segmentos. Então, ele queima. Então, ele é movimentado de 2 em 2 anos. Ele tem uma perspectiva de sair general. Então, a carreira, a perspectiva de carreira é uma. Então, quem é técnico a perspectiva de carreira é outra. Então, isso influencia muito na esposa.

- 6- Há quanto tempo você está em Brasília?

R: 4 anos

7- Então, pelo menos já está mais fácil, um pouco mais de estabilidade...

R: É, mas eu já estou indo fazer meu mestrado em São Paulo em dezembro.

8- Aí então a família toda se muda?

R: Já se muda. São 2 anos em São Paulo. Eu passei quatro anos no interior do Rio, em Valença, depois passei 4 anos na capital do Rio de Janeiro, passei seis anos em Salvador, e agora vou fazer 4 anos em Brasília.

9- São bastante mudanças, né?

R: São.

10- E como é que é feita a adaptação dessas mudanças constantes?

R: O que pega mais na mudança é você está longe do apoio familiar. Então, por exemplo, eu tenho uma filha pequena. Se eu fosse de Brasília, tivesse uma família em Brasília, eu teria com quem contar. Aqui, tudo meu tem que ser pago. Tem que ter uma empregada, a empregada falta, eu tenho que trazer minha filha para o trabalho, porque eu não tenho nenhum apoio familiar. Então, a adaptação é difícil. Se você vai para uma cidade no interior, uma vila militar no interior, você ainda tem os colegas. Se bem que isso até está sendo bom, porque antigamente em função das transferências, as esposas do militares, a maioria não trabalhava. Hoje em função do poderio salarial, todo mundo está trabalhando. Então, cada um tem a sua vida. Agora, é difícil essa adaptação, é muito difícil.

11- Agora falando um pouco, em sua opinião, o papel das esposas. Será que existe uma expectativa de um papel de uma esposa de militar deva cumprir. Existe alguma expectativa em relação à instituição, aos colegas ou não? Ou isso depende de cada pessoa?

R: Isso depende de cada pessoa. O que acontece, é que as mulheres dos militares, diferente de alguns outros trabalhos, a gente convive, tem o que a gente chama de Família Militar. Até em função de você sair da onde está morando, para ir para uma outra determinada região, morar em uma vila em que é todo mundo militar. Então, a esposa passa a ser uma extensão do trabalho, com compromisso familiares, com uma série de coisas, que se fosse em um trabalho civil não teria. E esse contato com outras esposas acaba não gerando uma cobrança nossa. Mas você sabe que a mulher cobra mais da outra mulher, do que o homem. Então, às vezes há uma cobrança muito grande por parte do círculo, e não nossa, por expectativa nossa.

12- O senhor acha que com essa cobrança as esposas, elas se sentem a vontade para desempenhar esse papel? Como é que fica?

R: É de cada um. Tem pessoas que se identificam, que às vezes, são mais militares que o marido. Têm outras que reagem muito àquela situação. Imagine só, encontrei uma vez que eu estava viajando, a garota estava voltando, porque era recém-formado o tenente, ele tinha se formado, casado, e a garota tinha 22 anos, carioca do Rio de Janeiro, e ele foi para um pelotão de fronteira no meio da selva. Ela passou 3 meses lá, não agüentou, e veio embora. Luz, só até 21 horas. Aí o que acontece, acabou luz, acabou a televisão, acabou tudo. Para sair de lá, só de helicóptero ou barco. Não tinha o que fazer. Nem o telefone, para poder falar com a mãe, ela não tinha. Com 22 anos, imagine... Por que eu estou citando esse exemplo? Porque acaba criando um vínculo muito forte com as outras mulheres que estão na mesma situação, lá no local. É a família que você tem para conviver.

13- A pergunta agora é em relação da entrada das mulheres no Exército. Desde o momento em que as mulheres foram incorporadas. Você acha que houve alguma mudança na relação das esposas com a instituição Exército, a forma de encarar a profissão, ou o contrário, da instituição em relação das esposas? Houve alguma mudança?

R: Eu acho que houve uma mudança das mulheres. Eu sou de uma das primeiras turmas que teve mulheres, e eu cito o exemplo que aconteceu na minha turma. A gente, durante a escola, tira serviço como se fôssemos soldados, e no primeiro serviço, o pessoal estava acostumado a escalar só homem, escalaram novamente, homem com mulher. Só que o serviço é em torno de 22 pessoas, então todo mudo fica lá. No dia seguinte, as esposas estavam lá dentro, reclamando com o comandante sobre “que absurdo era aquele que tinha posto homens e mulheres para dormirem juntos no mesmo lugar”. No serviço, a gente passou despercebido, mas para as esposas que estavam fora, ficaram horrorizadas, pois como é que o marido dela havia dormindo com uma mulher? Só que isso foi um impacto inicial. Hoje, as esposas, foram... A cada dia que passa, vai evoluindo até o tratamento da instituição. Por exemplo, no início, você via general puxando a cadeira para uma tenente porque era mulher. Hoje não. Hoje a gente briga para o tratamento da instituição não é de homem e mulher. Você trata como militar. Você vai ver, eu sou o mais antigo daqui da sessão, e pela nossa hierarquia quando se tiver uma cadeira, senta o mais antigo. Você vai ver que as meninas ficam em pé, e eu vou sentar, porque nossa estrutura está evoluindo para isso. Aí começou outros “senões”, porque, por exemplo, você tinha uma pessoa que era tenente, mas era esposa do coronel... Se ela estiver à paisana, ela pode ser a minha colega de trabalho mais moderna do que eu, e se ela estiver fardada ela vai ser moderna do que eu... Ela civil, lá fora, à noite, é a esposa do comandante, vamos dizer assim.

14- Isso interfere até no círculo de relacionamentos, né?

R: Isso, nos relacionamentos. Outra coisa, você pode ter um oficial casado com um sargento.

15- Quando isso acontece, como que isso se resolve?

R: No dia-dia. Passa a ser natural, porque já está intrínseco na gente. Então, você vai ter a oportunidade de entrevistar depois uma tenente que eu botei justamente por causa disso. Ela é tenente e o marido é sub-oficial. Ela é daqui da sessão. Então, por exemplo, a gente aqui tem um ciclo em que todos nós somos amigos, todo mundo sabe, todo mundo se respeita e todo mundo se ajuda. Eu acho que é por aí, a coisa acaba descambando para o respeito mútuo. Aquela primeira pergunta que você falou, acho que um dos grandes diferenciais da mulher no meio militar, é o respeito que a gente tem, que acaba criando um respeito mútuo. Não digo que não aconteça, mas se você pegar as estatísticas: quantos militares batem na esposa? Tem certas coisas que a gente não admite, então...

16- Em relação à criação dos filhos. No tema família militar, existe alguma especificidade na criação do filho? Alguma diferenciação?

R: Volto ao que eu te falei. Nossa formação faz com que nós formemos nossos filhos com alguma disciplina também. Então, por exemplo, o que eu vejo muito “ah, mas papai, o meu colega não é assim”. Porque a gente cobra, coisa que a sociedade, hoje em dia, não anda cobrando muito. Eu não posso generalizar, porque cada caso é um caso, mas pelo o que eu vejo, a grande diferença da criação do militar é que militar cobra respeito dos filhos, ele está acostumado com respeito. Então. Isso para a sociedade moderna, passa às vezes a ser até quadrado isso e aquilo, mas eu acho que funciona.

17- Na sua vivência como militar, você percebeu alguma alteração, alguma variação ao longo dessa vivência, em questões como a valorização ou desvalorização do casamento? Como por exemplo, você acha que hoje, existe um número maior de militares que optam por não se casar ou você acha que casamento é essencial para a vida, para a carreira de militar?

R: Eu acho que para o militar, a presença de uma companheira é muito importante, porque você precisa de alguém para dividir. Se você está longe de casa, se você sai... O militar vai para uma escola muito cedo, vamos dizer assim, sai dos braços do pai e da mãe, muito cedo. Se não tive uma companheira para se estruturar, fica difícil agüentar a pressão da profissão. Eu acho importante. Agora o que houve de mudança é que é uma mudança da sociedade em relação à mulher. Então, por exemplo, há 20, 30 anos atrás, a mulher se sujeitava a muitas coisas em função de depender do marido. Hoje com a evolução em que a mulher tem seu salário, tem uma educação superior, ela não se sujeita mais a certas coisas. Isso é uma evolução, não só do meio militar, é uma evolução da sociedade. Então se você é movimentado, vai para outro lugar e a mulher não agüenta, ela não fica mais, não se sujeita a ficar mais, ela pega as coisas e vai embora. Então, você vai ver que o índice de separação tem aumentando muito. Até aí, você vê outras coisas, você vê que até anos atrás, que o militar separado não sairia General, porque havia toda... E hoje em dia você não tem mais isso. O nosso comandante de força é solteiro. General Willian é solteiro. Há muitos anos atrás, isso seria uma coisa que não aconteceria.

18- A outra pergunta seria sobre essa questão do divórcio. Hoje há uma aceitação maior dentro dos meios militares, da questão do divórcio?

R: Há. O que acontece não é dos meios militares, a mulher é preconceituosa, muito mais do que o homem. Então, você pega, por exemplo, uma mulher separada ela é muito mais discriminada por uma outra mulher do que o homem. Então a gente ouve muita reclamação, o grupo que você saiu, você sai daquele grupo. Transformando em uma linguagem de mercado, você está disponível no mercado. E para aquele grupo seu, de amizade que você tinha que são casados, fica aquela idéia de risco: ele separou, vai levar meu marido também, ou vice-versa, ela agora está disponível, será que meu marido vai se interessar por ela? Isso a gente presencia. Você tem essa amizade que a gente cria, daí você separa e a pessoa não tem mais para onde ir, porque os amigos não são mais.

19- Quando isso acontece, o que a pessoa faz? Como ela se reorganiza?

R: Ela tem que se organizar. Vai com o tempo. Você vai ter um novo companheiro que você vai voltar para o grupo, com um novo companheiro ou nova companheira.

Brasília, 20/02/2008 – Entrevista com Luiza, esposa do Capitão Mercado

1- Você acredita que as características que os cadetes são estimulados a adquirir durante o processo de socialização, durante sua profissionalização, elas constituem-se para as mulheres em fatores relevantes de atração? Os militares são melhores pretendentes que os outros, que os civis?

R: Eu não saberia te especificar se seriam realmente melhores pretendentes em detrimento a civis, mas sem dúvida, eu acredito que a própria questão da disciplina, da compreensão da importância de família que a gente nota, pelo menos no que eu notei do meu e alguns com quem eu convívio, contribuem significativamente, porque é uma coisa que nós mulheres acabamos tendo mais um companheiro e não um marido apenas. Também acho que esses fatores contribuem sim.

2- E quando as mulheres namoram ou se casam com um militar, o que você acredita que elas procuram nesses indivíduos, além do que você já citou?

R: Não sei se em alguns casos de outras mulheres, a questão de farda venha influenciar na opção hoje em dia, mesmo porque você já sabe que nós temos outras atividades. Você trabalha ou tem uma dedicação maior a família, mas vai à rua até por questão de manutenção mesmo de casa e tudo mais, mas eu acho que namorar com militar são duas coisas: acho que ainda existe sim, possa haver um simbólico da questão de proteção, que acaba passando por toda uma história de

educação e formação que se tem, que embora eu acredito que tenha mudado um pouco, mas eu acredito que ainda passe a para algumas pessoas, além da própria questão de formação de presença em casa, da questão de família mesmo.

3- As exigências da vida familiar, por exemplo, as mudanças constantes. Como essas exigências são encaradas?

R: É muito difícil, especialmente quando você tem filhos, porque você acaba tendo um impacto muito grande no sentido de círculos de amizades, no sentido de empregabilidade, de estudos, principalmente de estudos, quando você já tem um filho na faculdade ou que a esposa ainda faz. Então acaba sendo bastante sacrificante para o aspecto de estrutura de família. É complicada uma colocação do mercado e você ir junto com seu marido, acho que é um elemento complicador, o que não é o meu caso, pois trabalho em uma empresa que tem grande capilaridade. Então, eu consigo uma relativa facilidade de transferência, mas isso eu acho que tem um grande impacto sim. Aí isso, pode surgir como um dos grandes pontos negativos nessa relação, porque você acaba, em algum momento, talvez você precise definir entre o seu profissional e a sua família, com marido e tudo mais. E aí fica complicado. Eu, graças a Deus consegui conciliar, porque foi exatamente em uma fase que eu passei para uma estrutura de maior capilaridade, como o Exército.

4- Nessa sua experiência, na sua vivência no meio militar, você que em comparação com um período anterior, você acha que as mulheres, uma vez que elas estão estudando, estão se formando, você acha que elas ainda estão dispostas a deixar a vida que elas têm, deixar os seus projetos, para acompanhar os maridos?

R: Acredito que não. É uma decisão muito difícil, já que você tem que fazer uma opção muito difícil. Acaba sendo complicado, porque a mulher batalha muito para conseguir o espaço dela em vários espaços de representação, tanto na questão de emprego, como de liberdades, então acredito que a mulher já se pergunta muito. Eu tenho um amigo que na verdade ele é militar de outra Força, e a mulher foi transferida, ela era de uma empresa e foi transferida, e ele acabou pedindo licença para acompanhá-la, porque acabava sendo, até financeiramente, mais significativo para estrutura familiar, então eles fizeram isso. Não é a regra. Acho que ainda é um número pequeno, mas eu acredito que nós estamos conseguindo conquistar nossos espaços em gerenciamentos, em condução e que não sei se é tão fácil abrir mão. Seria difícil, cruel e acho que precisa ser revisto sim.

5- Além desse caso que você citou, encontrando essa saída, você tem conhecimento de alguma outra solução, que os casais, a família, dão para essa questão?

R: Não. Eu conheço este que ele pediu licença e acompanhou a esposa. De um modo geral, de quem eu conheço, eu percebo que eles procuram transferir alguns em que a esposa passou em concurso, eles conseguem, buscam, batalham pela transferência e aí acaba sendo a transferência meio que inversa. Ele vai acompanhando a esposa. Então, isso eu já percebi aqui. Nesse caso específico, eu já vi alguns casos, mas agora não tenho muitos exemplos...

6- Você acredita que há uma expectativa em relação ao papel que uma esposa de militar deva desempenhar? Uma expectativa, da instituição ou do grupo nesse convívio?

R: Eu acho que mais que tudo é expectativa. Há uma certa... não cobrança, mas eu acho que é um funcionamento que se chama de uma família militar, em que você também tem o papel de esposa dele. Acho que são vários papéis que agente representa. Então, às vezes você tem reuniões ou atividades, em que as esposas vão. Então, esse papel de esposa você acaba tendo. Então há uma expectativa, principalmente por conta da instituição, que eu acredito que tenda até a se adaptar, porque hoje eu percebo que as mais novas, as esposas mais novas, a maioria está no mercado de trabalho. Antes, no início, quando eu me casei logo, “ah, vai ter um chá, porque vai chegar a esposa de não sei quem novo”. E era no horário de trabalho, eu trabalhava e não podia ir. Hoje, eu

já noto que as coisas são geradas a partir de horários mais alternativos. Então, talvez até pela própria demanda de ter mais gente em mercado de trabalho.

7- Então, você acha que já existe uma adaptação?

R: Acredito que sim.

8- Você acha que as mulheres, de uma maneira geral, elas estão a vontade para cumprir esse papel? Elas se sentem a vontade para cumprir esse papel?

R: Boa pergunta. Não saberia lhe responder. A mim, não incomoda. Eu percebo que algumas se sentem, às vezes no início, um pouco desconfortáveis, mas de um modo geral, acaba até por conta de transferências e tudo mais, acaba também sendo um grupo de apoio. Então, isso surge muito como... porque você vai para uma cidade nova e existe uma certa solidariedade também, nesse grupo, o que é muito importante. Então, eu não sei se elas se sentiriam tão desconfortáveis. A mim, não é.

9- Você acredita que com a incorporação feminina houve alguma mudança na relação esposa-instituição ou instituição-esposa? Você acha que houve alguma mudança promovida pela convivência com as mulheres dentro da instituição?

R: Eu não frequento muito a instituição em si em termos das unidades, mas eu acredito que sim, mesmo porque, a gente percebe é que muitas filhas e já vi uma geração de pessoas que eram envolvidas por parte masculinas com o meio militar, até por conhecer mais. Acho que a grande população não conhece muito, o fazer do dia-dia militar. E isso fez com que se visse um profissional também. Então esse ingresso das mulheres mostra uma capacidade profissional, de atuação no mercado, que desperta assim, dentro de casa, você perceber com outro olhar o potencial da mulher no mercado. Isso acho que convida um pouco mais a despertar sensibilidade masculina, acredito eu. Acho que é um bom caminho, mas também acho que ainda se tem muito para conquistar, principalmente na instituição, porque tem mulheres em áreas muito específicas, como ensino, saúde... E eu gostaria de ver assim como tem na Força Aérea, que você já tem mulheres entrando como cadetes, piloto. E isso eu acho que são espaços que nós podemos vir conquistando com bastante propriedade. E eu percebo uma certa resistência, também, deles. Uma certa resistência... Mas é bom, eu acho que o processo de conquista vai ser duro, está sendo mais necessário para todos.

10- Em relação à criação dos filhos, você acha que existe alguma especificidade de criar filhos dentro de uma família militar?

R: Eu acho que a maior dificuldade é a própria questão de transferências e tudo mais, para as pessoas que já estão em outro patamar de muita transferência, por questão de criar raízes, amigos, grupos e acho que são elementos necessários na formação da pessoa, esse convívio social é muito importante, você ter essas relações de amizade... Então, isso é complicado. Do ponto de vista de outros aspectos, a única coisa que eu vejo, eu não sei, não é o meu caso específico, mas de você querer ter também, aquela coisa meio de “vou deixar para o meu filho a herança de que seja militar”, e de repente querer forçar para que ele venha a ser, se não tendo o perfil. Mas noto também, que até pelas necessidades de estar estudando em colégios militares e tudo mais, que é uma coisa boa, que a mulher também já entrou, as meninas. Isso é muito bacana, pois eu noto que antes de aceitarem essas mulheres havia uma certa: “Porque nós não poderíamos entrar?”, então há um certo orgulho hoje, das meninas poderem estar lá, e um elemento bom também, que você tem um ensino de qualidade, com um preço mais acessível. Então, esse aspecto de querer fazer com que venha, alguns casos que a gente percebe... Mas eu acho que a própria criança, às vezes, se espelha muito. Eu percebo que há um certo orgulho quando se está no meio militar. Há um certo orgulho e isso faz com que eu me sinta importante, aquela coisa de nação. Eu percebo que os meninos menores, todos sabem, querem entrar aqui no prédio. O menino que

acabou de entrar no colégio militar vem aqui e fica todo feliz porque conseguiu botar aquela roupa. Então eu noto sim, que há uma influência natural do próprio meio, de estar fazendo. A única ressalva é quando você tem aquela pessoa que diz “Vai servir! Vai servir”, isso eu acho complicado.

11- Em relação a sua vivência militar: você percebeu ao longo de período que houve uma alteração, uma variação em questões, como por exemplo, a valorização do casamento, por exemplo, para chegar ao generalato, é preciso ser casado, ou isso já não existe mais? Você percebeu alguma variação nisso?

R: Eu acho que é um perfil que continua sendo meio que desejado, talvez. Então, até por essa questão de estrutura familiar, que eu falei lá na primeira pergunta, quando a gente fala de família, de ter essa compreensão, essa questão. Agora não vejo como um grande tabu, tanto é que o comandante hoje é uma pessoa extremamente respeitada, tanto na instituição como fora, é uma pessoa que é muito bem vista, extremamente competente... E isso não tem nenhuma influência. Penso que há uma certa cobrança sim, eu avalio como uma certa cobrança sim. Mas eu acredito que já se desperta para as potencialidades e as capacidades mesmo, em si, como condições de trabalho, de competência, comprometimento... Eu acho que já começa a mudar, mas não sei se isso seria regra, talvez não, talvez você estar uma área mais operacional, uma coisa assim, seja mais complicada.

12- E a mesma questão em relação ao divórcio. A gente pressupõe que por conta das mudanças, também tem aumentado o número de divórcios. Você acha que realmente aumentou, que é uma questão que hoje é aceita com mais naturalidade?

R: Particularmente, não falando de militar, eu acho que divórcio, separação, essa questão de divorciar, se separar, eu acho que continua sendo, muitas vezes, não sendo bem vista em qualquer meio. Então, a gente, às vezes, fala de militar, militar, militar, mas na verdade é só um pedacinho da sociedade, em tudo que está acontecendo, com algumas características diferentes, um despertar diferente, ou não despertar, ou uma velocidade, talvez, mais lenta para algumas mudanças, mas é como em todos os lugares. A primeira vista você vê, não é uma boa companheira, é uma mulher divorciada, uma mulher separada, como em todos os lugares. Mas a gente nota, talvez hoje, você tenha mais pessoas separadas no meio militar do que você tinha antigamente, mantendo um casamento, razões outras, onde já se tinha uma carência de respeito, de uma série de elementos, como respeito, amor...enfim. Então hoje tem mais. Quanto ao tabu, existe sim. Eu imagino que sim, como eu vejo que existe fora também, então é em toda sociedade... É difícil, principalmente para a mulher.

13- Tem algum comentário que você gostaria de acrescentar? Gostaria de falar algo a respeito, em relação à família?

R: Eu acho que seria o mais interessante, é que para mim, às vezes é difícil falar de militar, porque é uma coisa tão natural. Particularmente, eu não me sinto pressionada, nem... Às vezes você acaba tendo algumas responsabilidades, como em qualquer grupo, quando você opta por algumas coisas. Você acaba perdendo outras, em qualquer situação. Então é um meio, um segmento da sociedade, como um todo, com todas as suas características. E o principal mesmo, que é o que mais me agrada, é a questão dessa compreensão de estrutura de família, que eu acho que é legal, mas acaba não sendo também, uma coisa, escrava, presa. Não é aquela sensação de prisão, e sim, de compreensão.

Brasília, 21/02/2008 - Entrevista com a Capitã Eduarda

- 1- Você acredita que as características ou as qualidades que um militar é estimulado a adquirir durante seu processo de profissionalização, durante seu processo de socialização, essas características se constituem para seus pretendentes um fator relevante de atração? Você acha que essas pessoas se interessam por essas características e por isso, talvez, escolham um militar para casar?

R: Às vezes sim, porque na realidade as características assim, dependem de como a pessoa é mesmo, independente da profissão dela, de como a pessoa é. Mas a profissão de militar, ela tem algumas exigências de comportamento da pessoa. Então, a gente tem disciplina, hierarquia, organização, então essas coisas podem ser atrativos para algumas pessoas. No meu caso, eu sou de uma família de praticamente militares. Meu pai era militar, meu irmão é militar, eu entrei na carreira militar, a minha irmã mais nova também entrou na carreira militar, a irmã do meio é casada com militar. Então, eu convivi sempre com isso, a respeitar todas as coisas que envolvem a carreira e conhecer melhor. Eu tive a oportunidade, que um civil não tem, de conhecer melhor essa vida. Então, eu admiro muitas coisas que os militares passam. Então, talvez isso faça com que as pessoas admirem as outras, mulheres admirem homens, homens admirem mulheres, talvez. Essas características de ter essa organização, essa disciplina, e também o próprio garbo que a farda impõe. Quando você vê as pessoas fardadas, seja do Exército, da Marinha, da Aeronáutica, parece que aquilo ali dá um atrativo a mais. Eu também falo isso, porque eu também vivi, da época que eu era solteira, morava com meus pais, e quando meu pai serviu na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende (RJ), eu via muito isso na população feminina da cidade. Os cadetes eram motivos de alvo, era sedutor ver aqueles cadetes fardados, bonitos e tal, aquele jovem, digamos assim, com um futuro promissor. Então aquilo chamava muito a atenção das meninas.

- 2- Então você acha que é possível fazer essa idealização, casar-se com um militar, não com um indivíduo que por coincidência é militar? Você acha que isso vira fator de atração?

R: Eu acho que sim, eu acho que vira.

- 3- No seu caso, se casar com um militar, o fato de ele ser militar foi preponderante na sua escolha?

R: Não. Eu já anteriormente de conhecer meu marido, eu já tinha namorado com militar, já tinha tido experiência de namoro com militar e não foi esse fator que fez com que nós nos uníssemos. Eu acho que foi mais amor mesmo, amor, atração... Não foi o fato de eu ser militar e nem ele ser militar. Esse fato veio a facilitar nós nos conhecermos, porque se não fosse assim, a gente não iria se encontrar, porque a gente trabalhou no mesmo local, mas dizer que eu fiquei mais interessada nele por ser militar, não. Outras características...

- 4- Você concilia uma vida de esposa e também de militar. Você acha que existe alguma expectativa específica quanto a algo que você deva fazer, o papel que você desempenha tanto como esposa, como militar? Você acha que existe uma expectativa da instituição ou do grupo – seu grupo de amigos, que envolvem com certeza militares também – você acha que existe alguma expectativa do seu papel social, algo que você deva fazer?

R: Eu não consegui pegar muito a pergunta...

É que você também é militar, mas, por exemplo, se você fosse apenas uma esposa (não-militar) de um militar, a gente acredita que há uma expectativa, que ela cumpra determinados papéis, ou tenha determinada conduta. No seu caso, que também é militar, você acha que existe essa expectativa em relação também ao seu papel de esposa? Levando em consideração seu papel de esposa?

R: Eu acho que a instituição tem todo um modo de ser que ela cria sim, uma expectativa de ter pessoas que trabalham dentro dela, que tenham uma família estruturada, que leva uma vida “tranquila”, com os problemas que todo mundo tem, mas que não seja uma pessoa, digamos assim, fora dos padrões normais sociais. Não seja uma pessoa que esteja envolvida com atos ilícitos, não seja uma pessoa que esteja envolvida com questões de violência. Há uma expectativa nesse sentido, porque a gente separa muito. Eu, por exemplo, separo muito a vida pessoal da vida profissional. Então, só quem sabe o que acontece dentro da minha casa, e só quem sabe da minha vida particular, sou eu. O meu chefe sabe o extremamente necessário e ele não interfere nisso e nem eu permito que isso aconteça. Não sei se deu para passar a idéia... E no meio social da gente, que são amigos, não tem muito por onde fugir porque a gente acaba fazendo amizade com pessoas que são militares também. Mas eu tenho amigos civis, porque eu fiz pós-graduação, por exemplo, e todas as minhas amigas eram do meio civil. E aí vem aquela questão da admiração, “poxa, você é militar, você é capitão e tal”, mas aí até, quebra-se um pouco o paradigma, porque eu já ouvi comentários, tipo assim, “ah, mas eu pensei que militar fosse todo rígido sabe, todo sério”, e não, é uma pessoa comum. Então essa pessoa pode chegar com essa expectativa, mas isso quebrado. Se a característica pessoal da pessoa for extrovertida, a pessoa “nossa, mas eu pensei que era tudo e tal...”. Isso é um pouco quebrado. E entre nossos amigos que são militares mesmo, é convivência normal, você sai, tirou a farda... Agora só tem uma característica que se você vivesse no meio militar, você iria notar, é que vira e mexe, a gente acaba falando da instituição, acaba falando do trabalho, acaba falando das coisas que envolvem o dia-dia. Então, a gente diz assim, que quando tem militares reunidos é difícil, se eles não estiverem falando de família, futebol, estão falando da rotina. Vivem muito isso... Eu acho que é isso, não sei se deu para responder...

5- Em relação às exigências da vida familiar, por exemplo, seu marido falou que não é o seu caso porque você não se muda tão constantemente, você não é transferida tantas vezes, mas pelo o que você observa, você acha que atualmente as mulheres, principalmente as esposas, elas estão dispostas a acompanhar os seus maridos, uma vez que elas já estão trabalhando, estão estudando, se formando? Você acredita que elas estão abrindo mão dessa perspectiva profissional, para acompanhar os seus maridos?

R: Eu tenho uma visão assim, porque como eu fui filha de militar, a minha mãe foi uma pessoa que acompanhou sempre meu pai, e a minha mãe não trabalhava por conta disso, ela teve quatro filhos e não tinha como trabalhar, pela questão de ter quatro filhos e por essa questão da mudança constante, também. Então, ela foi uma pessoa assim, que dedicou a vida dela à casa, aos filhos e à profissão do esposo praticamente. E ela é uma pessoa que sempre esteve acompanhando o meu pai nos eventos, porque os eventos sociais dentro do quartel, dentro da vida militar, no caso o militar, ele sempre traz a esposa. A esposa tem um papel importante nesse ponto. Eu acho que militar sempre acompanhado ali com a família, com a esposa... Eu acho que é um papel importante dessa pessoa. E aí, eu tenho essa experiência vivida pela minha mãe, que eu presenciei, e eu vejo uma mudança que ocorre hoje em dia. Eu vejo assim, muitos militares, eles tentam conciliar isso, tentam atender as necessidades da família com a sua carreira. Então, eu já vi coronéis, que, por exemplo, tiveram uma missão para sair daqui de Brasília ou no exterior, ou no Rio, e estruturaram a família aqui para não tirar filho de faculdade, para não tirar esposa do trabalho. Então, eu acho assim, existem esposas que ainda acompanham, que abdicam do seu trabalho para acompanhar a carreira desse militar, mas agora existe uma predisposição para tentar conciliar essas duas coisas. Por que isso que eu vejo? Por causa da questão financeira. Hoje em dia, não tem como, se você tiver uma quantidade de filhos maior, não tem como você sustentar com o salário só de um. Então, muitas esposas dos militares que eu vejo, elas trabalham em alguma instituição ou mesmo passam em concurso público para poderem estar acompanhando o marido, para ajudar na renda da família, porque nem todos os filhos passam em faculdade pública, tem tudo isso. Então, eu vejo assim, que a questão financeira trouxe esse costume, dos tempos anteriores em que o militar tinha a esposa para acompanhar sempre e isso é uma vida de sacrifício, que sacrifica esposa, filhos e tal, pela carreira dele, o militar de carreira, depois eu vou falar do meu caso. E aí, com essa mudança da estrutura social, dessa questão financeira, começou a mudar todo esse perfil da esposa em si ter que contribuir com a renda familiar. Então, você vê isso. E no meu caso, que é um quadro em que

a minha carreira não depende de transferência, não depende que eu saia daqui para fazer cursos em outros lugares. Se eu quiser, posso permanecer aqui sempre. Na realidade, como eu sou a militar, meu esposo é o civil agora, ele já foi militar, mas a gente sente essa necessidade dos dois trabalharem, os dois contribuírem para a gente ter uma vida mais tranqüila. Então, a gente junta esses interesses. Eu não pretendo sair daqui, porque ele passou no concurso aqui, não tem como ele sair, que ele está no governo do Distrito Federal. Então, eu não vou pleitear nenhuma mudança, nenhuma transferência. Acho que agora, há muito dessa conciliação. Eu acho que os militares, eles estão mudando um pouco, os militares de carreira, mais velhos, porque os novos eu acho que já têm essa mentalidade. Mas os mais velhos já estão mudando isso. Quando eles traçam as carreiras deles, eles já começam a visualizar “ah, aqui tem faculdade, posso ir lá, levar eles e tal, ou aqui não dá, eu posso ver se posso ficar aqui mais um ano...”. Na época do meu pai isso não acontecia. Se você perdesse aquela chance de transferência, aquilo talvez pudesse ser cobrado dele mais tarde na carreira.

6- Depois que as mulheres foram incorporadas, você entrou em qual turma?

R: Eu entrei em 1999. As mulheres, se eu não me engano, entraram em 1992, não tenho muita certeza, mas eu acho que foi em 1992, sendo a primeira turma da Escola de Administração do Exército, que foi a que eu fiz.

7- O que você percebe de mudanças na instituição depois da entrada das mulheres?

R: Como eu te falei. Antes, eu era filha de militar. Então eu participava um pouco da instituição como filha de militar, expectadora, digamos assim. E o Exército sempre foi visto assim, só de homens, com cursos voltados para esse universo... Inclusive, por curiosidade, quando surgiu vaga na Escola de Administração do Exército eu trabalhava na iniciativa privada, já fazia concurso porque eu queria muito trabalhar na minha área de Relações Públicas, não conseguia... Trabalhei quatro anos na administração de um shopping, como secretária, assistente administrativa, mas dentro da comunicação social do shopping eu não tinha conseguido chegar. Então, eu tinha muito essa aspiração. Aí meu pai: “Por que você não faz a Escola de Administração do Exército? Está abrindo vaga para Relações Públicas...”. Aí eu brincava com ele: “Ah só faltava essa, ter que bater continência para o senhor dentro de casa”. Mas aí eu fui enxergando que seria uma boa chance e passei no concurso, e entrei. Voltando a sua pergunta, o que eu vejo é assim, é que o Exército foi a última Força a fazer isso, e ele teve que se adaptar a isso, porque tudo era voltado para o universo masculino. Mais que isso trouxe, principalmente dentro da minha área que é Comunicação Social, uma suavidade nas ações que ele já tinha. Eu acho que a gente trouxe em termos de atendimento ao público, participação em ações sociais do Exército... A gente trouxe, digamos assim, uma delicadeza que quebra um pouco a rigidez que todo mundo vê que tem. Todo mundo acha que são rígidos. Então, até mesmo uma mentalidade que o Exército está tentando desenvolver agora é quebrar aquela coisa do passado, um pouco da rigidez e trazer o Exército mais para perto da população. Então, eu acho que o papel das mulheres hoje, a mudança ocorrida, é que a gente ajuda nesse sentido, porque a gente está usando farda, mas está de brinco, está de batom... Quebra um pouco isso. Então, houve uma adaptação, os chefes tiveram que se adaptar também, mas você é tratado como capitão, como tenente. Só que existe algumas especialidades que não tem como, é inerente a mulher. Então você vai para um quartel desses aí, tem que ter um alojamento separado para você. Você não vai estar no mesmo alojamento que os homens, não dá. As mulheres foram lá para o Haiti, tem todo um cuidado com elas lá. Então, teve toda essa adaptação. E de uma maneira geral, foi bem aceita. Alguns talvez, por não estarem acostumados, no início têm aquele receio, e depois vê que é tão profissional como qualquer homem. Eu acho que trouxe uma melhora nessa questão da imagem, da instituição e teve que haver uma adaptação interna para inserir essas pessoas do sexo feminino no quadro. Existe um respeito, existe paquera, tanto que pessoas se conhecem na Força, se casam na Força... Mas acho que veio melhorar o ambiente.

- 8- Em relação à criação dos filhos, você acha que existe alguma especificidade, você que é filha de militar, algo que seja específico na criação de um filho dentro da família militar em comparação com uma família civil?

R: Também, eu volto a te falar sobre as questões, as características pessoais. Eu conheço família civil que é super exemplar, que tem a criação dos filhos, uma boa educação, um bom tratamento, amor ali, principalmente, e tudo. Então, dizer assim, que a família militar tem esse diferencial, porque a instituição tem uma série de coisas e a gente passa isso para os nossos filhos, e os nossos filhos são assim por conta disso, eu acho que é muito pesado, porque cada um tem uma criação, cada um tem uma formação. Então, e assim como eu vejo que tem família militar que não é bem estruturada, que o filho não tem uma boa criação, não teve uma boa educação. Então, é aquele velho jargão que a gente usa “isso vem de berço”, então, é difícil para eu falar para você assim, que existe essa diferenciação. Eu acho que é muito de berço mesmo, é muito da educação que você recebeu dos seus pais e que você vai passar para os seus filhos. Agora, claro, existem algumas situações, por exemplo, você tem a possibilidade de colocar o seu filho no colégio militar. O colégio militar é uma das instituições de ensino mais bem conceituadas, então você já vai dar uma formação boa para o seu filho em termos de ensino que talvez o civil não tenha condição de dar. Só para te dar um parâmetro, mas para mim eu acho pesado, você essa comparação, porque eu acho que é coisa de berço mesmo, de educação, do jeito de como que você foi tratada na sua família e que você vai passar para os seus filhos.

- 9- Na sua vivência como militar, nos meios militares, você percebeu ao longo desse período, uma maior aceitação em relação, por exemplo, ao divórcio ou houve uma mudança na estrutura familiar? Você acha que hoje teve um aumento no número? E se houve esse aumento, existe uma aceitação maior desse fato?

R: Eu acho que não. Acho que continua havendo aquela coisa assim de a pessoa se divorcia e tal... A própria coisa que tem na sociedade... Eu acho que, ainda, a gente no nosso meio ainda vive isso sim, ainda há certo problema com relação a isso. A gente vê que algumas pessoas... Tem uma diferença: se a pessoa, que eu já notei, se divorcia, mas não casa novamente. Se ela já tem certo posto, certa idade e participa dos eventos sociais, fica um pouco que deslocada, porque esses eventos sociais que tem, normalmente vão trazer as famílias, e se ele ainda não arrumou uma outra pessoa, ainda está sozinho, se for homem só vai conversar com os homens, se for mulher e não conhecer as esposas dos outros homens vai ficar meio ali, complicado, ou então vai conversar com as mulheres solteiras, com as oficiais solteiras. Agora se ele casou, se estruturou de novo, tem outros filhos, ele já está inserido novamente no contexto. Eu vejo isso, eu não vou ser... não vou conta mentirinha para você, é que isso eu ainda vejo que existe.

- 10- Tem algum comentário que você queira fazer, acrescentar?

R: Eu como militar, como mulher, principalmente como mulher, hoje em dia eu vivo muito isso, como mulher. Eu estava ontem comentando com uma amiga minha, que ela é tenente, também militar, e tem duas filhas. Eu acho assim, difícil a gente conciliar profissional, esposa e mãe. Hoje em dia, a nossa sociedade cobra muito da gente. Que a gente tem que estar trabalhando pela questão financeira, estar presente em casa como esposa, e estar presente como mãe, e às vezes, essas três coisas sobrecarregam a gente como mulher. Tem dias que você fala “nossa queria 5 minutinhos só para mim, para eu ler uma revista, para eu fazer alguma coisa. Então assim, de uma maneira geral, e eu troco essas experiências com amigas minhas que são do meio civil, tem filhos, trabalham 8 horas por dia e tem as mesmas atividades. Tenho uma amiga que trabalha na Petrobrás e tem que viajar, tem que não sei o que. Então, a título de contribuição que eu sei que é mais voltado para as Forças Armadas essa tese, mas de comportamento de mulher. Hoje em dia nós temos esse papel triplo que é complicadíssimo você desempenhar. Hoje em dia nós temos um papel, talvez, mais difícil que as nossas mães, porque as nossas mães tinham talvez “essa concessão” de ficar em casa cuidando dos filhos, donas de casa. Hoje não dá mais para ter isso.

R: Então, a carreira de um militar que faz a Academia Militar das Agulhas Negras é diferente do militar que faz a Escola de Administração do Exército ou a Escola de Saúde do Exército e que faz parte do quadro complementar de oficiais. Esse militar, que digamos assim, combatente que faz Academia Militar das Agulhas Negras, ele tem umas séries de transferências pela frente. A carreira dele exige essas mudanças, tem alguns cursos como a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EAO), a ECEME, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, e no final da carreira o CEPEAF, que é o Curso de Aperfeiçoamento desses oficiais, já coronéis. Então, tem isso aí também. Tem a questão que eles vão para a tropa, comandar o quartel, que é diferente também. O quadro complementar é de pessoas que já têm o curso superior, os cadetes que entram na AMAN, eles não tem curso superior, de matemática... Eles vão fazer 4 anos na AMAN como aquilo se fosse curso superior deles. A gente entra então com o curso superior, a gente faz 1 ano de formação lá na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e a gente não trabalhar na tropa, não vai trabalhar no quartel, a gente não vai comandar... A gente até passa pela ESAO, que é a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, mas a gente não precisa fazer ECEME, não precisa fazer CEPEAF, nada disso. E aí, a gente é usado dentro da Força, como especialistas nas nossas áreas mesmo. Então, a gente trabalha dentro de setores relacionados com a nossa área. Então, por exemplo, eu sou relações públicas, estou trabalhando no Centro de Comunicação Social do Exército, na sessão de RP. Um amigo meu que é contador estava trabalhando a gráfica do Exército como contador, na parte de contas e tudo a receber. Outro amigo que é da área do Direito, trabalha na acessória do comandante do Exército, nos assuntos de Direito, um outro amigo que é na área de informática, trabalha na sessão de informática no gabinete do comandante. Então, a gente é colocado onde a nossa formação vai ser útil para o Exército. E aí, não é interessante que a gente fique mudando, porque a gente está ali para atender aquela necessidade, e como a gente não tem essa formação de combatente, também não é interessante para tropa, porque a tropa não vai ter serviço praticamente para a gente. A gente vai trabalhar mais nesses órgãos de assessoramento, diretorias, regiões militares, comandos militares de área, mais essa parte aí. Então, existe transferência para a gente, existe, mas normalmente é por necessidade de serviço ou por interesse próprio. Não está incluído no nosso plano de carreira.

Brasília, 21/02/2008 – Entrevista com Moysés, marido da Capitã Eduarda

- 1- Você acredita que as características ou as qualidades que os cadetes são estimulados a adquirir durante o processo de profissionalização, de socialização militar, se constituem para suas pretendentes, em um fator relevante de atração. Você acredita que isso pode torná-los “bons partidos”?

R: Acredito que sim. Eu vou levar o caso dos soldados. O soldado quando entra no Exército, ele é um jovem que às vezes não tem nenhuma pretensão, uma pessoa que está em casa, que não tem nenhuma idéia do que vai fazer da vida naquele momento, a não ser aqueles que já têm uma estrutura familiar boa que eles já se preparam para isso. Mas no caso dos jovens, na maioria dos jovens brasileiros, que às vezes não têm uma profissão definida, nível superior ou alguma coisa assim, eles – os pais – visam o Exército como uma forma de entrarem em uma instituição militar, para de certa forma melhorar, ser uma pessoa melhor. Eu acredito que dentro do Exército, como instituição, ela modifica muito o pensamento do rapaz, do jovem quando entra. Ele entra, às vezes, como uma pessoa desorganizada, uma pessoa sem responsabilidades, uma pessoa que não se preocupa com o dia-dia, não se preocupa com a própria roupa, não se preocupa com o cuidar das outras pessoas e, dentro daqui da instituição a gente nota do Exército...Eu notei durante 9 anos em que eu fui militar, que o rapaz...era nítido a mudança da primeira semana de soldado para a segunda semana de soldado. A primeira semana eles chegavam e se encostavam na parede, ficavam desleixados, mas na segunda semana a gente notava que até fora da instituição, tipo numa parada de ônibus, o garoto estava lá, com a mão para trás e em uma forma de respeito como acontecia dentro do quartel, mas ele estava em uma parada de ônibus, não precisava ele estar

daquela forma, mas ele estava com a mão para trás, em posição de descansar quando estava esperando o ônibus passar. Outros casos em que a gente nota muito, que eu notei durante esse tempo, é ônibus. Às vezes você pegava o ônibus junto com um soldado, ele estava lá na frente, ele vinha, avisava, dava, cedia o local. Então, isso é uma coisa que se você pegar uma pessoa que nunca serviu o quartel, de repente essa pessoa, se não for um ensinamento de casa, ela não vai fazer...levantar para dar o lugar para uma senhora, como acontece as vezes a um soldado. Claro que existem as exceções. Mas eu acredito que realmente a instituição modifica, mas não digo uma lavagem cerebral, mas ela obriga a pessoa a ter aquela atitude.

2- Então, quando uma pessoa namora um militar, o que você acha que essa pessoa procura nesses indivíduos?

R: Olha, eu acredito que assim...Quando o fato do militar quando ele...Quando você sabe que seu filho(a) está namorando um militar, existem vários aspectos: tem o aspecto positivo e digamos até, o negativo. Você pensa, o militar... se pensa muito na estabilidade, militar é sinônimo de estabilidade, então isso é bom para as pessoas. Elas olham a estabilidade, elas vêem que a pessoa está num ambiente basicamente seguro. Claro que isso não é a realidade. Às vezes o soldado não vai ter uma carreira definitiva no Exército. Mas você tem a primeira impressão, a pessoa, o aspecto... Você olha para o soldado, aquela pessoa com cabelo bem cortadinho, aquela postura, “sim senhor”, “sim senhora”, isso a gente olha e diz “nossa, que legal, o rapaz é... né...”, mas não que isso reflita realmente o interior da pessoa, que isso não altera, altera as maneiras básicas, mas digamos assim, a parte básica da pessoa, o tratar. Agora, com certeza, acredito que isso tenha a ver com a parte de namoro...Você vai ter mais um..você vai preferir que sua filha namore um soldado, com o cabelo cortado, bonitinho, do que um cara cabeludo com o piercing no nariz, brinco na orelha, cabeludo, camisa heavy metal. Então, isso é uma diferença. Agora, a respeito das mulheres, como as mulheres entraram no Exército agora, a menos de dez anos, ainda está sendo um diferencial, porque a gente nota que a mulher ela é diferente do homem. O homem reflete todas as mudanças de comportamento, de, basicamente, uma criança para uma pessoa mais responsável em todos os sentidos. Já a mulher não, pois como ela tem uma ligação forte com a vida, na casa, com a estética, quando ela adentra no Exército, ela já tem essas características basicamente. A única coisa que o Exército ensina para elas, é a parte totalmente militar, que são as partes de continência, a posição de quando chega o mais antigo, o superior hierárquico, mas basicamente, não altera tanto. As mulheres basicamente já vêm com isso de casa, já vêm com esse comportamento

3- Você e sua esposa se conheceram aqui?

R: Eu estava no Rio Grande do Sul (RS) e fui transferido do RS para Brasília (DF), e eu servi no ministério do Exército, numa companhia de comando. Eu era subcomandante de uma companhia de comando e lá eu acabei conhecendo minha esposa, que era uma amiga de trabalho e a gente se tornou amigos, confidentes... Aí durante dois anos, ela sabia da minha vida, nós éramos confidentes, e eu sabia da dela. Aí um dia as coisas se atraíram e aí ela já estava aqui. Eu estava saindo do Exército, pois meu tempo de temporário havia terminado e a gente começou a namorar, e aí chegamos onde estamos hoje. Mas uma coisa que sempre me chamou a atenção nela foi o fato da responsabilidade, sempre foi uma pessoa responsável. Agora antes disso eu não posso dizer, porque eu não a conhecia, mas noto principalmente que ela sempre foi uma pessoa responsável dentro da função dela.

4- Antes de vocês namorarem, vocês tinham em mente em se casar com um militar ou com um civil?

R: Na realidade eu nunca tive uma escolha assim, “Ah eu vou me casar com um militar ou não”. Mas enquanto eu estava no Exército, que eu era solteiro, não tinha pretensão de namorar com minha atual esposa, eu sempre tive na cabeça, sempre tive a vontade de namorar uma militar, de ser da mesma profissão, ter os mesmos ideais, ter o mesmo assunto. A gente no Exército, quando

está dentro da carreira efetivamente, a gente acaba fazendo um mudo à parte. Então nós aqui dentro somos um mundo e lá fora é o civil. Então, a gente aqui dentro, a maneira de se portar, o comportamento, as conversas, os assuntos, às vezes, até as abreviações que a gente faz, as gírias que a gente usa aqui dentro, se a gente conversar lá fora, as pessoas não entendem, sendo que nós temos que alterar essa conversa. Enquanto isso, quando a gente conversa com qualquer militar, seja mulher, homem, criança, que estão dentro do mundo militar, todos eles entendem o assunto. Então, a gente acaba procurando pessoas da mesma...

5- Certo, então esse foi um fator importante na sua escolha?

R: Sim, de certa forma foi muito bom, porque eu a conhecia lá dentro, e a gente tinha ideologias parecidas.

6- E na sua experiência, você acha que existe um papel, em que a esposa, por ser militar, ela deva desempenhar dentro de um casamento, existe uma expectativa em relação a isso?

R: Como assim expectativa?

Existe por parte do grupo ou por parte da instituição, algo que se espere que ela faça?

R: No meio militar ou em casa?

Em casa, durante o casamento.

R: Assim, em casa a minha esposa não se difere de uma pessoa comum, ao fato de ela ser militar. Normal, a gente em casa tem tudo normal como qualquer lar. Até porque tenho amigos tanto militares, quanto amigos civis. Como eu te disse, a mulher tem uma válvula de escape, que é o fato de ser mãe, ser mulher, e que o homem não tem. O homem geralmente absorve, ele vive a carreira militar. Quando ele gosta, ele está dentro do Exército, ele vive a carreira militar. A mulher sempre tem uma válvula de escape. O fato de ela ter filho, ela não é totalmente entregue à carreira militar. O ser militar é um emprego. Ela considera como um emprego. Já o militar não, aquilo é vida. Então isso é uma diferença. Ela se doa. Ela trabalha? Ela trabalha. Mas quando chega em casa é como se transformasse em uma mulher. Em casa ela é uma mulher normal. Ela lava roupa, ela limpa a casa, ela faz comida, ela cuida da criança. E lá quase nunca se toca no assunto do quartel. Ela vira mãe.

7- E você sendo marido de uma militar diante do grupo, você acha que existe alguma expectativa em relação ao que você possa fazer, como acompanhá-la em alguma solenidade ou alguma reunião?

R: Quando eu saí do Exército, eu achei que a minha vida militar, de certa forma, havia acabado. Mas pelo fato de eu casar com uma militar, eu não me sinto excluído do Exército de certa forma. Eu participo das reuniões com minha esposa, onde ela vai... Existem almoços de confraternização onde eu estou lá. Então, de certa forma, eu não saí da carreira militar. Até porque quem foi militar uma vez, nunca deixa de ser militar. É uma farda invisível que a gente usa para o resto da vida. Trejeitos...Eu trabalho no governo do Distrito Federal e eu, apesar de já ter quatro anos que eu saí do Exército, ou cinco anos, eu não...Tem coisas que não desvinculam, que não sai. Eu ainda tenho atitudes, maneira de tratamento de militar, coisas que eu vejo que no Exército não acontecia e eu vivo usando exemplos de maneira que a gente vivia lá, que não desvincula. Então, a expectativa que noto, quando eu falo que sou casado com uma militar, todo mundo imagina que minha esposa é aquela pessoa carrasca, que se eu não fizer o negócio direito, ela me bate, briga...Não tem a ver...O fato de ela ser militar, “nossa cuidado, ela vai te dar uns tiros”, não tem nada a ver. É uma pessoa comum. A expectativa que acho que gera nas pessoas que não conhecem, é que o fato de ser militar é uma pessoa séria, carrancuda, uma pessoa que é extremamente brava, que não tem amigos e que manda todo o tempo. Isso é a característica das pessoas, né?

- 8- Desde a entrada das mulheres...Para vocês deve ter sido uma experiência bem peculiar, desde a incorporação das mulheres no Exército, você acha que houve uma mudança na relação esposas-instituição (Exército) e instituição-esposa? Você acha que mudou a forma de ver ou a forma de comportamento, desde que as mulheres foram incorporadas?

R: Olha, eu tive, digamos assim, até a sorte de eu quando entrei no Exército em 1994, já se pensava...De 94 para 95, estavam começando a ver qual seria o tratamento de um homem militar perante uma mulher dentro do Exército. O pessoal ficou...O Exército virou um pandemônio. Todo mundo ficava preocupado, um coronel, ou de um tenente, ou de um sargento, alguém chamar a atenção de uma militar. Tem que ter uma testemunha perto? “Que se não vai dizer que é assédio moral, assédio sexual ou coisa assim. Ela vai alegar o quê?” Então, o pessoal estava muito preocupado com isso, com a mulher dentro do Exército. Hoje em dia, o que a gente nota que a mulher ao entrar no Exército, melhorou muito o trato do próprio militar dentro do Exército. Digamos que estava faltando o lado feminino no Exército. Claro que ainda tem que mudar muito. A mulher, quando ela entra no Exército, ela não se doa totalmente ao Exército, porque ela tem a vida dela lá fora, que é o correto, é o certo. Só que tem coisas que ela...Não é que nem o homem que já entra e entende. Isso é isso, aquilo é aquilo. A mulher entra e fica “Por que isso é isso? Por que aquilo é aquilo”? E o homem geralmente não pensa nisso. Se disser “quebre aquela parede”, o cara vai lá e quebra toda a parede. A mulher diz “por que eu vou quebrar toda aquela parede? Mas aquela parede não precisa ser quebrada”. Então ela é racional demais nesse ponto. Então isso é uma coisa que os militares agora que estão servindo com as mulheres, é as vezes uma dificuldade de entender porque...quando eles dão uma ordem, eles querem que essa ordem seja cumprida, e não estão interessados no porque das coisas, vai e faz. E a mulher, ela mudou isso. Então a gente ainda está se adaptando...As pessoas do meio militar ainda estão se adaptando. E as mulheres também estão tentando se adaptar, mas é mais difícil, eu acho, as mulher se adaptar, do que o homem se adaptar, porque ela vai ter que mudar o sentimento.

- 9- Em relação à criação de filhos, você acha que existe alguma especificidade na criação do filho, dentro de uma família militar? Algo que se ensina ou que se orienta, em relação a uma família civil ou militar...

R: Eu acredito que não. Acredito que não existe uma mudança de aspecto de tratamento, até por que assim...Vou te citar casos em que (eu sou filho de militar)... Claro que muitas coisas que eu aprendi na vida militar, quando eu era filho de militar, meu pai me ensinava...Pra homem, digamos assim, até pode ser que tenha a ver, que o pai ensine desde novo, coisas que ele ensina para o Exército, para o soldado...Ensinar caráter, responsabilidade, até porque o militar tem que ter todos esses atributos, ele tem que seguir isso à risca. O sargento, o oficial, tem que ser uma pessoa padrão, sem nenhum problema com polícia, sem nenhum problema... Até porque pode prejudicar ele aqui dentro. Então ele de certa forma, transfere isso para os filhos. Os filhos também podem manchar a vida militar do pai. Então, pelo menos o meu pai me tratava, me ensinava coisas de certa maneira que eu fosse uma pessoa exemplar. Só que nem sempre os filhos seguem o que os pais passam. Agora no meio civil, eu noto que de outra maneira, não como de forma obrigatória, os pais também ensinam da mesma forma. Todos os pais querem levar seus filhos para o mesmo caminho. Então hoje, como eu sou civil, não faço mais parte do Exército e minha filha, na realidade é como se o Exército não existisse. A gente quer criar os filhos da melhor maneira possível. Então eu acho que, antigamente, até achava que eu aprendia certas coisas, que meu pai me ensinava certas coisas que era militar e que eu tinha que ser igual a ele. Mas não, hoje em dia eu vejo que os pais ensinam o que eles pegam na vida, no ambiente, melhor possível eles transmitem para o filho. Não que isso tenha a ver com o lado militar ou com o lado civil.

- 10- Nessa sua vivência como militar e depois disso, você percebeu alguma alteração, alguma variação na questão da valorização, ou na aceitação/desvalorização do divórcio? Você acha que houve um aumento de número de separação na família militar, por conta das mudanças de comportamento das mulheres?

R: Geralmente sim. Eu vou te explicar de duas formas: uma mulher quando casa com um militar, uma mulher civil que casou com um militar, geralmente ela tem que deixar muitas coisas de lado, porque o marido tem que ficar mudando, mudando... Então, ela não pode ter um trabalho fixo, porque se ela passa em um concurso, às vezes ela tem que desistir desse concurso, começar a trabalhar em outro lugar, ou então ela tem que ter uma profissão que tem que se adequar em qualquer lugar que ela for morar. Já o caso inverso, eu que sou civil e minha esposa que é militar, até pelo fato de minha esposa não ser muito transferida, é mais fácil eu permanecer aqui no mesmo lugar. Agora na parte de divórcio, o que eu notei, geralmente, é quando militar casa com militar. Isso eu presenciei alguns casos de militar com militar, porque o que acontece? Digamos assim, a personalidade do homem, quando são militares e a mulher não é militar, eles podiam aprontar por fora e sempre poder dar uma desculpa, “ah eu estou de serviço”, “eu estou em tal local”, “eu estou fazendo isso, estou fazendo aquilo”, e de certa forma, estava traindo a esposa. Com o fato de as mulheres entrarem no Exército, muitas mulheres de militares, começaram a fazer concurso para entrarem no Exército e se tornaram militares, e começaram a conhecer bem a instituição por dentro. Então quando o marido diz “ah eu vou em tal lugar, porque eu tenho que fazer tal coisa”, ela tem muito mais facilidade para saber se aquilo é verdade ou é mentira. Então isso, com certeza, ocasionou alguns divórcios, algumas separações, o que é inerente do homem, como também, é inerente da mulher, que às vezes estava sozinha em casa, né? E o marido não sabia... Agora, com essa situação das mulheres entrando no exército, também ocasionou problemas do tipo militar é casado com uma civil e ele conhece uma militar dentro do quartel. Então, ele acaba convivendo mais tempo com essa militar dentro do quartel, e aí acontece de separar, em motivo de estar mais próximo de uma pessoa que conhece a vida dele, que tem mais afinidade no lado militar, que a esposa às vezes não tem. Isso eu acredito que aumentou um pouco.

11- Mas você acha que esses casos, por exemplo, o fato de um militar ou uma militar se separar, se divorciar, ainda pode atrapalhar na ascensão da carreira?

R: Olha, eu acredito que o Exército ainda tem que mudar alguns paradigmas. Um dos paradigmas é o seguinte: um militar de carreira que quer chegar ao posto de general, da forma que ocorrer uma separação, um divórcio, a maneira que ocorrer, pode prejudicar sim. Então, às vezes, da maneira que ocorrer, ele se separou da mulher, deu muita briga, ele namora uma pessoa do próprio ambiente de trabalho dele, às vezes bem próxima, sendo subordinada dele. Isso, às vezes, perante aos amigos que já são de um posto avançado, que podem indicar ele para um posto de General, isso pode, realmente, atrapalhar. No Exército ainda tem aquele negócio, depende de quem você está casado. Se essa pessoa não tem um histórico, se ela tem um histórico ela pode queimar sua ascensão, mas isso eu acredito nos postos mais em cima, para General. O que nos demais para baixo, não interfere... Não vai deixar a pessoa... É vida civil lá fora. Não interfere em nada.

12- Tem alguma questão que você queira comentar, que você queira fazer a respeito das mulheres no meio militar, ou de seu cotidiano sobre o que você conhece acerca do funcionamento da família. Algo que você queira acrescentar...

R: Eu acho que a família no meio militar... Como eu agora sou do outro lado, voltei a ser civil, o que eu noto é que é assim: quando a gente vai a reuniões, todo mundo está acostumado a dizer militar e a sua esposa. Aí hoje, as pessoas estão tendo que dizer a militar e os seus esposos. É aquele paradigma que não mudou: sempre acham que militar é uma palavra referente a homem. Só que agora mudou, agora é a militar. Eles estão tendo que... Ainda está difícil para o militar interno daqui do quartel, notar que agora existem as mulheres. Ainda vai levar um tempo, não digo como forma de preconceito, mas ainda está difícil essa aceitação. Já aceitou, pois é uma coisa que não vai mudar mais, mas ainda tem, talvez as pessoas mais antigas a aceitação ainda está um pouco mais difícil, aceitar que existe uma superior, que é uma mulher. E as mulheres, está difícil para elas também, se colocar na situação de hierárquica, tipo assim, eu sou um capitão, não sou eu mulher capitão, é o posto capitão, uma função inerente a mim, então eu tenho que ser o capitão. Se eu tiver que chamar a atenção, eu tenho que chamar a atenção, porque “Eu sou o capitão”, é muito difícil para mulher isso. E o homem é mais fácil. Eu sou o capitão, vou lá, faço e acabou. Para a

mulher “ah mas eu vou ter que mandar, vou ter que falar isso para cicrano, falar isso para beltrano...” Tem, você é o capitão. Mas isso não acontece. Essa é a mudança...

Brasília, 21/02/2008 – Entrevista com a Tenente Camila

1- Você acredita que as características que o militar é incentivado a adquirir durante a sua profissionalização, você acredita que essas características se tornam fatores relevantes de atração para os seus pretendentes?

R: Eu acredito que tem algumas coisas que sim, que tornam atrativos porque geralmente, uma pessoa que saiu de casa mais cedo, tem uma certa independência maior, já sabe fazer as coisas normais da casa. Geralmente, acho que militar não é assim, digamos filhinho da mamãe, já tem essas características da independência, eu acho melhor. Quando a gente conhece uma pessoa que é militar, mesmo sem saber, já há essa característica que fica bem evidente.

2- No seu caso, quando você começou a namorar o seu marido, vocês já eram militares ou ainda não?

R: Não. Ele era militar, eu não, mas eu não sabia. Comecei a namorar porque ele também... Eu conheci ele em festas, que ele tocava de noite, era DJ de música eletrônica, conheci ele e nem imaginava que era militar, não conhecia nada de Exército. Ninguém da minha família era militar. A gente começou a sair, daí ele me falou que era militar, mas para mim, militar e advogado eram tudo a mesma coisa, era uma profissão como qualquer outra.

3- O fato de ele ser militar não foi preponderante? Você só ficou sabendo depois...

R: Só depois que eu fiquei sabendo.

4- Mas, a partir disso, você se interessou e resolveu seguir a carreira?

R: Eu trabalhava, tinha uma empresa e a gente casou e tal, e um dia eu estava olhando o jornal e vi que tinha um concurso para a Escola de Administração do Exército, aí eu fui perguntar para ele o que era, porque na verdade eu nunca tinha visto meu marido fardado. Casei com ele e não tinha visto fardado, ele sempre ia para o trabalho paisano, lá que ele se vestia e tal. Ele é legal, me trouxe material lá que tinha, folder que tinha no quartel dele, “ah não, você vai gostar”, você vai se dar bem com isso, aí ele me mostrou e me incentivou a fazer o concurso que ele achava que eu, pelas minhas características, iria me dar bem. Aí eu fiz e passei.

5- E agora, quando vocês, por exemplo, para vir para Brasília vocês conseguiram casar as transferências? Como funcionou isso?

R: Eu fiz a Escola em 2006 e fui classificada aqui em Brasília. Aí eles me transferem, aí ele pede transferência por interesse próprio para acompanhar a família. Geralmente, o Exército tem dado, mas tem umas certas exigências, que tem que ter um tempo de guarnição suficiente para a pessoa ser transferida, tem que estar de acordo com o comandante, mas quando é para acompanhar a família o Exército tem dado, se a pessoa atende as exigências. E ai ele vem, eu ganho a indenização, quem é transferido, e o outro vem como se fosse por interesse próprio.

6- Você, nesse período de experiência de casamento com militar, depois como militar também, você acha que essas exigências da vida militar, de se mudar... Como é que as famílias estão lidando com isso? Você acha que, por exemplo, antes de você se tornar uma militar, como é que você pensava sobre essa questão de transferência, de acompanhar o marido?

R: Antes a gente tinha até conversado e ele falou que não queria pedir transferência para um lugar, por exemplo, longe, tipo na Amazônia, sem me perguntar. Falei para ele que não tinha interesse, até por causa do meu trabalho, e por enquanto aonde ele trabalhava, porque ele é topógrafo, aí tem uns 5 lugares para ele servir no Brasil ou nesses batalhões destacados, que são lá no meio da Amazônia, aí a gente tinha conversado que não, que para esse lugar eu não queria ir, também não tinha muito interesse. Então, eu acho que às vezes é complicado para a família, quando muda para um lugar muito diferente e fica sem apoio dos pais, das pessoas que conhecem, próximo que pode ajudar, ainda mais para quem tem filho, fica mais complicado ainda, você tem que se apoiar na empregada, ter mais esses suportes.

7- E a questão salarial influenciou você a vir para o Exército?

R: Influenciou, porque eu tinha uma empresa, então a gente ganhava mais ou menos só que no Exército eu ia ganhar melhor, fora que também eu poderia ter esse acompanhamento. Mas influenciou bastante sim, a questão salarial, principalmente a questão de estabilidade, que uma empresa a gente nunca sabe quando vai ganhar num mês, no outro pode não ganhar nada... Então, a estabilidade foi que pesou bastante.

8- Você tem as duas experiências, como esposa e militar. Você acha que existe um papel, uma expectativa de como uma esposa de militar deva se comportar, coisas que ela deva fazer em relação ao grupo social, ou mesmo a relação à instituição? Você acha que existem essas expectativas? Você sentiu isso?

R: Senti. Quando eu era esposa não, porque na verdade, eu não participava do grupo. Meu marido ia trabalhar e era separado. Eu simplesmente não conhecia os colegas de trabalho dele, não ia lá até por causa do comandante dele, que não fazia essas festas. Na época, acho que também, eles lá topógrafos, trabalhavam em turnos, era diferente, trabalhavam dia sim... Então, a gente não... Eu não participei. Acho que ele participa mais da minha vida como militar do que eu da vida dele. Mas pelo o que eu vejo pelos colegas, aqui no Centro, tem muito isso. Quando eu estive na Escola, depois fiquei acompanhando um tempo como auxiliar do comandante. Então, principalmente a esposa de comandante tem esse papel de esposa do militar, esposa do comandante, de reunir as esposas, trabalhar numas obras sociais, tipo como as primeiras-damas, coisa parecida. Só que eu acho que tem mudado, porque algumas realmente já têm o seu trabalho. Outras ficam impedidas porque o marido muda tanto, tinha um trabalho, mas tiveram que largar.

9- Hoje você acha que por conta dessa questão profissional, elas estão assim, não menos à vontade, mas com menos disponibilidade para desempenhar esse papel?

R: Com menos disponibilidade

10- Em relação à entrada das mulheres nas Forças Armadas, você percebeu que a presença da mulher teve alguma alteração, por exemplo, no funcionamento, no dia-dia da instituição do Exército?

R: Eu estou há pouco tempo, mas certeza que teve alterações. Desde alterações físicas, porque eu acredito que havia batalhões que ao tinham condições de receber mulher, porque não tinha nem banheiro, e até de comportamentos, de como lidar com a mulher. Acho que hoje em dia já está bem acabado, bastante, mas eu acho que no começo, as primeiras sofreram mais com essa adaptação, porque as pessoas não estavam acostumadas. Algumas aqui, por exemplo, a Maria José, ela é uma funcionária antiga de 25, 26 anos, é mulher, mas ela não é militar. Estavam acostumados a lidar com as funcionárias, mas eram bem poucas. Agora está surgindo mais.

11- Você não tem filhos, mas você, pela sua experiência, pela sua percepção, você acha que existe alguma diferença quando se cria filhos dentro de uma família militar e quando se cria filhos dentro de uma família civil?

R: Eu acho que essa característica nossa de mudança, de estar longe da família, cria uma diferença, às vezes da dificuldade, porque estar perto da mãe agora pode deixar a criança com a avó, e o núcleo da família militar fica mais fechado. E também, utiliza muito os amigos. Então, aquele militar, o filho, acho que cria muitas amizades com os outros colegas que moram no mesmo prédio com os outros amiguinhos que também são filhos de militar, e fica essa convivência dentro do grupo. Às vezes até estuda no colégio militar...

12- Eu queria te perguntar em relação à sua experiência também, mas em questões, por exemplo, como a valorização do casamento, você acha que tem havido uma maior valorização ou isso tem sido deixado de lado, algumas pessoas já optam por permanecerem solteiras, ou em caso de divórcio se você percebeu, se você sabe se houve um aumento no número de divórcios, se isso tem sido aceito com mais naturalidade ou ainda não...

R: Eu acho que é aceito com mais naturalidade. Acho que a instituição militar valoriza bastante o casamento, mas valoriza também a família. Esse núcleo familiar, eu acho que quando uma família não está se dando bem, não está feliz, o Exército aqui, o pessoal procura apoiar essa pessoa, se tem alguma dificuldade com o filho. Pelo o que eu tenho visto, o pessoal procura apoiar a pessoa no momento, e aceitar. Não vejo problemas quanto a isso. Acho que se acontecesse com os jovens, pelo menos a gente vê, sair da academia, porque a gente quando entra para Complementar, já pode entrar casado, mas eles não. Eu vejo pelos chefes e pelos colegas, parece que casaram bem cedo, e esse cadetes novos agora já estão deixando para casar mais tarde.

13- Na sua percepção, você acha que, por exemplo, se há um caso de divórcio, isso pode atrapalhar a carreira do militar?

R: Não, acho que não.

14- Teria alguma coisa que você gostaria de complementar, algo interessante, mais específico que a gente não comentou aqui?

R: Tem uma questão que eu não sei se coloquei. Meu marido, eu sou mais antiga que ele, sou tenente, ele é sub-tenente, então assim, tem muita gente que acha “ah pode ter preconceito”, mas a gente nunca sentiu isso. Eu acho que sempre foi bem aceito, conheço outras militares que também são mais antigas do que o marido. Tem gente que até dizia “ah não vai poder isso, acho que eles não permitem”, mas não tem nada a ver, não tem problema. Pessoal aceita bem isso.

15- Então vocês nunca sentiram nenhum preconceito em relação a isso?

R: Não. Acho que mais o pessoal de fora ficar achando que isso é estranho, achando que vai ter uma coisa, do que o pessoal daqui de dentro.

Brasília, 23/02/2008 – Entrevista com Subtenente Martins, marido da Tenente Camila

1- E em relação a sua experiência, a sua vivência. Você acredita, você percebeu ou percebe que existe quando uma pessoa se casa com um militar, existe uma expectativa em relação ao comportamento, nas atitudes dessa pessoa? Da mulher que está se casando com um militar...agora ou anteriormente, ...homem também se casa com uma militar?

R: Agora tenho que ver... Tentar ver esse lado da mulher que se casa com um militar. É, mais uma vez tem que se destacar o que é da cultura da comunidade, do que é da cultura de um grande centro. Tudo isso tem que ficar bem caracterizado. Por que que eu falo isso? Eu acho que pela educação, pelo que é

dado num grande centro, aquilo que uma mulher já independente, vamos assim dizer, já dona de seu futuro; estudando, trabalhando, tem como visão de sociedade é diferente daquela mulher que está morando com os pais ou com certo rigor de alguns conceitos tradicionais de família, são coisas diferentes. Eu acho que em relação a uma visão diferente a isso que faz com que, por exemplo, uma cultura menos abrangente, veja que há estabilidade num casamento militar é uma coisa preponderante. Entende? Já não vejo relevância nenhuma para uma mulher mais esclarecida.

2- E em relação, por exemplo, a atitude, coisas que no processo de formação militar são valorizadas; responsabilidade, honra. Você acha que elas também procuram estes tipos de valores quando se casam com um militar?

R: Eu acho que isso vem da questão da família tradicional. Quando a moça, por exemplo, que está morando com os pais, por exemplo, ela vai pedir um conselho, ou se esse pretendente é analisado pela família de tradição, de conceitos morais etc. acho que há um ganho nisso, porque militar é uma instituição hoje, o exército é muito conceituado no nível nacional. É a unidade mais conceituada, perde para alguma outra, mas não há o que se falar em perda de atributos morais.

Então o que acontece? Isso é fator preponderante, é claro, o cara vai ser mais bem visto pela sociedade, dependendo do contexto, é claro.

3- Por exemplo, tínhamos falado de papéis que são esperados da sua experiência, que você tem observado. Você acha que existe uma expectativa em relação a forma como a esposa de um militar deva se portar? Existe um papel que se espera dela?

R: Eu acredito que sim. Porque os militares são, nós, vamos assim dizer, não vou falar hoje, eu também faço parte, existe um código de postura. Existe um regulamento disciplinar, existe uma estética que paira. Estética que vai usar termos até poucos usuais hoje, do tipo *indoor*, alguma coisa do tipo. O que que acontece? Toda familiar militar é, isso inclui todas as famílias de militares, espera-se, num círculo militar, que todos mantenham um certo estilo, já que isso aí vem caminhando junto com o próprio comportamento do militar. Entende? Então, quando as vezes desvirtua alguma coisa assim, as coisas ficam complicadas.

4- Você acha que esse papel que se espera, ele é determinado mais pelo grupo ou mais pela instituição?

R: Eu acho que a gente não pode falar instituição. Na verdade, você tem que tirar o elemento destacador, o elemento que acompanha. A gente gosta muito de falar: o exército como se fosse uma unidade autônoma, com inteligência própria. Mas na verdade, é tudo feito pelos próprios militares. Os militares é que estão determinando e os altos postos é que vão dizer, mais ou menos, vamos colocar dizer entre aspas, como cada um deve ser portar. Nada rígido. Mas...isso funciona em qualquer instituição. Uma empresa, por exemplo, não vai fazer uma cara feia com a roupa que você vai colocar, que destoa? Modo de se vestir, como você arruma seu cabelo, entende? Mais ou menos dessa forma.

5- Ainda falando do casamento. Nesses mais de vinte anos que você é militar. Você percebe que o casamento tem perdido valor, no sentido de ser fundamental para a carreira de um militar? Você acha que tem ganhado ou perdido valor? No mesmo caso de...tem aumentado muito. Tem sido mais aceito, com mais naturalidade?

R: Eu acho que o pessoal militar acompanha o tempo. Não há diferença nenhuma. Como aumentou o número de divórcios, como aumentaram o número de separações. Enfim, uniões que não num casamento tradicional. Tudo isso também acontece dentro do exército. Não é uma questão que atinge só o corpo militar, não existe diferença nenhuma dentro do exército. Acho que tudo acompanha o seu tempo, assim como hoje já tem mulheres..., e outra coisa, o ingresso de mulheres no Exército também é o retrato do tempo. Não poderia ela ficar de fora por mais tempo.

6- Em relação justamente a entrada das mulheres nas Forças Armadas, no Exército, mais especificamente. Você que tem experiência. Depois de sua esposa ter se tornado uma militar também, você percebe uma diferença dentro da instituição depois da entrada das mulheres?

R: Isso é impossível não notar. Nenhuma mudança passaria despercebida. E nota que o exército fica mais flexível. A coisa se torna mais flexível. Você, em todos os aspectos, tem que considerar que a mulher está presente. Desde coisas simples “como vai ser o banheiro feminino?”, até cuidado com o que você fala. ...do homem, seja mais educado, não falar tanto palavrão. Coisas assim. Esse é um aspecto que mudou bastante a imagem do exército para o público externo e também para o exército como um todo, num público interno. Mudou bastante por esse lado.

7- E no caso da sua esposa, sendo ela uma militar. Você percebe, dentro do grupo que acabou se formando, um grupo mais coeso, que compartilha, por exemplo, as moradias aqui em Brasília serem mais próximas, frequentam os mesmos eventos. Você percebe uma diferenciação dentro desse grupo do diferenciamento que sua esposa recebe por ser esposa de militar e por ser militar também? Talvez porque no papel que se espera dela. As vezes, preparar uma reunião de esposas ou...?

R: No caso, acho que ela tá um pouco fora desse contexto de esposa de militar. Ela se insere mesmo no contexto militar. Então, isso deixa ela de fora do chamado grupo de esposas. Entende? Porque há uma diferença grande, ela parte da corporação mesmo. Então, a gente mesmo não tem o hábito de frequentar. Ela nunca teve esse hábito de frequentar esses grupos de esposas. Eu mesmo nunca participei ativamente de grupos especificamente militar. Meu grupo de relações é mais heterogêneo. Acho que é mais ou menos isso. Não sei se respondi.

8- O que eu queria saber era isso mesmo. Porque como as experiências são bem diversas, eu tentando abarcar uma maior quantidade possível de experiências. E a de vocês é mais singular ainda. Fiquei muito contente quando sua esposa falou que depois de um tempo de casada, ela ficou sabendo do concurso para o ingresso militar. E é aí que depois me falaram de que está aumentando o número de esposas com essa abertura do exército para as mulheres, estão aumentando o número de esposas militares. Facilita na questão das mudanças. E essa era uma outra questão que eu queria abordar. Como é que vocês lidam com essa questão de transferência?

R: A questão de transferência, no nosso caso, ela não nada preocupante porque, vamos citar um exemplo, o que que é o nosso exemplo prático? O que o exército tem mais ou menos como norma? É que quando um militar, um dos militares que forma o casal é transferido, o outro deverá pedir transferência. Nem diz deverá, e sim poderá pedir transferência por interesse próprio. Isso aí gera uma questão legal que evita que os dois ganhem indenizações. Então quem é transferido ganha indenizações e quem vai por interesse próprio não ganha. E geralmente não tenho notícia de casos que não foram atendidos. Isso gera, é claro, um inconveniente para quem não quer ser transferido. Mas no caso da minha esposa, foi a primeira nomeação dela após a formação. E como fui quem a incentivou, eu disse: sem problemas, o melhor pra você é Brasília. Nós estávamos em Porto Alegre, Foi aí que falei: o melhor pra você é Brasília, melhor local. Por quê? Posso dizer que tive uma visão do que era melhor com minha experiência de tempo de serviço. Vi o que era melhor para o caso dela. Ela não sabia qual das opções era a melhor, qual o local do Brasil seria melhor. Então, eu indiquei. Isso geraria um conflito se houvesse um conflito de interesse de um do que do casal, que era uma transferência para si não importando o que isso vai implicar na carreira do outro. Isso pode realmente vir a gerar problemas sérios. Mas isso é problema de conflito de interesses do casal. Não é específico do exército.

9- E em termos de carreira que você falou agora, me veio uma questão. O fato de vocês dois serem militares pode favorecer a carreira de ambos? De conseguir ascender a outros postos?

R: Não. Isso não tem a menor importância. Na verdade, isso demanda mais é trabalho para administrar sua vida, porque se eu fosse militar e ela não, ela poderia ter optado por ser do lar, dona-de-casa. Estaria sempre pronta a questões do tipo: vamos nos mudar hoje. Como acontece com a maioria dos

militares. No caso de ambos serem, temos que administrar isso. Você vai fazer isso? Há sempre o consenso, até mesmo de viagens; a hora de estarmos em casa. Enfim, sempre há muita interação.

10- Tem alguma coisa que você gostaria de comentar, acrescentar? Você acha algo que seja relevante sobre esse tema? Eu como falei no caso de vocês sobre a criação de filhos. Vocês não têm filhos. Mas da sua experiência, você acha que a criação de filhos dentro da família militar é diferente da criação do que seria a criação dentro de uma família civil?

R: Olha. Eu acho que não. Mas isso me lembra de uma coisa que você falou a respeito. Isso vem um pouco, remete a questão do início lá da escolha das meninas como militares. Na verdade, essas coisas não são totalmente acaso. E militares tendem assim a não formar coisas assim de observação, tendem a casar com mulheres que vão justamente trazer essa segurança de uma pessoa no lar. Uma esposa dedicada, coisa dessa natureza. Que isso aí, como você tinha falado, que a mulher de hoje ela esta inserida num outro contexto; talvez essa própria escolha militar, ela se dê justamente num modelo de mulher não inserida nessa sociedade tão modernizada. Porque isso vai gerar famílias em moldes muito tradicionais. Vai gerar porque a mulher nunca, nesses casos, foi enganada. Não sabia que teria que viajar, teria que morar numa região da selva. Isso não acontece. Mas gera uma família bastante tradicional. E que vai resolver aquela questão tão bem dos padrões da família militar, se elas estão condizentes ou não. Então, essa mulher inicial é muito interessante, isso é a escolha do sujeito militar pela companheira e ainda mais no início da carreira, quando eles são novos. Isso é muito interessante porque acaba gerando esse modelo super tradicional de família: pai, mãe, filho, mãe dona-de-casa, mãe ideal. Essas coisas assim.

11- E você acha por essa questão, as vezes, eles tendem a casar com, por exemplo, filhas de militares?

R: Isso é bastante comum. Não só filhas, às vezes, dentro da instituição escola, o sujeito casa-se com a irmã do seu melhor amigo. Entende? Mesmo que ela não seja filha de militar, geralmente, é ligado à coisa militar e tem esse respaldo militar, produz esse sujeito inserido dentro do contexto.

12- Bom, você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

R: Não. Só se você tiver mais alguma dúvida.
Agradecimentos

13- Você nunca deve desconsiderar o sujeito porque, num momento histórico, ele se dá por essa interação. O que acontece é que mesmo ele não havendo antecedentes ou militares na família, o contexto onde está inserido aquele que pretende a carreira militar, ele quando n]busca isso, ele está isolando outras opções de vida: iniciativa privada, curso superior, estágio. E ele está inserido num grupo muito parecido, porque há muitas semelhanças nesse grupo. Por isso que a unidade se dá tão forte lá dentro, são pessoas que se identificam e são um grupo verdadeiro. Pessoas que se juntam com objetivos comuns. Essa é a teoria de grupo. O que acontece? Quando eles se juntam, eles vão com objetivos muito parecidos. Não interessa que não são militares, mas eles acreditam no valor da carreira militar. Hoje em dia, acho muito pouco o problema da questão financeira. É sabido que a gente não está com a bola toda. Então, a questão dos valores militares, a hierarquia, a indisciplina, isso pode não vir da família militar. Pode vir de uma educação. Entende? A questão da disciplina ela não é só dada por militares. Ela também é dada pela religião. Enfim, todas elas se juntam. Há outro fator importante a compor, que é tentar perceber como as escolhas são parecidas a partir daí também. Então, dificilmente tu vai pegar militares, ou qualquer outro aluno saído de outra escola, que já não vislumbrem um casamento, mesmo com vinte e poucos anos de idade. Por quê? Porque nessa profissão eles garantem que são homens formados. Isso é...andado. e como ser um homem formado se não pensar em família? Entende? São valores, são conceitos que não são originários da instituição militar. Mas eles se encontram no grupo dos militares. Então, tem que fazer suas escolhas. A partir de então, essas escolhas influem com quem eu vou casar. Pode ser feliz ou infeliz a escolha, mas, geralmente, eles estão cercados de um universo já, como se diz, em que pressão, e as meninas. Enfim, isso vai gerar muitos similares.

14- Bem colocado isso. Que bom que você falou isso.

R: Tem muitas questões aí que se pode discorrer sobre

Brasília, 21/02/2008 – Entrevista com Érica, esposa do Coronel Miranda

1- A senhora acredita que as qualidades ou as características que os cadetes sai estimulados a adquirir durante seu processo de socialização ou de profissionalização, elas se constituem para suas mulheres em fatores relevantes de atração, que os tornem bons pretendentes? Ou o que a gente pode chamar, entre aspas, de partidos ideais?

R: Tudo está dentro de um contexto. Quando você é namorada, teus valores são diferentes. Você leva muito em consideração os valores, a formação, a seriedade, a postura. Então, o militar desenvolve muito essas características. Então, fica realmente um fator bastante atraente. Apesar de a gente não ter, vamos dizer, um mesmo contexto, a gente tem valores, mas eles desenvolvem características bastante importantes.

2- Quando uma mulher namora um militar, a senhora acha que ela procura nesses indivíduos algo específico? O que ela espera dele? Tem alguma expectativa?

R: Tem. Todo mundo tem expectativa numa relação. A expectativa do militar existe, lógico. Uma acomodação talvez profissional, já uma segurança, uma tranquilidade maior. Tanto a seriedade, como eles são formados, eles acreditam em posturas mais sérias e não muito vulneráveis. E a própria profissão, ela é uma profissão realmente que tem o efeito assim atraente nas pessoas. Ela realmente envolve bastante. Então, ela causa assim uma boa carta de apresentação às pessoas quando conhece. Porque muita gente não conhece militar. Não sabem nada sobre eles. Eu mesmo já venho de uma vida militar. Então, para mim, é até mais fácil de entender, de conviver, de aceitar este tipo de vida que a gente leva. E o que eles são estimulados na academia a terem uma conduta de vida bastante digna. Isso é um fator realmente importante para as pessoas, para a relação em um casamento: espera estabilidade, seriedade. Então, realmente, é importante sim.

3- No caso da senhora. O fato do marido da senhora ser um militar foi um fator preponderante na escolha da senhora?

R: Como eu venho de um meio militar, eu sempre admirei muito, sempre gostei muito. E realmente eu tinha intenção de casar com um militar. Então, eu nunca tive muita intenção de fazer faculdade, num lugar muito bom, muito seletivo. Nunca tive muita intenção, vamos assim dizer, pelas próprias pessoas que conviviam, porque eles passam uma coisa assim mais infantil. Enquanto os militares parecem ser pessoas mais sérias, mais fortes. Eles te passam uma sensação que você está mais protegida. Então, realmente, eu sempre quis casar com um militar. Sempre.

4- E em relação as exigências da vida militar. Como é que a senhora ou a experiência que a senhora tem. Como é que as esposas encaram essas exigências? Por exemplo, como mudança, os relacionamentos sociais?

R: Na época em que eu casei, porque hoje as coisas mudaram muito, as pessoas se envolvem de uma tal maneira que elas tem muita dificuldade em se adaptar, mas acabam assimilando, acabam vendo a importância de abraçar essa causa e ir até o fim com ela. Apesar das mudanças, apesar das dificuldades, apesar de abrir mão da tua vida. Você vê que ela é muito mais importante. Esses laços de família são muito mais fortes do que a sua própria vida. É difícil. Muito difícil. Hoje em dia, eu reclamo bastante, sempre reclamei, porque a gente sempre abre mão da sua individualidade em troca da família. E, principalmente, o militar, em que você está trabalhando, como é meu caso, porque

mudou e tem de começar tudo de novo. E daqui dois anos está mudando de novo. Dificuldades com filhos. Então é uma causa bastante difícil essa. Mas, assim, as pessoas que eu convivo, dos relacionamentos que eu tenho, é muito raro ter separação. As pessoas acabam realmente engolindo uma situação assim. Mas ela é difícil.

5- Mas atualmente o que a senhora tem visto. A senhora acha que as esposas continuam com essa disposição de se adaptar, de ceder, às vezes, de deixar o trabalho para trás?

R: Depende do que você está me perguntando. Você diz pessoas mais novas?

6- É. Mais recentemente. Mais modernas.

R: Primeiramente, os meninos estão casando mais tarde. E as moças não estão tão adeptas. Muitas vezes os maridos moram num lugar e elas continuam trabalhando em outro. E ficam naquela coisa cíclica: viajam, passam um tempo aqui e voltam para o seu trabalho. Pode dar certo? Pode. Mas acho meio difícil numa relação uma vida inteira assim. Cada hora um num canto.

7- A senhora tem conhecimento de alguma outra solução, outra forma de arrumar isso? Além do que a senhora acabou de citar?

R: O militar ficar mais tempo parado em cada local que serve. Quero dizer muito tempo. Bastante tempo. E as pessoas criaram uma solidez maior. E principalmente...porque mulher de militar deve procurar sempre. É a única solução para a sua felicidade.

8- A senhora enquanto esposa de um militar. Existe algum papel ou algo, ou uma forma de agir que se espera que a esposa de um militar tenha?

R: Existe. Bastante. Coisa que hoje em dia está muito em falta. As pessoas estão sem muito que haja uma educação social, que o militar que por conviver muito próximo exige uma condição de convívio social mais educado, mais respeitoso. Hoje em dia o que eu observo muito é que as moças mais novas não estão tendo muito essa condição de convívio. Na minha época era assim; o convívio era mais fraterno, muito mais educado. Quando o coronel convidava você para ir na casa dele, existia mais aquele respeito pela educação. Hoje em dia você diz bom dia e a pessoa nem te responde. Hoje em dia não existe muito essa educação social.

Como eu sou filha de militar, eu já venho de um meio de formalismo, eu já estou acostumada. Mas as pessoas não estão acostumadas. Então, elas tem dificuldades e até por não acharem isso um valor, elas não estão preocupadas em serem educadas...é muito formal. E o que eu digo sempre: o militar é formal. Então, as pessoas precisam se adaptar, mesmo que elas tenham uma educação mais formal e acharem que isso tudo é balela. Isso torna uma coisa difícil de convívio. O militar é formal. Ela convive todo tempo em lugares mais requintados, com pessoas que estão sempre com tratamento educado. Então, o informalismo exagerado, aquela falta de cordialidade, é muito ruim.

9- E essas exigências. Elas são mais do grupo do que da instituição?

R: É mais do grupo. A própria instituição por si ela impõe respeito. É uma coisa desposada. É que você conviver, você estando dentro dela, você sente o impacto do formalismo, que para nós é natural e para mim não causa nenhum espanto, nenhum problema. Mas tem pessoas que tem dificuldades em se adaptar, porque tem que ter esse formalismo e elas não conseguem. Então, em pouquíssimo tempo, não conseguindo manter um tratamento normal, ela é capaz de chegar no coronel e chamá-lo de você, coisas que não existem. Porque é um tratamento, como eu digo, formal natural. E o que as pessoas não desenvolvem naturalmente, é difícil que elas, inseridas dentro do contexto delas, formal elas não tem. Isso é difícil no meio militar porque podem passar os anos, podem mudar muitas coisas, mas eles não mudam. Continuam sempre ali enraizadas.

10- Depois que o exercito passou a incorporar mulheres, a senhora acha, ou a senhora percebeu que existiu alguma alteração no relacionamento das esposas com a instituição? Ou da instituição com as esposas? A senhora acha que o fato de as mulheres terem entrado, modificou alguma coisa?

R: São casos muito específicos. No geral, acho que não. é muito pontual, como nos casos de separações de oficiais. Mas é uma coisa pontual. Não é assim frontal. Não é assim muito vivido, que a gente sinta a diferença, o impacto não. elas já dentro de um contexto formal, como eu te disse, se adaptam. Engolem aquilo lá, pelo menos assim socialmente aquilo é respeitado. Agora, o que existe bastante, essas alterações, a gente escuta vários casos. Presencia vários casos. Mas no todo não. É mais pontual.

11- Falando um pouco sobre a criação de filhos. A senhora acha que o fato de estar casada com um militar, já pertencer a uma família de militar. Existe alguma especificidade na criação dos filhos?

R: O que você quer dizer com especificidade?

12- Algo que seja ensinado, por exemplo, dentro de uma família militar e que não é ensinado numa família civil. Pode ser uma questão de valor ou forma de se portar.

R: Essa pergunta que tu me faz é até um pouco difícil. Por eu ser do meio militar, eu não sei o que é o meio civil. Meio difícil de responder mas os filhos de militares têm experiências muito boas. Mudam muito, conhecem culturas diferentes, pessoas diferentes. Eu acho que para eles é muito bom. Meus filhos, por exemplo, nunca tiveram problemas de troca de escolas, de cidades. Nunca tive problemas emocionais com eles. Sempre foram trocas extremamente naturais. Onde chegaram, sempre se adaptaram. As dificuldades são maiores quando os filhos são grandes, são adolescentes, que já tem mais amizades. Já sentem mais as trocas. Mas no normal, eu não vejo. Os meus filhos, por exemplo, eu nunca tive problemas com eles. Nada. Nenhum problema emocional. E mesmo, vamos dizer, o direcionamento. Nem meu pai, nem meu marido, nunca falaram em direcionar meu filho a querer ser militar. Eles serão o que quiserem ser. A gente orienta. Ajuda a entender o que o mundo está tendendo. Mas a escolha é dele. Não existe esse tipo, vamos assim dizer, de um compromisso que ele siga alguma carreira ou a repetir alguma coisa, não. Isso não. Apesar do militar parecer ser muito radical, ele é extremamente liberal.

13- Falando dessas vivencias. A senhora percebeu alguma alteração como, por exemplo, a valorização do casamento? Vou dar um exemplo. Hoje é necessário ainda para uma ascensão na carreira que um militar seja casado? Ou, por exemplo, se ele vem a se divorciar. Isso constitui-se num problema?

R: Tem alguns casos que, vamos assim dizer, de oficiais que estavam praticamente certos como Generais e, por uma separação, causou problemas. E eles acabam não sendo promovidos. E como tem casos que isso ai não é muito levado em consideração e saem generais. Então, eu acho importante o casamento para a manutenção da saúde da instituição, porque esse convívio de troca de esposas é até difícil no convívio, na relação social da família militar. Porque eu, por exemplo, sou amiga de uma pessoa. E, de repente, ela se separa. Essa outra esposa, eu vou ter uma certa rejeição com ela. Uma dificuldade. Por quê? Porque o militar leva uma vida muito difícil. Só quem vive isso desde o inicio, do casamento até chegar a coronel. A gente leva uma vida muito difícil. Você mora em lugares que jamais pensou na vida. Você tem que deixar até as tuas guloseimas para ficar comendo só o que tem. Então, você leva a vida muito difícil. Tem que abrir mão de muita coisa. Então, quando um oficial se separa da pessoa que você vê que se dedicou, você fica meio revoltado. Aquela pessoa passa a ser mal vista. Ela chega e não tem a mesma, vamos dizer, aceitação do que aquela esposa. Então, como eu digo, pó ser muito formal, o militar tem essas peculiaridades.

14- Mas a senhora percebe, a partir dessa experiência, hoje, sim ou não, pode ser. O divórcio tem conseguido uma maior aceitação? As pessoas estão aceitando mais naturalmente isso?

R: Eu acho isso natural, normal. As pessoas casam. Elas não são obrigadas a viver a vida inteira. Cada um tem que procurar sua felicidade do jeito que lhe convém. Mas eu não entendi o final da sua pergunta.

15- Se hoje há uma aceitação maior ou não nos meios?

R: A aceitação no meio militar existe a aceitação, normal. Mas a gente sempre tem uma dificuldade de realmente colocar essa pessoa dentro do círculo de amizade normal, que você desenvolve a vida inteira. Até pela intimidade que você já tem. Porque as coisas vem de longos anos. Então é difícil uma pessoa, de repente, que chega e agora é tua esposa e faz parte daquele círculo que você constrói...é difícil a aceitação. É mais complicado. Então, eu acho e até eu fico chateada, às vezes, de ter uma rejeição porque a pessoa não tem culpa. Ela fica...de um meio. Muitas vezes conhece uma pessoa que não foi a causa de uma separação. Simplesmente, então, quando o caso é esse, é até mais fácil. Quando é causa de uma separação, essa é inviável.

Brasília, 21/02/2008 – Entrevista com Coronel Miranda

1- O senhor acredita que com a experiência que tem, as características que os cadetes são estimulados a adquirir durante sua formação profissional. Elas se constituem para suas namoradas, suas pretendentes em um fator relevante de atração? Isso torna os militares em partidos ideais?

R: Eu não diria isso. Eu diria que, como diria o poeta: a beleza exerce atração. Então, o que acontece com os cadetes, por exemplo, é que quando nós somos formados, entre os 18 e 20 anos, nós estamos no auge da condição física, de uma forma esplendorosa. E usamos uma roupa, uma farda, ela trás consigo algo muito mais importante que sua formação e sua origem, seus valores familiares que, esses sim, tem peso. E uma primeira leitura, eu acredito que exista aquela influência da forma, do cadete, às vezes, de ser desenrolado; de praticar um esporte bem e, normalmente, ele nada, ele joga vôlei. Enfim, ele exerce uma atração. Mas isso numa primeira etapa. Numa segunda etapa em que, e ai falando numa situação de evolução, uma relação mais estável com o tempo. Eu acredito que ai a investigação vai ser feita numa segunda leitura na formação dele. Na formação familiar. Nos valores que realmente ele tem. Enquanto ser humano, enquanto de índole. A índole dele vai ser instigada porque acredito que a coisa sempre evolui. E as pessoas vão ter esse entrosamento com o tempo. Eu acredito que a coisa funciona assim mesmo. A farda, a condição militar é apenas uma primeira leitura.

2- Continuando nessa linha que o senhor está falando. O senhor acha, na sua opinião, que as mulheres quando se casam esperam de um individuo que tenha uma formação militar?

R: Eu não sei se a formação é tão fundamental. Acho que qualquer mulher, assim esposa, ela quer partilhar junto. Ela quer um companheiro de viagem. E quanto mais esse companheiro preencher aqueles requisitos de interessantes. É ai que está o foco. A vida militar, os valores, facilita a construção de consolidar esse namoro, esse casamento. Porque nossa vida é um momento que percorremos o Brasil. Mudando a todo momento e contando só com o pequeno círculo familiar para ter sucesso nos diversos desafios. Então, acredito que é ali que vai consolidando. A estrutura militar, a maneira como somos conduzidos na nossa profissão, ela sinaliza uma estabilidade, sinaliza para um grau de confiabilidade, de respeitabilidade, em que o sujeito pode cumprir ou não, como em qualquer outra profissão existem os bons profissionais, de boa formação. Como existem também aqueles que não são. Acredito que isso tudo é uma relação a dois. Mas acredito e enfatizo isso que a instituição coopera com seus valores para que haja então uma atração da mulher para, desde que ela se adeque aquilo que a instituição coloca como valor também.

3- E como é que o senhor acha, como é que o senhor tem percebido que as esposas e as namoradas encaram as exigências da vida militar? Como é que o senhor tem percebido isso?

R: A minha percepção é o seguinte: as esposas são, normalmente, elas cooperam sobremaneira. Dificilmente um militar vai passar uma vida e vencer seus desafios profissionais, o seus cursos, a sua caminhada de obstáculos, que é natural que existam, se ele não tiver uma companheira. A companheira é uma essência do sucesso das pessoas. Isso aí funciona no meio civil tanto no meio militar.

O militar com suas particularidades, eu acho que as mulheres avultam de importância porque, na minha leitura, na minha percepção, como na dos meus companheiros, como na dos meus colegas; eu noto que as mulheres dão uma contribuição, principalmente, na parte emocional. Elas ajudam muito no sucesso, pela abnegação que elas tem; pelos cuidados que elas tem principalmente com os filhos, o cuidado com a casa, com as coisas, com o bem estar da nossa família. Então, essa segurança de retaguarda é uma coisa extraordinária. Agora, eu sempre imagino que isso é uma construção a dois. Então, tem que haver também, as vezes, a gente passar por momentos difíceis e as mulheres, as vezes, a gente briga e as mulheres reclamam. Mas elas tem que reclamar, porque as coisas não são muito simples como podem parecer no cinema. Só na convivência do dia-a-dia é que se vê os desafios. Então, é por superarem ao longo da vida muitos desafios é que elas reclamam. E eu sempre brinco e digo que as nossas mulheres, dos militares são iguais, são semelhantes ao exército francês: sempre reclamam, mas sempre marcham.

4- Por conta da maior inserção da mulher no mercado de trabalho. O fato de atualmente a maioria se preparar, estudar, graduar para ingressar no mercado de trabalho e a própria questão no mercado de trabalho e a própria questão salarial. O senhor acha que essas questões têm mudado a disposição das esposas de acompanharem seus maridos nas suas determinações?

R: Para a minha geração, eu assim me considero já coronel, estou com 30 anos de serviço; as senhoras dos meus companheiros são muito parecidas com minha esposa. Elas não vão mudar, quer dizer, mesmo que elas venham a trabalhar, elas vão sacrificar em prol da família. Porque foi uma construção de longa data. Então, de alguma maneira, elas vão procurar opções mas não vão abrir mão de família, da construção da família, daquilo que elas construíram. Porque elas são as grandes responsáveis por essa coisa gostosa que é nossa família. Então, esse é ponto forte. Eu acredito muito nisso. Por outro lado, as gerações mais novas, e eu observo bastante isso claramente, noto que as famílias se formam do tempo de namoro, depois mesmo no casamento; as mulheres não estão conseguindo, as vezes, pela obrigatoriedade do emprego e por não quererem também abrir mão daquele emprego, pela necessidade que aquele recurso, daquele salário que entra todo mês. Então, muitas vezes, o casal, é muito comum o militar estar numa cidade e a esposa morar numa outra cidade porque esta trabalhando e está estudando em outra cidade. Às vezes, ela fica com os filhos e, às vezes, ele fica com os filhos. É uma evolução que está acontecendo, esta sendo administrado, e eu acho que a instituição está cada vez mais se humanizando, muito. Antigamente, éramos movimentados assim de uma forma bastante aleatória e pelo interesse do serviço. E, atualmente, se tenta sempre conjugar o interesse familiar. Aumentou-se muito a sensibilidade institucional para os problemas individuais de cada família. Isso está melhorando, está diminuindo o impacto. Mas a tendência é das mulheres não abrirem mão das suas conquistas profissionais, e aí, de alguma maneira a instituição vai ter que se quadronar para que a família não seja separada e seja mantida sempre unida.

5- Em relação aos papéis que as esposas de militares desempenham. O senhor acha que existe uma expectativa da esposa em desempenhar determinado papel? Ou ter determinadas atitudes? Cumprir determinadas obrigações? Isso tudo num meio social. Principalmente, no meio social. Existe alguma obrigação, algo que se espera de uma esposa?

R: No que tange esse aspecto do que se espera da esposa, é que o meio militar ele é formal. Então, se uma esposa, por exemplo, ela se comporta de uma maneira inadequada, naturalmente, ela vai chamar a atenção. E as pessoas tendem a se distanciar dela. Essa é a realidade que pode ocorrer. E a inadequação é aquilo que a gente julga que não é uma convivência harmônica. O peso da vestimenta, por exemplo. O palavrão é muito pouco usado no meio social. Uma pessoa que usa palavrão de forma contínua, inadequada, às vezes, ou imprópria., aquilo causa uma consternação. Há sempre uma expectativa da esposa de ela corresponder à semelhança do marido, uma tradição de bom convívio, de um tratamento respeitoso, mas ao mesmo tempo descontraído. Isso não quer dizer que não se brinque,

não se sorria muito, não se divirta de todas as formas. Tudo isso dentro de um parâmetro que é aceitável, que é natural de consideração e de respeito. Então, não deve ser separada. É uma coisa que pode e deve ser conjugada. Vejo que a sociedade está evoluindo para uma informalidade muito grande. As vezes, por um desrespeito, por exemplo, em sala de aula, você vê um aluno desrespeitar o professor e aquilo é tido como uma forma normal. E que o professor venha a ter tratamento psicológico para se adaptar a uma situação que não deveria acontecer. O professor na sala de aula tem que ter uma autoridade sobre os alunos. Pelo menos, para ele poder expor a sua aula, sua obrigação. Então, é dessa forma. Eu vejo com naturalidade e não com problemas, nesse sentido, de que tem que haver uma adequação. Mas ela tem que analisar em qualquer meio que nós venhamos a conviver, ele tem suas características. Por exemplo, se você for frequentar o meio jurídico, as pessoas vão andar de terno. O meio jornalístico, ele tende a uma informalidade muito grande. Então, cada meio tem as suas características próprias. E se a pessoa se adequar, ela vai conviver melhor e, se ela é muito diferente, ela vai acabar tendo dificuldade de convivência. Em qualquer meio que ela for viver.

6- Depois da incorporação das mulheres, que o exército passou a incorporar mulheres no serviço. O senhor percebeu que houve alguma mudança nas relações entre as esposas e a instituição? Ou a instituição e as pessoas?

R: Não. Absolutamente não. As mulheres quando entraram no Exército, elas estão no Exército já há um bom tempo, pelo menos uns 15 anos. Elas entraram como profissionais. São tratadas como profissionais e quando há um problema qualquer de uma relação além daquela esperada do local de trabalho, e existem normas, regulamentos que sinalizam e que muitas vezes punem as pessoas que não respeitam o local de trabalho. Então, isso é um aspecto importante.

Quanto ao aspecto das mulheres, das esposas dos militares. As esposas quando conhecem, elas imaginam que algum tipo de motivação pode existir. Na minha opinião não vejo, de modo geral, depois de conhecerem algumas militares vai naturalmente vendo, como no meio civil, as pessoas trabalham sem problema nenhum. A presença feminina não muda em nada a relação da esposa com o próprio marido e da própria instituição em relação a esposa. Esposa de militar é esposa de militar. E militar é militar, que pode ser tanto masculino como feminino. E será tratado sempre daquela forma educada, dentro de um círculo hierárquico etc. E a esposa de militar sempre será tratada também da forma adequada. Essas coisas não se misturam. Imagino que não haja essa mistura.

7- Falando agora sobre a criação de filhos. O senhor acredita ou percebe que existe uma especificidade na criação de filhos dentro de uma família militar?

R: A gente convive muito entre nós. Temos também amigos civis e não vejo muita diferença. A não ser aquela particularidade de mudanças constantes. Não vejo muita diferença. Então, não vejo. Por exemplo, existe uma imagem que o militar é muito intolerante dentro de casa, ou é muito disciplinar dentro de casa, ou que é cheio de regras. Existe o contrário. Por exemplo, nós temos as nossas regras militares porque são necessárias para a sobrevivência e para a atividade do militar dentro dos nossos quartéis, dentro da nossa rotina. Mas quando se entra dentro de casa, nós cumprimos muito o tom que a esposa dá. Se a esposa for organizada, nós seremos organizados. Portanto, seremos alguma coisa. E se a esposa for desorganizada, a tendência do militar é não ser tão organizado. Segue, então, muito o tom que a esposa dá em casa. Agora, lembrando ainda que na minha família, e eu vejo muito em outras famílias, quem mais ou menos define o quadro, as rotinas dentro de casa e em relação aos filhos, são as esposas. Elas são as grandes responsáveis assim a dar a linha mestre em todos os aspectos. Seja na formação de valores, seja na formação educacional, seja o acompanhamento psicológico. Enfim, ela está sempre muito mais ligada, muito mais próxima e passa uma coisa muito mais forte do que os pais que passam de 8 a 10 horas por dia fora de casa. Então, a responsabilidade é muito das esposas. Não vejo, portanto, muita diferença e acho que existe sim um preconceito achar que o militar vai transformar sua própria casa num quartel. E eu corro o contrário. Minha esposa exige muito de mim dentro da casa para eu ser disciplinar. Eu sou altamente disciplinado. Então, dos meus dois filhos e da minha esposa, todos são organizados. Eu sou o único que sou desorganizado. No entanto, no exército, eu sou considerado organizadíssimo. Meu melhor conceito, em termos, de todos os aspectos é a organização. Então, eu sou considerado, ao longo da minha vida, organizadíssimo.

Mas, no entanto, em casa eu não consigo ter o mesmo desempenho até porque a casa é um lugar de descontração. Só que minha esposa me julga muito bagunçado. Então, os meus filhos puxaram ela, graças a Deus. Os três são muito organizados e o único que faz bagunça sou eu. Não vejo, assim, essa coisa do militar criar uma mentalidade própria. Ele é muito semelhante a sociedade. Não é muito diferente. Só que certas coisas no meio militar a gente trata assim com bastante cuidado: filhos. Nós acreditamos que filho com drogas tem muito a ver com desatenção do pai. Então, se você quer ter filhos longe de droga, seja um pai atuante. E, as vezes, diga não para o seu filho. O militar tem capacitação para fazer isso. Ele entende muitas vezes que precisa dizer não para um filho para que ele não ultrapasse o limite. As vezes, isso acontece. A formação militar dá um respaldo para isso. Mas não quer dizer que as coisas vão acontecer dessa forma. Os filhos, ao longo do tempo, que eu vejo no meio militar, são grandes amigos. O que mais se caracteriza dos meus filhos é a amizade. E o meio militar coopera com isso. Agora temos poucos casos de camarada que vai roubar, que vai fazer coisas assim que contraria as normas da própria sociedade. Acho que somos exatamente produto da sociedade. Nem mais nem menos. Com algumas particularidades porque vivemos num meio com algumas diferenças, algumas regras mais específicas, mas não vejo diferenças marcantes não. tanto é que eles são muito adequados tanto no meio civil. São até admirados por terem facilidade de convivência, por rapidamente se adequarem às situações. São admirados. Então não vejo restrição ou dificuldade.

8- O senhor percebeu, ao longo de sua vivência, alguma alteração ou variação em questão, por exemplo, na valorização do casamento? Ou uma maior ou menor aceitação, ou aumento do número de divórcios?

R: Da minha geração, nós fomos ao casamento de muitos colegas. E vários colegas foram no nosso casamento. Desses, da minha época, são mais de 25 anos, 95% deles estão casados ainda. É uma coisa de estabilidade. Eu não sei avaliar se isso é satisfatório. Não sei se as pessoas estão acomodadas ou estão sufocando uma ansiedade. Não sei exatamente. Posso falar do meu caso. Eu estou com minha mulher porque eu tenho um profundo prazer com ela, uma enorme satisfação. Minha companheira de vida, então, eu tenho uma satisfação enorme com ela e acredito que seja recíproca. São conquistas das nossas vidas que nós fizemos juntos. E compartilhamos ao longo da vida. É uma coisa profundamente satisfatória; nós somos muito felizes. Passamos isso para nossos filhos. Essa coisa de satisfação, de prazer. Eu vejo as coisas muito por essa forma de realização.

Acredito, então, que as separações que existem na sociedade e estão aumentando, isso está atingindo os militares e suas famílias. Mas em gerações mais novas é que por várias circunstâncias. Sejam, principalmente, pela mulher no mercado de trabalho, dificuldades em fazer as composições, dificuldades em fazer as composições, a própria dificuldade em se manter uma relação mais duradoura. A naturalidade com que as relações estão se trocando, a cada momento, dos casais, que estão alternando suas opções. Mas nós já viemos de um outro tempo em que as coisas eram mais, essa é minha leitura. O casamento é bom no início, ele fica muito bom e depois ele entra numa fase excelente. Eu estou vivendo a fase excelente. Porque criamos nossos filhos, cada um está com seu próprio destino e a gente sente uma realização muito grande. E nossa convivência é cada vez mais saborosa. E tem as desavenças normais que qualquer casal que convive um tempo. Cada vez mais nos sentimos imprescindíveis uma para o outro. É isso que acontece muito num casamento. A gente curte muito conviver com o outro. Conversar com outro, brincar. E acho muita falta quando não tem essa coisa do dia-a-dia. Hoje, numa viagem, eu sinto muito mais quando era mais jovem. Uma saudade muito grande. E acontece o mesmo com minha esposa. Minha esposa teve uma experiência que vale relatar. Teve um período que eu fui movimentado do Rio, morava em Niterói. Fui movimentado para Brasília. E minha esposa trabalhava no rio. E ela teve que ficar 6 meses por uma questão de cumprir contrato. E fiquei na época com meus dois filhos adolescentes aqui em Brasília e minha esposa no Rio. Foi um desastre. Um verdadeiro desastre. Principalmente para mim e para toda família. Nosso eixo de equilíbrio estava distante. Eu não conseguia conduzir a casa com a mesma, nem 10% do jeito que minha esposa faz, com a qualidade que ela faz. As crianças se sentiram profundamente insatisfeitas pela falta da mãe. E a mãe distante, desesperada, com saudade da família. Chegamos a conclusão que nenhum emprego do mundo, por mais que ele pague bem, vai substituir a presença dela. Restaurando o nosso equilíbrio. Então, foi uma coisa terrível, porque a minha filha, ela assumiu o papel da mãe. Assumiu a casa, apesar de muito jovem. Mas sem nenhum tato com o trato a nós, eu e meu filho. Ela

tinha verdadeira dificuldade real de nos harmonizar dentro da casa, porque eram dois bagunceiros e um começou a trabalhar. Então, perdeu o nosso eixo de referência. É uma vez esse eixo sendo estabelecido, a gente viu quanto ele é essencial para a nossa vida. A coisa é por aí. O casamento tem isso. A construção de uma vida. Eu digo que quando eu não estiver satisfeito, eu procurarei outro caminho e acho que ela também. Então, nós estamos aqui acomodados. Nós estamos juntos porque nos realizamos. Isso é o cerne. A gente se complementa, se completa. Somos felizes assim e cada vez eu acho mais bonita que no dia anterior.

9- Tem alguma coisa que o senhor gostaria de acrescentar? Algo que o senhor falou em relação a isso e que talvez a gente não tenha abordado?

R: Não....

Agradecimentos